

GABRIEL BARRETO ROSSELLO

**O LABORATÓRIO DE LEITURA COMO DINÂMICA DE FORMAÇÃO HUMANÍSTICA PARA
RESIDENTES FARMACÊUTICOS CLÍNICOS**

Tese apresentada à Universidade
Federal de São Paulo para obtenção do
Título de Doutor em Ciências.

SÃO PAULO
2022

GABRIEL BARRETO ROSSELLO

**O LABORATÓRIO DE LEITURA COMO DINÂMICA DE FORMAÇÃO HUMANÍSTICA PARA
RESIDENTES FARMACÊUTICOS CLÍNICOS.**

Tese apresentada à Universidade
Federal de São Paulo para obtenção do
Título de Doutor em Ciências.

Orientador: Prof. Dr. Dante Gallian

SÃO PAULO
2022

Rossello, Gabriel Barreto.

O Laboratório de Leitura como dinâmica de formação humanística para residentes farmacêuticos clínicos

Gabriel Barreto Rossello. – São Paulo, 2022.

XI, 148f.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de São Paulo, Escola Paulista de Medicina.

Título em inglês: The Reading Laboratory activity as a humanistic training for clinical pharmacist residents.

Palavras chave: 1. Farmacêuticos clínicos. 2. Educação em Farmácia. 3. Formação humanística. 4. Pesquisa Qualitativa 5. Literatura

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO ESCOLA PAULISTA DE
MEDICINA**

Departamento de Medicina Preventiva

Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva

Chefe do Departamento:

Prof. ^a Dra. Rosemarie Andreazza

Coordenadora do Curso de Pós-Graduação:

Prof. ^a Dra. Zila van der Meer Sanchez

Gabriel Barreto Rossello

**O Laboratório de Leitura como dinâmica de formação humanística
para residentes farmacêuticos clínicos.**

Presidente da banca

Prof. Dr. Dante Marcello Claramonte Gallian

Banca examinadora

Prof.^a Dra. Gabriela Wagner

Prof.^a Dra. Nathalie Dewulf

Prof.^a Dra. Djenane Ramalho de Oliveira

Prof. Dr. Ramiro Fernandez Unsain

Suplentes

Prof. Dr Carlos Pompílio

Prof. Dr. Rafael Ruiz

Dedicatória

*À Kelly Naomi, a minha inigualável
companheira e amiga que percorreu toda
esta caminhada.*

*Ao meu querido pai e amigo Aldo pela
presença, pela paciência e pela
compreensão em todos estes anos.*

Agradecimentos

Primeiramente, gostaria de agradecer aos residentes **farmacêuticos** que participaram desta pesquisa, já que eles foram os grandes protagonistas e coautores deste trabalho. Da mesma forma agradeço enormemente às farmacêuticas **Cleusa Martins Goes e Vanussa Barbosa** por terem sido promotoras da pesquisa.

Obrigado pela disponibilidade, compromisso e pelo respeito ao meu trabalho!

Agradeço imensamente ao professor **Dante Marcelo Claramonte Gallian**, que é uma pessoa essencial para entender a minha trajetória destes anos morando no Brasil.

Obrigado pelo seu acolhimento, seu carinho, e a sua compreensão. Também o agradeço por ter me dado a oportunidade de fazer parte do grupo de pesquisa onde desenvolvi meu mestrado e o meu doutorado.

Agradeço especialmente à minha amiga e colega **Clarissa Nars**, pelo apoio, parceira e, sobretudo, pela sua grande contribuição para a concretização final dessa tese. Agradeço aos meus colegas **Yuri Bittar, Licurgo Carvalho e Ricardo Mituti**, pelo apoio, pela compreensão e pelo carinho que recebi nestes anos.

Agradeço imensamente ao professor, amigo e mentor **Ramiro Unsain**, pelo seu incentivo e apoio à minha trajetória acadêmica.

Agradeço a todos os professores que participaram da minha banca de qualificação e dos que estarão na banca da defesa:

Ao meu grande amigo uruguaio **Fernando Vázquez** pelo seu interesse neste trabalho e pelo carinho - de seus comentários sempre enriquecedores.

A todos meus amigos, familiares e pessoas que estiveram neste trajeto da minha vida estiveram apoiando e ajudando, direta ou indiretamente.

À **CAPES** (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), por apoiar e financiar essa pesquisa.

Aos funcionários da **UNIFESP**, em especial à Sandra Fagundes, pela atenção e disponibilidade.

Lista de Siglas

ACPE - Accreditation Council for Pharmaceutical Education

ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil

CeHFi - Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde.

CFF - Conselho Federal Farmacêuticos

DNC - Diretrizes Nacionais Curriculares.

EPM - Escola Paulista de Medicina

FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

HC-FM-USP - Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

LabHum - Laboratório de Humanidades

LabLei - Laboratório de Leitura

MEC - Ministério da Educação

PEC-PG - Programa de Estudantes - Convênio de Pós-Graduação

PNM - Política Nacional de Medicamentos

SBRAHF - Sociedade Brasileira de Farmácia Hospitalar

SUS - Sistema Único de Saúde.

TCLE - Termo de consentimento livre e esclarecido

UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo

WHO - World Health Organization

Resumo

A formação e o treinamento dos farmacêuticos clínicos modernos têm sido orientados pelas recomendações do documento “Standards and Guidelines for the Accreditation of the Pharmacy Professional Program” lançadas pela Accreditation Council for Pharmaceutical Education (ACPE) norte-americana. No Brasil, essas orientações foram inseridas nas denominadas "Diretrizes Curriculares Nacionais" (DCNs) que, por sua vez, têm promovido mudanças curriculares na carreira do farmacêutico clínico.

O cerne desta reformulação curricular é a urgência em incorporar disciplinas, cursos ou atividades que possibilitem a formação humanística dos futuros profissionais. No entanto, e apesar desses impulsos regulatórios, publicações acadêmicas na área de educação farmacêutica entre os anos de 2010-2020 mostram ainda uma tímida implantação de disciplinas ou cursos permanentes que atendam à formação preconizada pelas DCNs.

Objetivo: Diante desse panorama, esta pesquisa teve como objetivo descrever, analisar e avaliar um curso de formação humanística, denominado “Laboratório de Leitura” (LabLei), que foi realizado com um grupo de farmacêuticos pertencentes à residência em Farmácia oferecida pelo Departamento de Farmácia do Hospital de Clínicas de São Paulo. **Métodos:** Toda a dinâmica do “Laboratório de Leitura” foi desenvolvida por um coordenador que mediou um total de 24 sessões de tipo mesa-redonda utilizando cinco livros de Literatura de ficção como recurso didático. Os dados empíricos da experiência foram o diário de campo, as gravações das reuniões, os relatos finais e as entrevistas de História Oral com os participantes. Após toda a textualização dos dados, foi realizada uma análise descritivo-interpretativa articulada com referenciais teóricos da área de educação na saúde, educação em farmácia, da filosofia e da Literatura. Este estudo foi desenhado e conduzido com base em referências metodológicas da área da pesquisa qualitativa em saúde e da área da educação em saúde. Assim, foi escolhida uma abordagem epistemológica-analítica embasada nas referências da fenomenologia-hermenêutica.

Resultados: Os resultados desta tese são apresentados em quatro artigos. Um artigo de revisão da literatura, ou estado da arte do tema, e outros três que ilustram os resultados das diferentes análises dos ciclos do Laboratório de Leitura. O primeiro artigo mostra uma perspectiva de análise a partir dos temas de pensamento crítico-reflexivo e habilidades comunicativas. O segundo artigo se debruça em uma análise centrada no benefício do LabLei no fomento das habilidades afetivas. Por fim, um último artigo mostra os resultados a partir do tema da empatia. **Conclusão:** Como principal conclusão, destaca-se que a dinâmica do LabLei promoveu um espaço de debate e troca de opiniões onde foram abordadas questões éticas que contribuíram para o desenvolvimento de habilidades caras à profissão. Neste sentido, o LabLei contribuiu na formação dos residentes seguindo as premissas do programa de residência em Farmácia e fomentando o pensamento crítico deste grupo de estudantes. Pode-se dizer que este trabalho brindou resultados que contribuem para a interlocução com outros estudos da área no que tange ao uso das humanidades – especialmente a Literatura – como ferramenta auspiciosa nesta área.

Palavras-chave: 1. Farmacêuticos clínicos. 2. Educação em Farmácia. 3. Formação humanística. 4. Pesquisa Qualitativa 5. Literatura

Abstract

The education and training of modern clinical pharmacists has been guided by the recommendations of the document “Standards and Guidelines for the Accreditation of the Pharmacy Professional Program” released by the Accreditation Council for Pharmaceutical Education (ACPE) in the United States. In Brazil, these guidelines were included in the so-called "National Curriculum Guidelines" (DCNs) which, in turn, have promoted curricular changes in the career of clinical pharmacists. The core of this curricular reformulation is the urgency to incorporate disciplines, courses or activities that enable the humanistic training of future professionals. However, despite these regulatory impulses, academic publications in the field of pharmaceutical education between the years 2010-2020 still show a timid implementation of disciplines or permanent courses that meet the training recommended by the DCNs. **Objective:** Given this scenario, this research aimed to describe, analyze and evaluate a humanistic training course, called "Laboratory of Reading", which was carried out with a group of pharmacists who attended the residency in Pharmacy offered by the Department of Pharmacy of the Hospital de Clinicas de São Paulo. **Methods:** The entire dynamics of the “Reading Laboratory” was developed by a coordinator who mediated a total of 24 round-table sessions using five fiction literature books as a teaching resource. The empirical data of the experience were the field diary, the recordings of the meetings, the final reports and the Oral History interviews with the participants. After all the textualization of the data, a descriptive-interpretative analysis was carried out, articulated with theoretical references in the area of health education, pharmacy education, philosophy and literature. This study was designed and conducted based on methodological references in the area of qualitative research in health and in the area of health education. Thus, an epistemological-analytical approach was chosen based on the references of phenomenology-hermeneutics. **Results:** The results of this thesis are presented in four articles. An article reviewing the literature, or state of the art on the subject, and another three that illustrate the results of

the different analyzes of the Reading Laboratory cycles. The first article shows an analysis perspective from the themes of critical-reflexive thinking and communicative skills. The second article focuses on an analysis focused on the benefit of LabLei in promoting affective skills. Finally, a last article shows the results from the theme of empathy.

Conclusion: As a main conclusion, it is highlighted that the dynamics of LabLei promoted a space for debate and exchange of opinions where ethical issues were addressed that contributed to the development of skills dear to the profession. In this sense, LabLei contributed to train residents following the premises of the residency program in Pharmacy and fostering critical thinking in this group of students. It can be said that this work has provided results that contribute to the dialogue with other studies in the area regarding the use of the humanities - especially Literature - as an auspicious tool in this area.

Keywords: 1. Clinical Pharmacists. 2. Pharmacy Education. 3. Humanistic training. 4. Qualitative Research 5. Literature

Sumário

Dedicatória.....	v
Agradecimentos.....	vi
Lista de Siglas.....	vii
Resumo.....	viii
Abstract.....	x
1 INTRODUÇÃO.....	1
1.1 Apresentação e estrutura da tese.....	1
1.2 História do projeto.....	2
1.3 Problemática e justificativa.....	8
1.3.1 O farmacêutico clínico e a residência multiprofissional em Assistência Farmacêutica	9
1.3.2 A Formação humanista/humanística do Farmacêutico clínico	10
1.3.3 Entendendo conceitos: Humanidades, Formação Humanística, Humanização em saúde. Laboratório de Humanidades/Leitura	11
1.3.4 Literatura e formação humanística	14
1.3.5 Relevância do estudo	15
1.4 Objetivos Gerais	17
1.5 Objetivos Específicos.....	17
2 PERCURSO METODOLÓGICO.....	18
2.1 Delineamento metodológico.....	18
2.2 O campo da experiência.....	18
2.3 Caracterização das fontes de dados empíricos	22
2.4 Caracterização da Análise Interpretativa	25
2.5 Aspectos éticos da pesquisa	26
3 RESULTADOS.....	27
3.1 As Humanidades e a formação humanística na carreira de farmacêutico clínico: revisão do estado da arte.....	27

3.2 Benefícios da literatura de ficção científica para a formação do farmacêutico clínico.	37
3.3 Affective skills in pharmacy education: Benefits of a humanistic experience.....	52
3.4 Formación farmacéutica, empatía y educación de los afectos: Una experiencia humanística literaria	66
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
4.1 Considerações finais como pesquisador	84
4.2 Considerações sobre o andamento da pesquisa	86
4.3 Desfecho e desdobramentos da pesquisa	89
5 REFERÊNCIAS.....	90
Anexos.....	98
Bibliografia Consultada	134

1 INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação e estrutura da tese

Neste primeiro capítulo apresento: a história do projeto, onde explico as motivações do projeto de pesquisa; a problemática e justificativa do tema, onde exponho o arcabouço teórico pertinente ao tema, e por último, apresento os objetivos da tese.

No segundo capítulo denominado “Percurso metodológico”, explico o caminho adotado para a execução deste estudo. Assim, no subcapítulo “delineamento metodológico”, apresento as pautas teóricas na concepção do estudo. Posteriormente, apresento as questões práticas metodológicas que fizeram parte do desenvolvimento da pesquisa nos subcapítulos “Caraterização da proposta”, “Fonte de dados” e “Análise”.

No terceiro capítulo, “Resultados”, apresento os artigos correspondentes a cada etapa do estudo.

- **As Humanidades e a formação humanística na carreira de farmacêutico clínico: revisão do estado da arte.** Neste artigo foram apresentados os resultados de uma revisão da literatura realizada para analisar os principais estudos relacionados com o tema da tese.
- **Benefícios da literatura de ficção científica para a formação do farmacêutico clínico.** Neste artigo foram apresentados os resultados de um ciclo de Laboratório de Leitura.
- **Affective skills in pharmacy education: Benefits of a humanistic experience.** Neste artigo foram apresentados os resultados de um ciclo de Laboratório de Leitura.
- **Formación farmacéutica, empatía y educación de los afectos: Una experiencia humanística literaria.** Neste artigo foram apresentados os resultados de um ciclo de Laboratório de Leitura.

No capítulo “Considerações finais”, faço uma série de reflexões sobre as conclusões que deixaram os resultados e sobre o desfecho final da pesquisa.

Finalmente, nos Anexos, apresento cinco Narrativas de História Oral de Vida como parte empírica essencial do trabalho.

1.2 História do projeto

Caro leitor, vou começar este relato contando o meu percurso como pesquisador para contextualizar a concepção desta pesquisa.

Lembro-me desde a minha infância que tanto a minha mãe, educadora, professora de geografia, quanto o meu pai, licenciado em eletrônica e em sistemas de redes, foram sempre grandes amantes das artes. Uma primeira grande paixão deles que eu gostaria de salientar foi o cinema. Isto porque eles se conheceram na cinemateca Uruguiaia, onde assistiam filmes para tentar fugir daquela realidade obscura e opressora dos anos em ditadura do país no final dos anos 70. Igualmente a eles, eu também cultivei uma grande paixão pelo cinema. Outra grande paixão deles, que eu também herdei, foi a música. Tanto me apaixonei por ela que aos 13 anos comecei a tocar guitarra e até hoje passo grande parte do meu tempo livre compondo canções e tocando com os meus parceiros.

E, claro, meus pais foram grandes leitores e amantes da Literatura também. Eu me lembro de ter acesso a todo tipo livros; desde aqueles ilustrativos e educativos para crianças até os “de adulto” que estavam na biblioteca da minha casa (me permito usar as aspas porque eu sou uns dos que pensa que há somente livros e não “livros para alguém”). Já desde aquela época, e por conta do estímulo que tinha em casa, eu tive um importante contato com a Literatura de ficção; tanto com os contos infanto-juvenis quanto com a Literatura clássica.

Eu fui um grande leitor até meus 13-14 anos. Porém, nesta etapa da minha vida, por conta de vários fatores, comecei a deixar de frequentar os livros de Literatura de ficção. Talvez por conta das mudanças pessoais daquele momento, ou pelo tédio que infelizmente sentia, quando cursava a disciplina “Literatura” no ensino médio do Uruguai. Até hoje me lembro o quão “maçante” conseguia ser aquela disciplina para grande parte dos adolescentes daquelas aulas. Isto, para mim, foi, ou talvez ainda seja, uma grande falha do sistema educativo que cursei. Acredito que, antes de ser uma aula de

“Literatura”, aquilo era mais uma “história da Literatura” ou “análise literária”, o que, a meu ver, eram abordagens inadequadas para o estímulo da leitura de ficção desses alunos. Lembro-me que era muito difícil se conectar com “O Quixote” de Cervantes ou “As rimas” de Adolfo Béquer de uma forma tão pouco didática, pedagógica ou até mesmo “natural”. Ainda penso que aquilo me afastou bastante do mundo literário. Por outro lado, acredito que o meu maior afastamento foi a partir do final do ano de 1998, após a minha inscrição para o curso de graduação em Farmácia. Os seguintes anos da graduação se passaram entre salas de aula, laboratórios de química, biologia e ciências farmacêuticas. Mas também eu comecei a ter uma paixão primordial naquela época: uma banda de *rock*. Portanto, não possuía tanto tempo para os livros de ficção. Só me reconciliaria com a literatura após a minha graduação em 2006 e me reapassionaria por ela em 2011. Mas isso já é outra parte da minha história... A seguir, caro leitor, vou continuar com a segunda parte da história... No ano de 2006 graduei-me como Químico Farmacêutico. Logo em seguida comecei a exercer a profissão chefiando a Unidade de Dose Unitária na farmácia do hospital onde já trabalhava desde 2001. Naquele ano passei de “auxiliar de farmácia” a “subchefe de seção”. No começo, pensei que seria a grande mudança na minha vida, porém...

A princípio entusiasmado com o trabalho, pouco a pouco fui capturado pelas atividades burocráticas e rotineiras envolvidas no gerenciamento de medicamentos e de recursos humanos. Isto foi minando o meu entusiasmo com aquele dia a dia que nada tinha a ver com as minhas ilusões de estudante. Aos poucos, também fui percebendo que não era um descontentamento só meu, mas de vários dos meus colegas que trabalhavam comigo. De fato, nós farmacêuticos fazíamos um trabalho muito aquém do que podíamos exercer.

Não contente com essa situação, fui atrás de novos horizontes tentando refletir e repensar o meu futuro como profissional. Foi assim que entre 2008 e 2010 cursei disciplinas da Licenciatura em Antropologia da Faculdade de Humanidades de Montevideú. Era uma área que eu algo conhecia, já que o meu pai tinha cursado Antropologia e possuía alguns livros interessantes sobre o assunto.

Estas disciplinas me trouxeram conhecimentos complementares, mas importantíssimos para entender melhor não só a minha profissão quanto o mundo das ciências humanas. Por outro lado, foi lá que me aproximei muito mais do mundo acadêmico e das pesquisas qualitativas. Eu consegui cursar umas oito disciplinas naqueles anos.

Só que... após muito refletir durante o ano de 2010, acabei decidindo que iria dar um grande passo na minha vida, ia fazer uma grande mudança; vir para o Brasil. Mudar-me para São Paulo requeria pensar nas alternativas que eu poderia ter, morando no país.

Já desde aquela época eu tinha a clara intenção de continuar estudando fora do Uruguai. Assim, eu vi que podia pleitear uma bolsa pelo programa PEC-PG oferecido pelo governo federal. Foi assim que contatei um professor de uma Universidade Federal para ver a possibilidade de ter a orientação dele para o projeto que eu pretendia apresentar... A bolsa não foi deferida e, mesmo assim, com um misto de sentimentos, no ano de 2011 mudei-me para São Paulo.

Aos poucos dias de ter chegado no Brasil, encontrei com o professor Dante Marcello Claramonte Gallian. Ele, com quem eu havia tido o contato desde o Uruguai, teve o grande gesto e amabilidade de me receber no seu lugar de trabalho... nesse dia, conversamos sobre as possibilidades que eu tinha de estudar no Brasil. Ele explanou que era chefe do CeHFi (Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde), que pertencia ao departamento Medicina Preventiva da EPM/UNIFESP e que estava consolidando uma linha de pesquisa própria atrelada a um programa de pós-graduação. Eu não tinha muita noção do que significava a “Saúde Coletiva” ou ‘humanização em saúde”, mas ter falado com o professor já fora uma grande alegria.

O mais importante foi que ele me convidou para que participasse do “Laboratório de Humanidades”, carinhosamente chamado de “LabHum”, que hoje em dia é uma atividade de extensão que é uma disciplina eletiva da graduação e da pós-graduação da EPM.

O professor me contou, brevemente, a história do LabHum. A atividade começara sendo extracurricular, cujo objetivo era ler e discutir textos filosóficos e da história da Medicina no ano de 2003 e que, após alguns anos, fora evoluindo gradativamente até o

atual formato. Hoje em dia o LabHum tem como atividade central a discussão e debate de obras literárias.

Lembro-me como se fosse hoje quando comecei a frequentar o LabHum como ouvinte no primeiro semestre de 2011. Assim, tive que me deparar com a discussão de “A Divina Comedia” do Dante Alighieri... O que mais me encantou da disciplina foi que, antes de entrar em discussões filosóficas, sociológicas ou históricas mais profundas, se incentivava a manifestação e compartilhamento das sensações e de emoções dos participantes.

Porém, o ciclo que mais me marcou foi o do segundo semestre de 2011, onde foi a vez do livro “Admirável mundo novo” e do “Zorbas o Grego”. Foi nesse semestre onde consegui redigir, apesar das dificuldades com a língua portuguesa, o meu primeiro relato de “história de convivência”.

Caro leitor, permito-me finalizar esta história compartilhando o primeiro “relato de convivência” que fiz como participante do “Laboratório de Humanidades”. Deixarei o texto com os evidentes problemas de redação na língua portuguesa que eu tinha naquele ano de 2011:

“Minha experiência como participante do LabHum representou, além de um espaço de estudo Universitário, um lugar de encontro com pessoas que influenciariam muito no meu contato com a cidade de São Paulo. O fato de conhecer e vivenciar o LabHum, me ajudou enormemente a entender os aspectos culturais e sociais do Brasil. Sendo um estrangeiro novo na cidade, o dia a dia da atividade me deu a oportunidade de conhecer pessoas e de conhecer quais as suas motivações e sentimentos. Efetivamente, ter sido participante de um grupo de pessoas culturalmente diferentes, me ajudou a entender outra língua, entender outras sensações, outras preocupações se me apresentaram, porém, o afeto humano, o calor do grupo fez que me sentirem “em casa”.

Ademais, participar do Labhum falando outra língua me obrigou a “tirar um outro eu de mim”. Fui me aproximando mais à língua na medida em que ouvia e falava os depoimentos dos outros.

O LabHum sem duvidar foi uma experiência que desencadeou profundas reflexões e emoções para quem segue o dia a dia do grupo. Nele, como em tudo grupos humanos, aparecem as mais diversas manifestações humanas de acordo com as crenças, expectativas, desejos e motivações dos participantes, o que gera um espaço amplo de intercâmbio de opiniões onde prevalece o respeito e tolerância pelo depoimento do outro (em um mundo cada vez mais intolerante com o outro e cheio de

preconceitos). Ao final dos encontros do LabHum ficou um sentimento de pertença ao grupo e afloram as novas relações humanas que se estabelecem no decorrer dos encontros. Por um lado, uma das coisas mais importante para mim foi a estimulação da leitura de livros de Literatura, o que me ajudou a fugir um pouco das leituras "técnicas" em que muitas vezes mergulhei.

Por outro lado, aprender com o outro foi simplesmente único, me levou a incorporar uma dimensão humana de conhecimento, enquanto ser da experiência, que é impossível de encontrar sem a presença do outro. O encontro de experiências humanas, enaltece para sempre nosso espírito. De fato, muitas vezes me senti identificado, surpreso, chocado, com a experiência do outro, o que nos leva a refletir profundamente sobre nossa vida..."

Já muito empolgado com a acolhida do professor Dante, e com a turma do LabHum, decidi encarar outras disciplinas que o professor me recomendara. Assim, acabei participando do grupo de estudos sobre Humanização em saúde, ministrado pela professora Jacqueline Sakamura e do grupo de estudos sobre Narrativas e História Oral em saúde ministrado pela professora Fabiola Holanda. Foi após estes cursos que tive uma melhor noção da linha de pensamento que o professor levava no CeHFi.

No segundo semestre do ano de 2011, comecei a frequentar o CeHFi com o intuito de poder continuar meus estudos junto ao professor Dante. Assim, fui participante do I Colóquio Internacional de Humanidades e Humanização em Saúde, simultâneo ao I Congresso Internacional de Humanidades Médicas.

Entre 2011 e 2012 pude conhecer melhor as pessoas que faziam parte do grupo de pesquisa e que estavam desenvolvendo trabalhos sob a orientação do prof. Dante. Após participar do I Encontro Internacional de História Oral e Narrativas em Saúde, decidi que iria apresentar um projeto de pesquisa para entrar no programa de pós-graduação em Saúde Coletiva, sob a orientação do professor Dante Gallian.

Após superar as dificuldades para desenhar um projeto de pesquisa, entre final de 2012 e começo de 2013 consegui entregar o texto a ele. Foi no final do 2013 que fui matriculado no programa de pós-graduação em Saúde Coletiva. Nesta pesquisa investiguei questões referente à identidade e à formação de profissionais farmacêuticos hospitalares do Brasil utilizando a abordagem de História Oral de Vida como cerne da pesquisa. A história que construí e vivi durante os três anos e meio de mestrado me

ajudaram a aprender como fazer pesquisa qualitativa. Tanto o Seminário de Estudos e Pesquisas do CeHFi (2013-2018) A construção do Campo de da Saúde Coletiva (2014) Ciências Sociais e Humanas em Saúde (2014) Curso on-line de Pesquisa no Pub-Med. (2015) me ajudaram a entender mais ainda o escopo da linha de pesquisa em termos teóricos e metodológicos.

Além disso, fui participante e expositor no Terceiro Congresso Internacional de Humanidades Médicas e participante no I Congresso Internacional de Humanidades e Humanização em Saúde (2014).

Já em agosto de 2015, defendi a dissertação de mestrado fruto daquela pesquisa que eu intitulei “Entre o técnico e o humano: Vivências e questionamentos de farmacêuticos hospitalares da cidade de São Paulo através de relatos de História Oral de vida”.

Este trabalho foi apresentado no V Congresso Brasileiro de Humanidades Médicas e no V Congresso Internacional de Saúde, Bem-estar e Sociedade, ambos dois entre agosto e novembro de 2015.

Daquela dissertação foram publicados dois artigos:

- Entre lo técnico y lo humano: el binomio humanización-deshumanización en el contexto de la Farmacia Hospitalaria, Revista OFIL, volumen 26, número 4, 2016.
- “A gente tem aquele jeitão farmacêutico de ser...”. Escolhas, dilemas e desafios de farmacêuticos hospitalares na busca de uma identidade própria, Rev. Bras. Farm. Hosp. Serv. Saúde São Paulo v.7 n.1 21-25 jan./mar. 2016.

Foi a partir dos resultados advindos desse trabalho, onde foram analisadas sete entrevistas de História Oral de Vida com farmacêuticos de diversas instituições, que consegui identificar e delimitar um tema medular: a questão da formação e do currículo na graduação. Muito me identifiquei com vários dos relatos e histórias de vida onde era salientada a falta de ferramentas para o pleno exercício da profissão. Esse foi o grande

tema que despertou a minha vontade de seguir a minha formação acadêmica e de pensar um novo projeto de pesquisa. Comecei a vislumbrar uma pesquisa onde eu poderia aplicar o LabHum para profissionais farmacêuticos como experiência formativa.

Felizmente, eu possuía o contato de uma profissional farmacêutica do Hospital das Clínicas que tinha participado na pesquisa do mestrado. Ela, coordenadora do módulo de educação continuada para os residentes do departamento de Farmácia foi quem me animou para desenvolver o estudo.

Em uma primeira busca preliminar que realizei sobre trabalhos relacionados aos métodos educativos ou de formação envolvendo o debate de livros de literatura de ficção, vi que era uma área muito interessante para desenvolver uma pesquisa que visasse favorecer a formação humanística de profissionais farmacêuticos clínicos.

Por fim, saliento que foi a minha experiência como participante de, pelo menos, oito ciclos do LabHum o que contribuiu de forma mais contundente para desenvolver o tema do presente trabalho. Foram estas vivências do LabHum as que ampliaram o meu horizonte acadêmico, me convencendo que a Literatura de ficção tem um grande potencial no âmbito da educação em saúde. Adicionalmente, no ano de 2016 eu fui credenciado para ser coordenador do LabHum após realizar o curso de capacitação para coordenadores a cargo do professor Dante Gallian.

1.3 Problemática e justificativa

Em vistas do anteriormente exposto, é que apresento esta tese de doutorado referida à pesquisa intitulada “O Laboratório de Leitura como dinâmica de formação humanística para residentes farmacêuticos clínicos”, que esteve ancorada a uma linha de pesquisa denominada “Literatura e humanização: saúde, educação e sociedade”, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e coordenada pelo diretor do CeHFi da Unifesp, o professor Dante Marcello Claramonte Gallian.

A seguir, segue uma introdução temática sobre a importância do profissional farmacêutico clínico dentro de uma equipe da saúde hospitalar pertencente a uma

residência multiprofissional específica. Ademais, discorrerei sobre o tema da formação humanística/humanista deste profissional tendo em conta os aspectos regulatórios/legais e a produção acadêmica neste campo de estudo.

1.3.1 O farmacêutico clínico e a residência multiprofissional em Assistência Farmacêutica.

Neste trabalho farei referência ao profissional farmacêutico clínico/farmacêutico hospitalar como aquele que está contemplado na resolução nº 338 de 2004 emitida pelo Conselho Nacional de Saúde que define as ações de Assistência Farmacêutica no Brasil. (Brasil, 2004, pág. 1).

Segundo este documento:

A Assistência Farmacêutica trata de um conjunto de ações voltadas à promoção, proteção e recuperação da saúde, tanto individual como coletivo, tendo o medicamento como insumo essencial e visando o acesso e ao seu uso racional. Este conjunto envolve a pesquisa, o desenvolvimento e a produção de medicamentos e insumos, bem como a sua seleção, programação, aquisição, distribuição, dispensação, garantia da qualidade dos produtos e serviços, acompanhamento e avaliação de sua utilização, na perspectiva da obtenção de resultados concretos e da melhoria da qualidade de vida da população;

as ações de Assistência Farmacêutica envolvem aquelas referentes à Atenção Farmacêutica, considerada como um modelo de prática farmacêutica, desenvolvida no contexto da Assistência Farmacêutica e compreendendo atitudes, valores éticos, comportamentos, habilidades, compromissos e co-responsabilidades na prevenção de doenças, promoção e recuperação da saúde, de forma integrada à equipe de saúde. É a interação direta do farmacêutico com o usuário, visando uma farmacoterapia racional e a obtenção de resultados definidos e mensuráveis, voltados para a melhoria da qualidade de vida. Esta interação também deve envolver as concepções dos seus sujeitos, respeitadas as suas especificidades bio-psico-sociais, sob a ótica da integralidade das ações de saúde (Resolução nº 338, de 06 de maio de 2004).

Passo então a descrever a instância de formação em nível de pós-graduação em farmácia clínica atrelada ao escopo e aos objetivos deste trabalho.

A residência em Assistência Farmacêutica Hospitalar e Clínica foi criada no ano de 2014 como parte de um programa de formação profissional dependente da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Este, está orientado pelos princípios e

diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS), a partir das necessidades e realidades locais e regionais, e que abrange as profissões da área da saúde, a saber: Biomedicina, Ciências Biológicas, Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Física Médica, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Medicina Veterinária, Nutrição, Odontologia, Psicologia, Saúde Pública/Coletiva, Serviço Social e Terapia Ocupacional.

Os residentes desempenham atividades teóricas, teórico-práticas e, sobretudo, práticas, guiados pelas equipes profissionais (tutores e preceptores), bem como pelos docentes da USP (Brasil, 2005).

No que tange à área de Farmácia, estes regulamentos definem como vital a participação do farmacêutico em uma equipe multiprofissional em saúde porque este faz “avaliação da prescrição e parâmetros como dose, posologia, reações adversas, interações medicamentosas, distribuição e dispensação reacional dos medicamentos, evitando faltas, desperdícios e duplicidade de atendimento” (p.1)

Ademais, salientam a importância do desenvolvimento de profissionais com treinamento e prática em serviço seguindo as diretrizes curriculares nacionais (DCNs) dos cursos de farmácia no Brasil. Desta forma, a residência faz jus a uma capacitação em Assistência Farmacêutica, Farmácia Clínica e Atenção Farmacêutica de forma multiprofissional.

1.3.2 A Formação humanista/humanística do Farmacêutico clínico

Um ponto de inflexão inegável para esta profissão foi a difusão das premissas que deram corpo ao conceito de “Atenção farmacêutica” – em inglês “Pharmaceutical Care” - segundo Hepler e Strand (1990). De acordo com Eboli, 2009; Oliveira, 2011; Pereira e Freitas, 2008, a chegada do conceito “Atenção Farmacêutica” apontou para uma melhor inserção do Farmacêutico nas equipes da saúde e para a uma eficiente cooperação entre o médico e o farmacêutico no Brasil. O projeto essencial por trás dessa guinada foi a necessidade de contar com um profissional farmacêutico preparado para o cuidado direto dos pacientes.

Desde então, a formação dos farmacêuticos clínicos tem passado por sucessivas mudanças que têm dado surgimento a diversos campos de estudo embasados nas humanidades e nas ciências sociais.

Cabem aqui, citar os seguintes trabalhos:

- Hassali *et al.* (2011), o qual apresenta um reporte sobre a “Farmácia Social”, como sendo um campo de estudo que aglutina as ciências sociais, as ciências básicas e as ciências clínica em prol de uma formação integral.
- Teagarden (2013), o qual traz uma reflexão sobre o emprego da Literatura e das artes para a formação profissional do farmacêutico.
- Poirier (2018), o qual descreve e define uma disciplina denominada “Humanidades em saúde” na grade curricular dos farmacêuticos.

Estes três trabalhos têm contribuído de forma crucial para o entendimento do que significa a formação humanística do farmacêutico a nível mundial.

1.3.3 Entendendo conceitos: Humanidades, Formação Humanística, Humanização em saúde e Laboratório de Humanidades/Leitura

Parece-me necessário fazer uma introdução do emprego destes termos ao longo do texto já que existem diversas acepções, definições e concepções que variam conforme a área de investigação e os referenciais teóricos.

Estes três conceitos têm como raiz a palavra de origem latina “*humanitas*” que está intimamente aparentada com as palavras gregas “*paideia*” e “*areté*”. Durante séculos, estes termos tem transmitido a ideia de educação e formação do homem como o ideal de um cidadão virtuoso, como ser moral, político e literário (Aldana, 2009).

No que tange ao termo “Humanidades” este será empregado como sendo o conjunto de disciplinas que estão relacionadas com as manifestações da cultura humana

– a arte e a Literatura – e que têm a particularidade de contribuir de forma essencial para a formação dos indivíduos (Lifshits, 1997).

Ainda embasado neste autor, utilizarei a concepção de formação humanística como aquela que faz ênfase no fomento e transmissão de valores e princípios que provoquem transformações éticas nas ações dos indivíduos (Lifshits, 1997).

Neste ponto, e apesar das DCNs do Brasil utilizarem o conceito de “formação humanista”, entendo que para o escopo deste trabalho estes dois termos são intercambiáveis.

Por fim, passo a explicar as intersecções existentes entre os conceitos de formação humanística e humanização em saúde.

Segundo Ayres (2005), não há um consenso sobre o que envolve o termo “humanização em saúde” uma vez que este pode ser definido a partir de concepções filosóficas ou político institucionais:

[...] a importância de entendermos a humanização em sua inexorável politicidade e socialidade e, por conseguinte, em suas importantes implicações institucionais. A problemática de que trata a humanização não se restringe ao plano das relações pessoais entre terapeutas e pacientes, embora chegue até ele. Não se detém em rearranjos técnicos ou gerenciais das instituições, embora dependa deles. Trata-se de um projeto existencial de caráter político, trata-se de uma proposta para a "*polis*". (p. 2)

De acordo com Ayres, também adiro à ideia de humanização como um “projeto existencial” que perpassa as questões institucionais. Ou seja, apoio a ideia de que tanto a “Humanização em saúde” ou a “Humanização em educação”, por exemplo, trata-se do mesmo: de construções consensuais de valores.

Longe de querer adentrar em discussões filosóficas ou institucionais sobre estes conceitos, e tentando evitar as definições taxativas, adotei uma ideia de humanização baseada nas considerações oriundas do trabalho de Gallian, Ruiz e Pondé (2012). Estes, caracterizaram a humanização como uma proposta contrária a um movimento de aperfeiçoamento técnico-instrumental do comportamento humano segundo a análise filosófica de Passmore, (2004).

Concretamente, e de acordo com Gallian, (2012) adotei a ideia da experiência da “ampliação da esfera do ser” como o movimento essencial da humanização.

Como corolário, encerro esta seção apresentando o Laboratório de Humanidades/Leitura.

O LabHum, nasceu em 2003 no seio da EPM/Unifesp como uma atividade extracurricular cujo objetivo inicial era ler e discutir textos filosóficos e da história da Medicina. Contudo, a atividade foi evoluindo gradativamente até o atual formato, que reúne semanalmente cerca de 25 a 30 participantes para discutir clássicos da literatura universal e que é reconhecido como atividade de extensão, que é também uma disciplina eletiva da graduação e da pós-graduação da EPM.

Posteriormente, o LabHum se desdobrou em uma atividade denominada LabLei que é uma adaptação do nome original que utilizaram trabalhos feitos em outros contextos fora da Universidade como mostram o trabalho de Logatti, (2018).

Tanto o LabHum quanto o LabLei são atividades grupais que têm como exercício central a discussão e debate de obras literárias. Porém, é mister destacar que, antes de entrar em discussões filosóficas, sociológicas ou históricas mais profundas neles se incentiva à manifestação e compartilhamento das sensações e de emoções dos participantes. Adicionalmente, por ser uma atividade atrelada aos objetivos ponderados pela linha de pesquisa “Literatura e humanização: Educação, Saúde e Sociedade” estas atividades têm ênfase em inculcar conhecimentos e atitudes, mas objetivando educar ao invés de treinar (Gallian, 2012).

Por fim, apresento a ideia central, no que tange à “essência” por trás do LabLei: “A narrativa literária nos interpela primeiramente como acontecimento estético, no sentido original da palavra grega *aestesis* (despertar, inverso de *anestesis*, anestésiar) mobilizando-nos afetivamente (...)”. (Gallian, 2012, p. 175.).

Assim, eu entendo e defendo que a formação humanística é um dos caminhos que contribuem para a humanização dos sujeitos e para o desenvolvimento de práticas e ações mais humanizadas no âmbito da saúde.

1.3.4 Literatura e formação humanística

Ora temida por filósofos da antiguidade como Platão, ora desdenhada e menoscabada na modernidade pelas correntes científicas positivistas do século XIX, a Literatura tem tido um papel transformador e até subversivo em toda a história do mundo ocidental (Modzelewski, 2011).

A partir do século XX, com o surgimento da fenomenologia e da hermenêutica a Literatura de ficção foi valorizada como sendo uma forma de conhecimento verdadeiro com decorrências éticas assim como classicamente tinha sido a filosofia.

Neste sentido, entendo pertinente citar alguns autores que se dedicaram a estudar de que forma uma obra literária age e impacta nos leitores. Para o escritor Ernesto Sábato, a obra literária é esse meio ou objeto que nos convida e nos convoca a fazer uma “reconstrução” da vida porque:

Criar há de ser, de modo fundamental, buscar maneiras de viver que ajudem a melhorar a vida dos milhões de pessoas que vivem afundados no horror da carência humana, da coisificação do homem, do tecnicismo, das tendências políticas, económicas, religiosas, que com os seus excessos, tem frustrado as utopias primordiais (Sábato, 2004b, p. 106, trad. nossa).

Uma ótica complementar foi exposta pelo escritor Antônio Cândido, o qual afirmou que a literatura tem uma força humanizadora por conta do papel contraditório na formação do homem. Para ele, “A Literatura não *corrompe* nem *edifica*, porém, humaniza em sentido profundo porque faz viver” (Cândido, 2004, p. 176).

Esta ideia de Cândido entendo que está em consonância com o conceito de “desconstrução” que foi cunhado pelo filósofo Jacques Derrida.

Derrida adere à ideia de que leitor não é um consumidor, um espectador, um visitante, nem tampouco um receptor de uma obra Literária, mas um agente ativo capaz de levar a experiência de ler ao movimento de “desconstrução”. Portanto, para este filósofo, a Literatura possui um valor ético tão importante quanto a filosofia (Derrida, 2004).

Ainda, Ruiz (2015) salientou que a leitura de um bom livro “retira-nos das nossas coordenadas de tempo e de espaço”, ao mesmo tempo em que nos coloca em

“coordenadas ficcionais” capazes de nos fazer “cair em si”, nos levando a refletir sobre a nossa forma de viver.

Essas concepções sobre o poder disruptivo da Literatura foi objeto de estudo de Van Manen, (1983). A partir de uma abordagem fenomenológica, o autor disse que

a literatura, a poesia e outras formas de contar histórias permanecem como a origem das experiências nas quais os fenomenólogos podem buscar aumentar suas percepções práticas. O valor fenomenológico de uma novidade, por exemplo, é determinado pelo que se pode chamar de capacidade perceptiva e sensibilidade intuitiva do tutor. Fenômenos como amor, mágoa, doença, fé, medo da morte, esperança, luta ou perda são o material de que as vidas são feitas. (Van Manen, 1983, p. 178)

Um ponto de intersecção visível com o trabalho de Van Manen são as considerações do fenomenólogo Paul Ricoeur. Este, sobre o valor da narrativa na identificação do leitor, disse que “a literatura parece consistir em um vasto laboratório para experiências de pensamento em que a narrativa testa os recursos de variação da identidade narrativa”. Posteriormente, Nussbaum (2005) reforçou estas considerações dando a entender que para compreender uma emoção é necessário recorrer à sua narrativa.

A partir desta perspectiva entendo que as narrativas (incluindo todos os tipos de histórias, como histórias, filmes ou peças teatrais) permitem que os destinatários dessas obras reflitam sobre as circunstâncias que levam a desenvolver diferentes emoções.

Desta forma, entendo que as narrativas podem promover movimentos de autorreflexão, e podem ajudar ao desenvolvimento de habilidades afetivas.

1.3.5 Relevância do estudo

Um dos principais argumentos para a concepção deste trabalho foi a constatação de que a área da “formação humanística em saúde” tem tido um amplo predomínio de estudos realizados na área da medicina e da enfermagem.

Assim, posso destacar os trabalhos de Charon (2001), que é uma importante referência no campo da “Medicina Narrativa”, de Bonnebaker (2013), que reforça a importância da Literatura na formação em Medicina e de McCallister *et al.* (2015), que

mostra a importância da Literatura quando empregada em dinâmicas de grupos de leitura.

Estes trabalhos, que representam apenas um recorte do vasto número de estudo na área, têm mostrado os benefícios das narrativas literárias como ferramentas importantes para atividades de formação humanista.

Por outro lado, constatei apenas uma vintena de artigos específicos sobre a formação humanística em Farmácia e diretamente relacionados com o escopo desta pesquisa no âmbito internacional. Oportunamente, este tópico será explicado a partir do artigo de revisão.

Outro argumento, este pessoal, para justificar o presente trabalho, foi o meu grande interesse em realizar esta pesquisa no campo da formação do profissional farmacêutico clínico a partir da minha trajetória como pesquisador da área da Saúde Coletiva.

Ao longo dos dez anos atuando como pesquisador dentro do campo da Saúde Coletiva, tenho lido inúmeros artigos, dissertações e teses com variados referenciais teóricos, metodológicos e epistemológicos.

De acordo com Vieira *et al.* (2014), penso que este é um campo ímpar para desenvolver estudos qualitativos que aprofundem, debatam, delimitem e analisem fenômenos relacionados à saúde a partir de abordagens que incluam a filosofia, as ciências sociais, as artes e os saberes populares.

Por fim, entendo como relevante a realização deste estudo como uma contribuição à formação profissional definida pelas DCNs. Estas, têm estabelecido como modelo a formação de um profissional “generalista, humanista e crítico-reflexivo” (Brasil 2002, 2017). De acordo com Barreto (2016), Freitas e Oliveira (2015) e Silva *et al.* (2017) entendo que é essencial promover atividades de formação humanística diante de um ainda forte domínio da biomedicina na grade curricular destes cursos no Brasil.

Assim, à modo de hipótese, a pergunta medular para a concepção deste estudo foi:

De que forma atividades grupais como o LabLei, que tenham como cerne fomentar debates a partir de livros de Literatura de ficção, podem contribuir com a formação humanística dos profissionais farmacêuticos clínicos?

1.4 Objetivo geral

O presente trabalho teve como objetivo geral descrever e analisar uma experiência de formação humanística em saúde realizada com um grupo de farmacêuticos pertencentes à um programa de residência.

1.5 Objetivos Específicos:

- Revelar as narrativas resultantes após a experiência
- Compreender as contribuições e desdobramentos formativos da experiência para estes sujeitos

2 PERCURSO METODOLÓGICO

2.1 Delineamento do estudo

Primeiramente, é mister frisar que este é um estudo qualitativo exploratório e descritivo que teve como grande pilar para a sua concepção o vasto arcabouço teórico-metodológico das dissertações, teses e artigos relacionados às pesquisas sobre o LabHum/LabLei realizadas entre os anos de 2012-2018.

Assim, de forma cronológica, elenco os referenciais básicos advindos da linha de pesquisa “Literatura e humanização educação, saúde e sociedade”: Gallian, (2012) Bittar, Gallian, Sousa, (2013); Lima *et al.*, (2014); Sakamoto, Gallian (2016), Silva, Gallian, Shor, (2016), Carvalho, (2017).

Estes trabalhos foram de leitura obrigatória para poder estabelecer um ponto de partida referencial e conceitual sobre a dinâmica do LabLei e como fonte empírica basilar da abordagem fenomenológica/hermenêutica adotada no trabalho.

Outro alicerce fundamental para a concepção e desenvolvimento deste estudo está constituído pelos princípios epistemológicos e metodológicos adquiridos durante a minha trajetória como pesquisador dentro da área da Saúde Coletiva.

Assim, foram norteadores importantes os referenciais da pesquisa qualitativa na área da saúde como Turato (2005) e Minayo (2013) e os referenciais da área da pesquisa em educação, como Bogdan e Biklen, (1994), Gil (2002), Pesce e Barsottini(2012), Pesce e Abreu (2013) e Van Manen (2003).

Estes trabalhos foram fundamentais para determinar os métodos de colheita de dados e as técnicas de análise.

2.2 O campo da experiência: Caracterização e andamento do curso Laboratório de leitura para residentes 2018-2019

Esta pesquisa foi realizada quase na sua totalidade dentro do departamento de Farmácia do Hospital das Clínicas (HC-FM-USP) da cidade de São Paulo, localizado no oitavo andar do prédio dos ambulatórios.

A diretoria da Comissão de Educação Permanente deste departamento acolheu o projeto e autorizou a realização do LabLei como curso de extensão não obrigatório dentro do módulo de educação permanente (ver a autorização em ANEXOS. No entanto, o curso não foi parte da avaliação formal do programa).

De acordo com Hernandez e Infante (2016), este curso teve como objetivo:

Ser um processo de extensão [que] promove a aproximação dos alunos às humanidades por meio de expressões de cunho histórico, de pensamento, de manifestações artísticas; tudo isso lhes dá conhecimento, possibilita o desenvolvimento de suas habilidades, estimula sentimentos, valores que favorecem o cultivo da sensibilidade e da espiritualidade, o que contribui para sua formação humanística e, portanto, para sua formação humanista, uma das mais importantes missões de ensino superior e, claro, o sistema educacional em geral. (p. 86)

Assim, é importante frisar que o critério de inclusão dos participantes deste estudo se deu partir da disponibilidade e compromisso dos residentes que atenderam à convocação e concordaram em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Ao longo de todos os ciclos do LabLei participaram oito farmacêuticos residentes, de um total de dezesseis que cursavam a residência, junto com duas diretoras de departamento e uma farmacêutica auxiliar do programa. Quatro deles participaram de todos os ciclos, três deles em dois ciclos e quatro deles em um ciclo só.

O andamento do LabLei não requereu de vastos recursos materiais além dos livros correspondentes a cada ciclo, de um aparelho apto para a gravação dos encontros, de um computador para resguardo dos registros digitais e de cadernos para o registro de campo.

A seguir, na Tabela 1, apresento o detalhe do curso LabLei:

Tabela 1: Detalhe do curso
Participantes

Total 11

9 mulheres e 2 homens dentre 24-45 anos de idade, 3 do estado de MG, 1 do estado de PA, 3 de estado de SP interior, 1 da Grande SP e 3 de SP capital. Desses profissionais, 8 foram residentes estudantes (recém-formados), dois diretores (1 do departamento, outro de área específica), uma farmacêutica da área administrativa.

Estrutura

Um total de 24 encontros de, aproximadamente, uma hora e hora e meia de duração foram realizados no período da tarde em salas do departamento de Farmácia do HC divididos em 4 ciclos do LabLei

Ciclos

Livro “Admirável mundo novo”, ciclo que denomino ‘ciência, tecnologia, distopia’, em 6 encontros com 8 participantes

Livro “O incolor Tzukuruz Tazaki e seus anos de peregrinação”, ciclo que denomino ‘psicológico, auto-percepção, solidão’, em 6 encontros com 5 participantes

Livro “Enfermaria número 6”, ciclo que denomino ‘saúde, doença’, em 5 encontros com 6 participantes e livro “A morte de Ivan Illich” ciclo 3 ‘saúde, doença’, em 3 encontros com 6 participantes.

Livro “A elegância do ouriço” ciclo que denomino ‘vínculos, sociedade moderna, exclusão social’, em 4 encontros com 5 participantes.

Todas as obras utilizadas durante o curso foram escolhidas pelo coordenador dos encontros a partir das seguintes considerações:

- *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, foi escolhido porque o romance convida a refletir sobre o uso da tecnologia e das substâncias farmacológicas como forma de controle e determinação da condição humana. Ademais, a obra é considerada um clássico da literatura de ficção científica do século XX.
- *O incolor Tzukurú Tazaki e seus anos de peregrinação*, de Haruki Murakami, foi escolhido porque é uma obra contemporânea que relata a jornada de um jovem que lida com a sensação de abandono e de solidão dentro de um mundo globalizado, opressor e desumanizador.
- *Enfermaria número 6*, de Anton Tchekhov, foi escolhida em função da sua importância histórica e da sua vigência como narrativa sobre as doenças mentais.
- *A morte de Ivan Ilich*, de Lev Tolstói foi escolhida por ser um clássico da Literatura que aborda o binômio saúde-doença mediante a história de um sujeito que se depara com a morte.
- *A elegância do ouriço* foi escolhida porque é uma narrativa contemporânea, da autora Muriel Barbery, que traz os dilemas do século XXI a partir da história de duas personagens femininas envolventes.

Todos os encontros foram realizados em salas adequadas, privativas e aptas para reuniões circulares reproduzindo a estrutura citada por Gallian (2017):

- I. Explicação da atividade
- II. Encontro “**histórias de leitura**”
- III. Encontros “**itinerário de discussão**”
- IV. Encontro “**histórias de convivência**”

A seguir, um breve comentário sobre estes:

Histórias de leitura

Após um primeiro encontro explicativo da atividade, os leitores contaram, de maneira simples, franca e aberta as primeiras impressões sobre as obras lidas. Aqui, apareceram os primeiros afetos, sentimentos, ideias, questionamentos ou reflexões que surgiram sobre os personagens e acontecimentos. Esta primeira parte da dinâmica foi essencial para o despertar da esfera afetiva.

Itinerário de discussão

O itinerário de discussão foi a parte central da metodologia já que é primordialmente neste momento que é possível discutir e refletir a respeito de tudo aquilo que foi despertado pela obra, além de poder conhecer e compreender melhor a opinião dos outros integrantes do grupo.

Histórias de convivência

Nesta última parte da dinâmica, que se aplica no último encontro do ciclo, foi pedido aos participantes que narrassem como foi a participação no Laboratório.

Esta parte da dinâmica teve como intuito ser um momento de síntese, apresentando-se como um momento que possibilita ao participante realizar um balanço e um fechamento de toda a experiência laboratorial vivenciada. As perguntas norteadoras desse momento, foram:

O que significou para você esta experiência? O que foi mais significativo? O que mais mexeu com você? O que você guarda e leva consigo de toda essa experiência no Laboratório?

2.3 Caracterização das fontes de dados empíricos

Neste trabalho foram coletados dados empíricos durante a execução da experiência - através da observação participante e gravação em áudio dos encontros - e

após finalizada esta, através de relatos escritos e de entrevistas de História Oral de Vida.

Infelizmente, por causa de problemas técnicos com o aparelho utilizado para gravar as sessões, não foi possível recuperar os registros sonoros do segundo ciclo com o livro “Os anos de peregrinação do incolor Tzukuru Tazaki. Assim sendo, só obtive três relatos de experiência como material empírico. Portanto, não foi feita uma análise deste ciclo.

I. Observação participante

Durante o estudo usei um caderno de campo onde foram anotados tanto os dados identificativos (data, número da reunião e de participantes, livro abordado, etapa da discussão, etc.), quanto os dados empíricos particulares de cada sessão.

Para além da construção de um caderno de campo estritamente etnográfico, devido à minha condição de participante coordenador da atividade, sempre adotei uma postura de olhar antropológico tendo como norte a noção de “*estar lá*” de Geertz (2009).

Segundo Pesce e Barsottini (2012), a técnica de observação participante “é aquela em que o observador não assume a postura de mero espectador do fato que está sendo estudado, mas integra-se aos sujeitos de pesquisa implicados no fenômeno observado” (p.9). Em geral, a observação participante costuma assumir o status de observação não estruturada e valer-se de notas descritivas e analíticas. A grande vantagem deste tipo de observação é a possibilidade de o pesquisador tornar-se membro do grupo sob observação e, como tal, obter mais informações do que seria possível, em uma situação mais formal de registro. Assim, eu tive uma participação plena como disse Minayo (2013).

II. Registro e transcrição completa das gravações

Assim como os anteriores trabalhos de Silva, Gallian, Shor, (2016), Carvalho (2017), foram realizados registros auditivos como parte essencial dos dados empíricos utilizados para este trabalho.

Por conta do volume de quase trinta horas de áudio, o conteúdo não foi transcrito literalmente do registro oral para o escrito. No entanto, e respeitando as descontinuidades e incoerências próprias do discurso oral, foi feita uma textualização, organização e codificação de forma manual.

III. Relatos da experiência redigidos pelos participantes ao final de cada ciclo.

Na etapa final de cada ciclo do LabLei, todo participante foi convidado a escrever um relato final.

A partir deste, foi possível fazer uma análise e interpretação do fenômeno em uma instância de reflexão complementar à observação participante mencionada acima.

No total houve oito relatos do primeiro ciclo, quatro relatos do segundo ciclo, quatro relatos do terceiro ciclo e dois relatos do quarto ciclo.

IV. Entrevistas de História Oral de Vida.

Após a realização do curso do LabLei foram realizadas cinco entrevistas de História Oral de Vida. Os textos advindos destas, foram vitais como narrativas experienciais para ter um conhecimento mais rico e profundo sobre o fenômeno.

Em concordância com o definido por Meihy e Holanda (2007) segui um rigoroso procedimento desde a realização da entrevista até a confecção da narrativa final.

Assim, após realizar a transcrição e a textualização dos áudios segui para a etapa vital desta abordagem que se denomina “transcrição”.

A transcrição, segundo estes autores, é uma tentativa de recriar o acontecimento linguístico em um texto que possa evocar o momento narrativo da entrevista.

Após a confecção das narrativas, e com a finalidade de garantir a ética e validade dos procedimentos, ocorreram a conferência e validação por parte dos entrevistados. De acordo com Meihy e Holanda (2007), tal procedimento reforça a dimensão propriamente colaborativa e a transparência ética do trabalho com História Oral de Vida.

Cabe ressaltar que, nestas etapas do trabalho, os participantes se tornaram efetivos colaboradores da pesquisa já que foi possível recorrer a eles continuamente para dialogar sobre o que foi registrado na transcrição da entrevista.

2.4 Caracterização da Análise

Neste estudo, foi feita uma análise descritiva-interpretativa, embasada na vertente da fenomenologia-hermenêutica.

Desta forma, as questões vitais que nortearam todo o procedimento analítico do material empírico foram: Como descrever o fenômeno? Qual foi a essência da experiência? Foram vitais para o entendimento das ideias da fenomenologia-hermenêutica os autores como Ricouer (2003) e Van Manen (2003), ambos fenomenólogos importantes na discussão sobre a Literatura como ferramenta educacional.

De acordo com Van Manen (2003), entendo que as pesquisas fenomenológicas buscam investigar e apreender os fenômenos humanos a partir das vivências e experiências subjetivas e/ou intersubjetivas. Ainda, o autor salientou que a descrição fenomenológica, enquanto experiência subjetiva, já é uma instância interpretativa.

Por outro lado, como referenciais essenciais dos procedimentos técnicos para a análise fenomenológica ressalto as contribuições dos trabalhos de Stewart (2017) e Vries (2018).

Em uma primeira instância, os dados da observação participante e do registro dos encontros foram o núcleo central para poder responder: Quem participou dessa experiência? Que tipo de processos ocorreram nela?

O momento de conceber e sistematizar resultados concretos se deu a partir de interpretações com aportes dos relatos finais após cada ciclo. Assim, procurei entender e descrever: Como o participante interpretou essa experiência? O que foi comum a todos os que participaram?

Em uma última instância interpretativa, utilizei as narrativas obtidas a partir da metodologia da História Oral.

Os detalhes da interpretação e da descrição dos ciclos do LabLei serão apresentados nos artigos que compõem o capítulo seguinte dos resultados.

2.5 Aspectos éticos da pesquisa

O projeto de pesquisa que deu origem a este trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Unifesp e aprovado na data de 27/06/2018 sob o número (2.741.177) como sendo uma pesquisa de baixo risco para os participantes envolvidos.

Como explanado ao comitê, foi esclarecido a todos os sujeitos participantes que estariam garantidos o sigilo e anonimato e que os registros somente seriam utilizados para compor este trabalho assinando o documento TCLE.

3 RESULTADOS

Esta tese segue o formato aprovado em 2020 pelo Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal de São Paulo (PPGSC-UNIFESP). Em prol de agilizar a produção científica a ser divulgada pelos pesquisadores, a seção dos resultados está composta pelos artigos científicos autorais, publicados, submetidos ou em avaliação, como parte das dissertações de Mestrado e das teses de Doutorado.

Desta forma, serão apresentados quatro artigos desenvolvidos como parte da produção acadêmica requerida pelo PPGSC.

Apesar de apresentá-los como uma sequência lógica da investigação, é mister salientar que o artigo de revisão foi finalizado no ano de 2021. Assim, este incorporou referências importantes para um melhor embasamento do estudo.

No que tange aos outros três artigos, estes sim efetuados em sequência, são fruto de três ciclos do LabLei realizados no mesmo lugar e com o mesmo grupo de farmacêuticos.

Estes apresentam três abordagens de análise e de interpretação diferente, através de um leque de referenciais teóricos pertinentes para cada discussão.

3.1 Artigo de revisão do estado-da-arte que apresenta os resultados do levantamento bibliográfico realizado até o ano de 2021.

Autores: Gabriel Barreto Rossello, Dante Marcello Claramonte Gallian.

As Humanidades e a Formação humanística dentro do currículo do farmacêutico clínico: revisão do estado da arte.

INTRODUÇÃO

Nesta revisão fizemos um mapeamento das publicações mais relevantes na área da formação humanística do farmacêutico clínico. Assim, foi realizada uma revisão do tipo “estado da arte”, de corte narrativa através de uma estratégia de busca que seguiu as considerações de Grant, MJ e Booth, A. (1). De acordo com Grant, escolhemos esta abordagem porque a revisão visou abordar assuntos mais atuais e que possam oferecer novas perspectivas sobre um problema ou destacar uma área que necessita de mais pesquisas.

A formação do profissional farmacêutico clínico tem sido objeto de importantes reformas curriculares orientadas pelos novos padrões de credenciamento ACPE (2) com uma maior ênfase no desenvolvimento do domínio afetivo da profissão.

Assim, como bem salientaram Preston e Freitas (3,4) docentes-pesquisadores têm realizado treinamentos ou cursos de formação incorporando as humanidades, as ciências humanas e as artes. Os trabalhos de Poirier, Teagarden, Lima *et al.*, e Bonnebaker enfatizaram que artes e humanidades são ferramentas educacionais poderosas, embora ainda não sejam relevantes na educação em farmácia clínica (5,6,7,8)

Segundo Teagarden (9), é vital que as humanidades estejam integradas já na formação inicial dos profissionais de saúde para poder conscientizá-los sobre as diferenças culturais, aprender a trabalhar em equipes multiprofissionais ou adaptar os modos de comunicação.

Ademais, Poirier (5) salientou que as humanidades podem ajudar a:

“desenvolver as habilidades pessoais necessárias para o treinamento profissional de saúde que resulte em indivíduos de mente aberta, flexível e inclusiva em sua abordagem ao atendimento ao paciente. Assim, os alunos podem realizar tarefas que desenvolvam autoconsciência, capacidade de se relacionar com os outros, profissionalismo e tomada de decisão ética, comunicação e construção de empatia”. (Poirier)

Nesta direção, e de acordo com as considerações de Hassali, Teagarden e Tsingos (10,11, 12), o moderno farmacêutico clínico precisa desenvolver competências e habilidades dependentes de uma formação humanística e holística.

O objetivo foi destacar e organizar os trabalhos mais relevantes sobre experiências didáticas de formação humanística para o farmacêutico clínico.

Os objetivos específicos foram:

- 1) Descrever e analisar as principais características dos artigos selecionados
- 2) Contrastar os métodos de avaliação e de análise de dados dos trabalhos
- 3) Analisar o papel da Literatura como humanidade nestes trabalhos

MÉTODOS

Esta revisão procurou responder à pergunta: “Quais são os trabalhos mais relevantes da literatura acadêmica cujo escopo está na área de formação/capacitação do farmacêutico clínico através de experiências baseadas nas humanidades”.

Os critérios de inclusão foram determinados por aspectos temporais (2010-2020), publicação (periódicos localizados em sistemas e bases de dados internacionais: Pubmed, Eric, Scopus, Lilacs, Scielo), tipologia (estudos teóricos; pesquisa qualitativa ou quantitativa; em Inglês, português ou espanhol)

Já os critérios de exclusão foram as publicações não localizadas nos referidos sistemas e bases internacionais, as pesquisas realizadas em outras áreas que não a educação farmacêutica, o baixo índice de confiabilidade e validade, material cinza, teses de mestrado e doutorado e idiomas diferentes dos indicados. O desenho metodológico foi desenvolvido em três etapas: 1) determinação das palavras-chave e busca bibliográfica; 2) organização e seleção do material; e 3) sistematização e análise.

Assim, a busca bibliográfica realizou-se através da combinação de descritores MeSH / DeCs relacionados à área de educação humanística em inglês, espanhol e português: “Treinamento em Saúde”, “Humanidades”, “treinamento humanístico”, “Farmacêuticos Clínicos”, “Educação” pelas operadores booleanas. Em uma segunda instância, foram selecionados descritores específicos como “educação / artes”, “educação / humanística”, “Literatura”, para otimizar nossa triagem.

Posteriormente, de acordo com os critérios de inclusão, traçou-se uma matriz para organização e seleção do material, a qual foi estruturada por meio dos seguintes pontos: título, resumo, conteúdo, principais resultados.

Foi realizada uma análise temática que tentou responder: Quais são os pontos de concordância significativos entre os artigos e quais os pontos divergentes?

RESULTADOS

A seguir apresentamos os resultados da revisão e análise da bibliografia na Tabela 1. Foram selecionadas oito publicações de trabalhos experimentais e foi incluído um artigo teórico.

Artigo	Revista	Origem	Atividade/ objetivo/ participantes	Abordagem, métodos e avaliação
Plake, K. S. (2010).	<i>Am J Pharm Educ</i>	USA/ School of Pharmacy and Pharmaceutical Sciences, Purdue University	Curso eletivo “clube do livro” / pacientes com doenças crônicas / pequeno grupo de alunos	Autobiografias, livros, filmes / rubricas; avaliação do aluno e do curso. Métodos quali-quantitativos. -Não usa a palavra humanidades
Manolakis, M. L., et al. (2011)	<i>Am J Pharm Educ</i>	USA/ Wingate University School of Pharmacy	Curso de bioética de 15 semanas “Módulo sobre Morte e Morrer” / desenvolvimento de empatia/ 65 alunos estudantes	Narrativas ficcionais, filme “Wit” / Ensaio reflexivos, Questões baseadas em valores, Escala de empatia emocional equilibrada. Método quali-quantitativos. Não usa a palavra humanidades
Teagarden et al. (2013)	<i>Curr Pharm Teach Learn</i>	USA/ Touro College of Pharmacy in New York City	Curso eletivo de humanidades / Manter competência profissional, entender adocimento / 22 alunos	Usando humanidades, literatura, filmes, drama, televisão para ensinar os alunos sobre doenças por meio de um curso on-line e trabalhos atribuídos / pesquisas de alunos. Métodos de avaliação quantitativos

Zimmerman, (2013)	<i>Am J Pharm Educ</i>	Germany/ School of Pharmacy, Goethe University	Módulo de ensino de humanidades médicas / as atitudes dos estudantes de profissões de saúde em relação aos pacientes/ sem dados	Narrativas ficcionais, abordagens centradas no aluno / questionários pré e pós-experiência
Poirier, (2017)	<i>Curr Pharm Teach Learn</i>	USA/Southern Illinois University Edwardsville, United States	Curso denominado "Perspectiva da Saúde através da Literatura e da Mídia" / desenvolver habilidades interpessoais / 22 alunos	humanidades e mídia / Os alunos foram avaliados por meio de tarefas pré-aula e textos reflexivos, bem como uma apresentação formal escrita e oral em um livro selecionado relacionado à saúde
Ilewicz, H. N., et al. (2018)	<i>Curr Pharm Teach Learn</i>	USA/Southern Illinois University Edwardsville	Curso humanidades na saúde / abordagem para fornecer evidências para o crescimento da empatia / 25 alunos	As estratégias de ensino do curso consistiam em tarefas pré-aula que utilizaram várias mídias baseadas em humanidades. / pesquisa mista pré / pós-curso e dados qualitativos de escritos reflexivos / humanidades em saúde
W. Miller and Lisa M, (2020)	<i>Am J Pharm Educ</i>	USA/ Mercer University College of Pharmacy, Atlanta, Georgia	Disciplina optativa em farmácia geriátrica / proporcionar experiências de saúde e qualidade de vida do envelhecimento / 69 Alunos	Filmes/ análise qualitativa de pesquisas
Cernasev, A (2020)	<i>Am J Pharm Educ</i>	USA/ Minnesota	Compreensão das experiências de medicação na perspectiva do paciente / 225 Docentes e alunos de profissões da saúde	Foi desenvolvida uma peça teatral para dramatizar experiências de medicação dos pacientes/ avaliar sua utilidade como uma ferramenta educacional para melhorar a compreensão dos profissionais de saúde das experiências de medicação a partir da perspectiva do paciente teatro / métodos de análise quali-quantitativa
Teagarden, (2020)	<i>Am J Pharm Educ</i>	USA	Artigo teórico	Discute o papel das humanidades dentro da educação em farmácia.

DISCUSSÃO

Cabe primeiramente ressaltar a predominância dos trabalhos vindos de Universidades Americanas neste campo de estudo. Outra característica comum, foi a predominância de grupos pequenos de participante e a curta duração dos cursos.

Neste sentido, inferimos que isto ocorre porque todos são estudos dentro de uma área de estudo que ainda é incipiente e que está baseada em atividades não curriculares, eletivas, e predominantemente exploratórias. De acordo com Teagarden, (2020) ainda não é satisfatório o grau de inclusão das atividades humanísticas nos currículos das Universidades Americanas. (14)

Um primeiro desafio para organizar e analisar os artigos foi delimitar o uso de termos que, ainda emparentados, podem dar lugar a divergência conceitual como “Humanidades”, “Humanidades médicas” ou “Humanidades da saúde”.

Segundo Poirier (15), usar as humanidades como “a literatura, a filosofia, a ética e alguns aspectos das ciências sociais que possuem conteúdo humanístico é altamente relevante para a compreensão da prestação de cuidados de saúde”. Entendemos que, neste trabalho ficou claramente definido o escopo das humanidades nas atividades educativas.

No entanto, percebemos que nos estudos de Zimmerman (16) Ilcewics (17) foram referenciados os termos “humanidades médicas” e “humanidades da saúde”. De acordo com Crawford *et al.* (18), a principal diferença entre estes é que o termo “humanidades em saúde” abrange todas as profissões da área e aponta para uma maior interação e engajamento de todos os profissionais.

Por fim, em quatro artigos não foi empregado o termo “Humanidades” para descrever os recursos utilizados nas atividades de ensino, mesmo tendo empregado a literatura ficcional, narrativas e / ou artes como recurso. (12,13,18,19).

Inferimos, assim, que não há uma denominação comum que permita ligar os referenciais teóricos de todos estes trabalhos. Este foi o grande imbróglio para poder realizar uma revisão sistemática nesta área e pelo qual empreendemos uma revisão de estado-da-arte de corte qualitativa.

Os artigos resultantes desta revisão tratam de atividades de ensino que combinaram vários recursos didáticos. A saber: filmes, teatro, narrativas ficcionais, programas de TV, podcasts, e livros de Literatura de ficção. Podemos afirmar que não há qualquer padronização entre os trabalhos e que o desenho dos estudos é experimental. Interpretamos que esta situação é característica em áreas de estudo ainda em profusa exploração e experimentação.

Enquanto aos objetivos educativos também encontramos uma variedade importante que categorizamos em quatro vertentes, a saber: “manter a competência profissional”, “desenvolver empatia”, “ensinar sobre doença crônica do paciente”, “desenvolver competências interpessoais” (15,17). Se bem percebe-se que não há uma correlação clara dos objetivos educativos em uma primeira instância, podemos ressaltar que estes têm em comum a tendência à formação humanística dos sujeitos envolvidos.

No que respeita ao segundo objetivo deste trabalho, os métodos de avaliação dos cursos/atividades foram categorizados em três instâncias: desempenho dos alunos, avaliação dos resultados educacionais e avaliação por parte do aluno.

Mesmo com amostras reduzidas a maior parte dos estudos utilizou uma análise de dados com uma abordagem predominantemente quantitativa baseada em questionários e escalas de avaliação estatísticas. Os resultados quantitativos foram complementados com os qualitativos permitindo incorporar a experiência humana na análise geral do desenvolvimento das habilidades interpessoais.

Os estudos do desempenho dos alunos mediram os resultados de conhecimento, a saber, habilidades de comunicação, habilidades de resolução de problemas e habilidades de interação em grupo. Para a avaliação destes resultados, foram utilizados entrevistas, análise de diários reflexivos dos alunos junto com avaliação mediante as escalas de empatia emocional equilibrada. Estas, combinadas com a coleta de dados (como registros de observações estruturadas feitas pelos preceptores) constituíram os dados para a avaliação do curso.

Enquanto à avaliação dos alunos os métodos incluíram: ensaios reflexivos (14,16,17), projetos finais (13,16), questionários pré e pós experiência (12,13,15,16,17,18), discussão em aula (13).

Podemos concluir que a ferramenta de avaliação que predominou foram os questionários. No entanto, não houve uma padronização destes.

O tratamento estatístico dos dados qualitativos foi o que predominou nestes trabalhos. Concluimos então que as publicações nesta área têm seguido parâmetros normativos das revistas norte-americanas da área de educação em saúde, nas quais predomina a visão quantitativa na apresentação de resultados.

No que tange ao terceiro objetivo deste trabalho salientamos que em 50% dos artigos empíricos a Literatura teve grande relevância nos desenhos dos cursos.

A saber:

Os estudos de Teagarden e de Poirier (14) foram aqueles que empregaram a Literatura de ficção de forma mais extensiva. Teagarden utilizou em torno de 20 obras como maior parte do seu trabalho. Já, no estudo de Poirier, foram 20 obras de Literatura em conjunto com filmes e música.

Por outro lado, no estudo de Plake (18) a atividade “*book club elective course*” (curso eletivo de clube de livro), propôs três livros e um filme. Por sua vez Zimmerman, empregou um livro de literatura ficcional junto com narrativas de pacientes, e de cuidadores. (19,20)

Por fim, vale destacar o resumo do recente artigo de opinião de Teagarden (20) no que respeita á importância das humanidades nos cursos de Farmácia dos Estados Unidos já que este autor desponta como uma das referências nesta área de conhecimento:

“Defendo que as humanidades têm um papel importante na educação farmacêutica. Cheguei a essa visão depois de acreditar que as humanidades eram inúteis e supérfluas quando estava na faculdade de farmácia e durante as fases iniciais de minha carreira. Acabei aprendendo que as humanidades podem nos ensinar muito que as ciências biomédicas não podem, e que as humanidades podem expandir muito do que as ciências biomédicas nos ensinam. Meu argumento deriva de um modelo que faz uma distinção entre os componentes doença objetiva [disease] e “adoecimento” [illness] dos problemas de saúde, o que permite ver como as ciências biomédicas se concentram na primeira e como as humanidades se concentram na segunda. Como as faculdades de medicina adotaram as humanidades em seus programas de educação e treinamento, também argumento que os farmacêuticos precisarão de uma base semelhante se eles devem colaborar com os médicos na mesma forma” (p. 504)

CONCLUSÃO

Esta revisão aportou resultados relevantes sobre as mais recentes abordagens de formação humanística na área da educação farmacêutica fornecendo algumas evidências importantes sobre o emprego das humanidades e, em particular, da Literatura de ficção.

No entanto, concluímos que esta área de estudo ainda carece de desenhos metodológicos padronizados no que tange ao desenho dos cursos e às avaliações posteriores.

Detectamos que uma dificuldade é avaliar a contribuição dos benefícios educativos para a prática real dos participantes já que para isto seria necessário desenhar estudos mais longos e complexos.

Ainda assim, reforçamos a importância dos trabalhos estudados como subsídio referencial para um melhor planejamento, execução e avaliação de experiências semelhantes a futuro.

REFERÊNCIAS

1. Grant, M.J. and Booth, A. (2009), A typology of reviews: an analysis of 14 review types and associated methodologies. *Health Information & Libraries Journal*, 26: 91-108. Doi:10.1111/j.1471-1842.2009.00848.x
<https://doi.org/10.1111/j.1471-1842.2009.00848.x>
2. Accreditation Standards and Guidelines for the Professional Program in Pharmacy Leading to the Doctor of Pharmacy Degree Effective. Accreditation council for pharmacy education. <https://www.acpe-accredit.org/pdf/Standards2016FINAL.pdf>. 2016.
3. Preston, Kristen Bailey, Jean-Louis, Kathleen, A Community Service Organization Focused on the Arts to Develop Empathy in Pharmacy Students *American Journal of Pharmaceutical Education* 2020 84 (4) 7723
<https://doi.org/10.5688/ajpe7723>
4. Freitas EL de, Ramalho-de-Oliveira D. Critical thinking in the context of clinical practice: the need to reinvent pharmacy education. *Rev Port Educ.* 2015; 28(2):231-250.
<https://doi.org/10.21814/rpe.7753>
5. Poirier, T.I.; Stamper-Carr, C. A Call for a New Ism in Pharmacy. *Am. J. Pharm. Educ.* 2018, 82, 6441. [CrossRef] [PubMed]. Enhance the human side and specifically, the humanities, in our preparation of future pharmacists. Neo-humanism
<https://doi.org/10.5688/ajpe6441>

6. Teagarden, J.R. Well Connected: Pharmacy Education and the Humanities. *J Med Humanit* 34, 477-480 (2013). <https://doi.org/10.1007/s10912-013-9249-1> intro
<https://doi.org/10.1007/s10912-013-9249-1>
7. Tsingos C, Bosnic-Anticevich S, Smith L. Reflective practice and its implications for pharmacy education. *Am J Pharm Educ*. 2014; 78(1):18. Doi:10.5688/ajpe78118
<https://doi.org/10.5688/ajpe78118>
8. Lima, C. C., Guzman, S. M., Benedetto, M. A. C. D., & Gallian, D. M. C. Humanities and humanization in healthcare: the literature as a humanizing element for health science undergraduates. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*.2013; 18, 139-150.
<https://doi.org/10.1590/1807-57622013.0708>
9. Bonebakker, V JD; Literature & Medicine: Humanities at the Heart of Health Care: A Hospital-Based Reading and Discussion Program Developed by the Maine Humanities Council. *Academic Medicine*: 2003; 78 (10) p 963-967.
<https://doi.org/10.1097/00001888-200310000-00004>
10. Hassali, M.A.; Shafie, A.A.; Al-Haddad, M.S.; Abduelkarem, A.; Ibrahim, M.I.; Palaian, S.; Abrika, O.S.S. Social pharmacy as a field of study:
11. McAllister M, Lasater K, Stone TE, Levett-Jones T. The reading room: Exploring the use of literature as a strategy for integrating threshold concepts into nursing curricula. *Nurse Educ Pract*. 2015; 15(6):549-555. Doi: 10.1016/j.nepr.
<https://doi.org/10.1016/j.nepr.2015.07.012>
12. Plake, KS. Book Club Elective to Facilitate Student Learning of the Patient Experience With Chronic Disease. *American Journal of Pharmaceutical Education*. 2010; 74(3):37.
<https://doi.org/10.5688/aj740337>
13. Teagarden, Michelle Assa-Eley, Ruth E. Nemire, *Illness Performed and Imagined: An elective course using Humanities to teach student pharmacists about illness*. *Currents in Pharmacy Teaching and Learning* 5, 2, 2013, Pp120-128, <https://doi.org/10.1016/j.cptl.2012.09.017>.
<https://doi.org/10.1016/j.cptl.2012.09.017>
14. Manolakis ML, Olin JL, Thornton PL, Dolder CR, Hanrahan C. A Module on Death and Dying to Develop Empathy in Student Pharmacists. *American Journal of Pharmaceutical Education*. 2011; 75(4):71.
<https://doi.org/10.5688/ajpe75471>
15. Zimmermann, M; Instructional design and assessment Integrating Medical Humanities into a Pharmaceutical Care Seminar on Dementia. *American Journal of Pharmaceutical Education* 2013:
<https://doi.org/10.5688/ajpe77116>
16. Poirier, T. I., *et al*. A course for developing interprofessional skills in pre-professional honor students using humanities and media. *Curr Pharm Teach Learn* .2017; 9(5): 874-880.
<https://doi.org/10.1016/j.cptl.2017.05.004>

17. Ilcewicz HN, Poirier TI, Pailden J. Use of mixed-methods approach to assess the impact of a pre-professional health humanities honors course on developing interpersonal skills. *Curr Pharm Teach Learn*. 2018 Nov;10(11):1456-1465. Doi: 10.1016/j.cptl.2018.08.010. Epub 2018 Sep 5. PMID:30514535.
<https://doi.org/10.1016/j.cptl.2018.08.010>

18. Miller SW, Lundquist LM. Impact of a Film on Student Pharmacists' Views on Quality of Life and Aging. *Am J Pharm Educ*. 2020;84(4):7628. Doi:10.5688/ajpe7628
<https://doi.org/10.5688/ajpe7628>

19. Cernasev A, Kuftinec. S, Bortz. R, Schommer. J and Ranelli.P
 American Journal of Pharmaceutical Education April 2020, 84 (4) 7606; DOI:
<https://doi.org/10.5688/ajpe7606>

20. Teagarden, J.R. From Atoms, Molecules, and Numbers to Literature, Art, and Performance.
 American Journal of Pharmaceutical Education 2020; 84 (4) Article 7636.
<https://doi.org/10.5688/ajpe7636>

21. Collins, K. L., *et al.* "Impact of a fictional reading intervention on empathy development in student pharmacists." *Curr Pharm Teach Learn* 9(3): 498-503.
<https://doi.org/10.1016/j.cptl.2016.12.003>

22. Crawford, & Brown, Brian & Tischler, Victoria & Baker, Charley. (2010). Health humanities: the future of medical humanities?. *Mental Health Review*. 15. 4. 10.5042/mhrj.2010.0654.
<https://doi.org/10.5042/mhrj.2010.0654>

23. Dy-Boarman EA, Nisly SA, Costello TJ. It's no debate, debates are great. *Curr Pharm Teach Learn*. 2018; 10(1):10-13. Doi: 10.1016/j.cptl.
<https://doi.org/10.1016/j.cptl.2017.09.016>

24. Hanna LA, Barry J, Donnelly R, Hughes F, Jones D, Laverty G, Parsons C, Ryan C. Using debate to teach pharmacy students about ethical issues. *Am J Pharm Educ*. 2014; 78(3):57. Doi: 10.5688/ajpe78357.
<https://doi.org/10.5688/ajpe78357>

3.2 Benefícios da literatura de ficção científica para a formação do farmacêutico clínico.

Artigo submetido à revista *Sutinere: Saúde e Educação* (classificada como A3 pelo sistema Qualis da CAPES, ano referência 2021, em vigor quando de sua submissão, cumprindo exigência de produção acadêmica do PPGSC-EPM).

Autores: Gabriel Barreto Rossello, Licurgo Lima de Carvalho, Dante Marcello Claramonte Gallian.

Resumo:

Este relato de experiência descreve e analisa um curso de formação complementar centrado em uma obra literária em um módulo de educação continuada em uma farmácia universitária. O objetivo foi avaliar os benefícios educacionais derivados do curso. Seis reuniões de mesa redonda foram realizadas com farmacêuticos clínicos. Os dados foram coletados por meio do registro dos encontros acompanhados dos relatórios finais elaborados pelos participantes.

A análise dos dados seguiu o método de análise de conteúdo baseado na fenomenologia, que destacou duas categorias principais: “vivência” e “repercussões da experiência”. Os resultados obtidos ilustram, por um lado, reflexões sobre a rotina de trabalho deste grupo de profissionais e, por outro, a avaliação final da atividade. Com base nos dados, pode-se afirmar que essa vivência com uma abordagem estético-experiencial apresenta uma nova perspectiva de formação para farmacêuticos com resultados benéficos para o desenvolvimento de habilidades de comunicação.

Palavras chave: Educação em saúde, Farmácia Universitária, Literatura, Competências, Estudantes de farmácia.

Benefits of science fiction literature for clinical pharmacist trainings.

Abstract:

This article is an experience report whose main objective is to analyze and describe a complementary activity for the training of clinical pharmacists. Held inside a university pharmacy, this consisted of six meetings to debate a literary work in a round table format. The recordings of the meetings together with final reports written by the participants were analyzed following an interpretive method based on phenomenology from two categories of analysis: “living the experience” and “experience repercussions”. The results showed, on the one hand, the exchange of knowledge, the reflection on the work routine and the ethical debates of this group of professionals and, on the other hand, the impressions after the experience in the group. It is concluded, from the participants’ evaluation, that this activity was beneficial for the development of communicative skills and that this activity presented a new learning perspective for the group.

Keywords: Health education, University Pharmacy, Literature, Skills, Pharmacy students.

Beneficios de la literatura de ficción científica para la formación del farmacéutico clínico.

Resumen:

Este relato de experiencia describe y analiza un curso de formación complementario con una perspectiva de aprendizaje que enfatiza la educación problematizadora y centrada en el estudiante como orientan las guías. Un profesor formado en farmacia coordinó una actividad centrada en el debate de una obra literaria dentro de un módulo de formación continuada de una farmacia universitaria. El objetivo de este trabajo es evaluar los beneficios educativos derivados de la realización del curso. La dinámica de la actividad constó de seis encuentros de debates de mesas redondas con farmacéuticos clínicos. Los datos empíricos se recopilaron mediante la grabación de las reuniones junto con los informes finales redactados por los participantes.

El análisis de los datos siguió el método de análisis de contenido basado en la fenomenología, que destacó dos categorías principales: “vivencia de la experiencia” y “repercusiones de la experiencia”. Los resultados obtenidos ilustran, por un lado, reflexiones sobre la rutina de trabajo de este grupo de profesionales y, por otro, la evaluación final de la actividad. A partir de los datos, es posible afirmar que esta experiencia con enfoque estético-vivencial presenta una nueva perspectiva de formación para farmacéuticos con resultados beneficios para el desarrollo de habilidades comunicativas.

Palabras clave: Educación en salud, Farmacia Universitaria, Literatura, Competencias, Estudiantes de farmacia.

INTRODUÇÃO

Diante das crescentes demandas no que respeita à melhora do atendimento profissional aos pacientes hospitalares, a formação na área da saúde têm sido um tema de vital importância. Uma nova perspectiva educativa, que dá ênfase à educação problematizadora e centrada no estudante, tem surgido com a inserção de novas metodologias de ensino e de aprendizagem tendo o professor no papel de facilitador do processo.

O Brasil, seguindo as recomendações da UNESCO (1997) como as da OMS (2007), implementou as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) em prol de padronizar os cursos das diferentes carreiras em saúde.

No que tange à área da farmácia, segundo as vigentes DCNs, a formação do profissional farmacêutico deve ter uma orientação “humanista, crítica, reflexiva e generalista” embasada em componentes curriculares que integrem conhecimentos teóricos e práticos de forma interdisciplinar e transdisciplinar e que coloquem ao estudante como o sujeito ativo no processo educativo (BRASIL, 2017, p 1, art. 4). Nas mencionadas diretrizes a área da Saúde é tida como interdisciplinar, pois seu objeto – ‘o processo saúde-doença humano’ – envolve as relações sociais,

a biologia e as expressões emocionais. Neste sentido, o farmacêutico clínico atuante em ambientes multidisciplinares é peça crucial dentro da equipe hospitalar para a avaliação de decisões clínicas (SOUSA E BASTOS, 2016).

No Brasil, as perspectivas educativas embasadas no pensamento crítico e nas metodologias ativas têm sido as de maior relevância para atender as novas orientações das DCNs enquanto aos quesitos da formação crítica-reflexiva. Segundo Freitas e Oliveira (2015) e Limberger (2013), estágios e residências de farmácias universitárias têm proposto atividades complementares tais como simulações, discussões em classe, dramatizações, mapas conceituais, metodologias de problematização e estudos de caso direcionadas ao desenvolvimento de competências (conhecimentos, habilidades e atitudes).

No entanto, Sousa e Bastos (2016) salientaram que esta formação por competências tem avançado pouco diante os currículos com um forte domínio das áreas de concentração básica e clínica.

Segundo Colares e Oliveira, (2018), a orientação educativa preconizada pelas DCNs para a formação do farmacêutico tem sido menos expressiva em comparação com outras profissões da saúde, portanto, no que tange ao quesito “humanista” podemos afirmar que os currículos dos cursos de Farmácia têm sido menos desenvolvidos que a medicina e a enfermagem.

Diante deste cenário, entendemos que há um longo caminho a se percorrer para um efetivo cumprimento das pautas colocadas pelas DCNs. Em prol de contribuir para a melhor formação dos farmacêuticos clínicos, o presente artigo objetiva descrever e analisar um curso complementar cujo embasamento teórico é de corte humanista.

Neste relato de experiência investigamos um ciclo do Laboratório de Leitura (LabLei) realizado como atividade extracurricular ética-humanística para profissionais farmacêuticos clínicos. O LabLei é uma atividade, ou disciplina, que propõe o debate de livros de literatura de ficção em aulas com formato de mesa-redonda. A dinâmica, a metodologia e o embasamento teórico foram concebidos no Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde da EPM/Unifesp em 2003 (CARVALHO *et al.*, 2021).

De acordo com as pesquisas de Bittar *et al.*, 2013; Gallian, 2017; Lima *et al.*, 2014; Logatti *et al.*, 2018 entende-se que o LabLei é uma atividade simples, integradora e acessível, que tem promovido o pensamento crítico-reflexivo a partir do debate de obras literárias.

Um ponto forte do LabLei é o seu potencial para desenvolver habilidades comunicativas nos grupos que participam. Segundo Amâncio Filho (2013), estas habilidades envolvem a capacidade de expressão e de comunicação com grupos, a cooperação e trabalho em equipe e o diálogo e exercício da negociação.

De acordo com Bonnebaker (2013) e Teagarden (2020), o emprego das artes e da literatura em cursos e disciplinas de teor humanista têm apresentado resultados auspiciosos em diversas pesquisas de natureza interdisciplinar. Os trabalhos de Plake (2013) e de Poirier (2017) são exemplos de estudos focados no desenvolvimento de habilidades e competências que empregaram obras literárias com diferentes objetivos. Cabe ressaltar que, nesta área de estudo, há uma grande diversidade de propostas e de métodos de avaliação que, embora desejáveis para a diversidade disciplinar, dificulta interlocução dos trabalhos (TSINGOS, 2014).

No que tange á formação do farmacêutico, no Brasil, a busca de trabalhos nas plataformas Scielo, Pubmed, e Lilacs não mostrou artigos relacionados com experiências educativas que empregassem obras literárias para a formação do farmacêutico. Entretanto, os trabalhos de Balbi *et al.*, (2017) e de Nery *et al.*, (2013) na área da medicina e da enfermagem foram os estudos mais afins a nossa área de estudo.

Este trabalho faz parte da pesquisa “Literatura e humanização em saúde: Avaliação do impacto de uma experiência estética-educativa com profissionais farmacêuticos” realizada dentro do programa de pós-graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal de São Paulo. Este foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da referida universidade em 27/06/2018 com o número (2.741.177).

METODOLOGIA

A experiência do Laboratório de Leitura e os sujeitos de pesquisa

O ciclo do LabLei objeto deste trabalho foi efetuado em seis encontros de 90 minutos em um local com privacidade dentro de uma Farmácia Universitária. Um coordenador, autor deste artigo, deu andamento ao ciclo reproduzindo a dinâmica citada por Gallian (2017). A saber:

Tabela 2 – Dinâmica do LabLei

1 <i>histórias de leitura</i>	Encontro inicial onde os participantes relataram como a leitura do romance proposto os afetou em seus sentimentos e emoções.
2 <i>itinerário de discussão</i>	Quatro encontros em que se discutiu os capítulos do livro e os temas que emergiram nas histórias de leitura.
3 <i>histórias de convivência</i>	Encontro final em que os participantes manifestaram oralmente suas considerações sobre a participação na leitura e discussão do romance e apresentaram um relato individual, por escrito, sobre a experiência.

Para explorar temáticas relacionadas ao dia a dia do farmacêutico clínico escolhemos a obra “Admirável Mundo Novo” de Aldous Huxley (1994). Neste romance, ambientado em uma sociedade completamente dominada pela técnica e pela ciência, os indivíduos são controlados pelo “Soma”, uma espécie de droga da felicidade que satisfaz imediatamente os desejos e elimina as frustrações.

Nosso critério de inclusão dos participantes foi: profissionais farmacêuticos residentes do departamento de farmácia do Hospital das Clínicas cursando o módulo de educação continuada. Ao tudo, compareceram à convocação sete residentes e um chefe de área, sendo seis mulheres e dois homens dentro da faixa etária dos 20-45 anos. Os participantes previamente manifestaram que a experiência do LabLei era inédita tanto pela dinâmica proposta quanto pelo livro empregado.

Todos os envolvidos assinaram o TCLE, autorizando o uso dos registros empíricos e foram identificados por nomes fictícios a fim de preservar as suas identidades como mostra a tabela a seguir:

Tabela 1 – Participantes da experiência

1. Jorge	Residente R2
2. Marta	Residente R1
3. Fabiana	Residente R1
4. Isabel	Residente R1
5. Renata	Chefe
6. Rodrigo	Residente
7. Karine	Residente
8. Carla	Farmacêutica auxiliar

Dados empíricos e métodos de análise

Neste trabalho realizamos uma análise de dados qualitativa e de cunho fenomenológica. De acordo com Turato (2005), entendemos que esta abordagem é adequada para entender e descrever os significados, significações e ressignificações dadas ao fenômeno apreendido pelos sujeitos envolvidos neste ciclo do LabLei. Para tal, utilizamos o registro sonoro dos seis encontros, a partir da sua transcrição, junto com os relatórios finais escritos pelos participantes. Após a organização e codificação dos textos resultantes, realizamos a análise por intermédio de ciclos interpretativos seguindo o método de imersão e cristalização. Segundo Stewart (2017), a lógica adutiva de imersão e cristalização é adequada para pesquisas interpretativas de situações da vida real, reflexão e a co-construção de um novo significado. Por outro lado, para Vries (2018) a cristalização é um método interpretativo que compreende a posição da pesquisa e do pesquisador para ver intimamente o processo com uma abertura que permita o desdobramento de descobertas

que, de outra forma, seriam perdidas. O autor destaca que uma das vantagens nessa metodologia é a melhoria na compreensão da complexidade do fenômeno estudado.

Em uma primeira instância, fizemos a imersão nos dados através de atenta escuta das gravações dos encontros para identificar o participante e para registrar a intensidade, interesse e duração dos debates e, numa segunda instância, mediante a releitura das transcrições realizadas e dos relatos finais dos participantes.

É oportuno observar que foi uma atividade metódica. Assim, uma vez lida e relida cada narrativa, com trechos significativos destacados, procuramos inicialmente nomear os aspectos que chamavam a atenção, registrando nas bordas da folha anotações como “percepção da dinâmica”, “farmacêutico clínico”, “mudança de atitude”, e assim por diante.

Na segunda etapa, a cristalização, concebemos e sistematizamos o resultado, a partir de uma análise hermenêutica norteada pelas seguintes questões: Quais os temas verdadeiramente medulares? Por que essa fala foi tão relevante?

Deste procedimento foram delimitadas duas categorias: “vivência da experiência” e “repercussões da experiência”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Optamos por apresentar os resultados explicitando os temas e as questões reflexivas a partir de narrativas em consonância com a dinâmica própria dos encontros e dos debates. Condensando o esforço após a imersão nos dados qualitativos da pesquisa recontamos as experiências narradas sob uma postura fenomenológica.

1. Vivência da experiência: Leituras e debates

Este primer excerto do relato da vivência emerge a partir das reações que provocou a primeira leitura do livro “Admirável mundo novo”.

A participante Karine ficou indignada com a situação descrita no livro “*porque é muita nossa realidade e é por isso que dá curiosidade de ler o livro...*”. Neste sentido, Rodrigo fez um

relato onde salienta as duas caras da moeda de “*uma situação ilusória, uma sociedade abominável,*” mas “*que se parece muito com a que vivemos nos dias de hoje*” destacando o quanto “*o livro era muito mais atual do que esperava!*”. Segundo Renata, esse mundo mostrava uma “*sociedade ridícula e preconceituosa, que, no entanto, assusta e dá raiva porque não é tão distante da gente*” como Isabel que, por sua vez, entendeu que se tratava de “*uma crítica do que vivemos atualmente. Não concordo com algumas coisas, mas está perto do que somos...*”. Por fim, Carla, em tom de crítica, disse que “*esse é um mundo idealizado, mas não completo*”, e destacou a sua preocupação porque “*as pessoas desse mundo [no romance] não veem nada porque se oculta o conhecimento*”.

O tom destas narrativas ajudou-nos a nortear as pautas dos seguintes encontros, seguindo a dinâmica da Tabela 1, para promover reflexões e debates mais específicos em torno das atitudes e valores morais-éticos das personagens assim como das características da sociedade. Uma intervenção que surgiu em meio aos debates dos primeiros quatro capítulos teve um claro posicionamento sobre o que foi levantado anteriormente:

“Um dos questionamentos que mais me intrigou foi: ‘Você viveria nessa sociedade?’. Inicialmente minha resposta seria ‘claro que não!... porém, com o passar dos encontros e da leitura, vejo que parcialmente já vivemos assim, e que a sociedade retratada no livro apresenta alguns aspectos positivos, assim como a nossa, mas, ainda não consigo responder esse questionamento...’ (Beatriz)

Ao encontro com o que manifestou a participante, e concordando com os trabalhos de Balbi *et al.*, (2013), Poirier (2017) e Teagarden (2020), entendemos que o emprego da literatura de ficção, por intermédio de diversas atividades, é propício para incentivar reflexões sobre valores éticos, sobre as relações humanas e sobre as questões político-sociais.

Seguindo este relato de experiência, destacamos um momento de debate como sendo uma instância de diálogo crítico-reflexivo sobre um aspecto ético da sociedade do “Admirável mundo novo”:

“A felicidade não é o mesmo para todo o mundo... ela pode ser viver em plenitude, ou talvez ter um carro; pode ser uma busca constante ou talvez ter o básico e viver sem preocupações”. (Karine)

“A infelicidade faz parte porque temos uma falta.... Nunca seremos felizes ainda que tenhamos tudo resolvido desde o ponto de vista material e social.” (Beatriz)

De acordo com os trabalhos de Bittar *et al.* (2013) e Lima *et al.* (2014) as controvérsias dentro dos debates do LabLei são momentos onde ocorrem experiências interpelativas e mobilizadoras com efeitos éticos. A seguir, segue um contraponto aos trechos anteriores ilustrando este momento:

“Não basta somente viver como se tudo fosse lindo. O viver engloba aprendizado, sofrimento, conflitos, autoanálise, consciência, escolhas e propósitos. De que adianta viver para simplesmente ser feliz sem ter um objetivo e sem ter um legado a deixar e a quem deixar? Sinceramente, não gostaria de viver num mundo em que teria que ficar acreditando numa falsa felicidade” (Isabel)

Uma parte medular deste ciclo do LabLei foram os momentos de “catarse” grupal onde a pauta foi a análise da vida profissional dos participantes. Nesses momentos, observamos uma profunda manifestação de empatia entre os profissionais. Assim, seguem os relatos decorrentes da vivência diária destes no contexto da farmácia universitária:

“Em um artigo recente li que a fluoxetina ainda é muito usada ... e um psiquiatra até falou que se deveria colocá-la na água da cidade de São Paulo, porque ela é boa... vejo que agora não podemos ficar tristes... não queremos enfrentar as dificuldades e as tristezas”. (Beatriz)

“Uma paciente tomava um antidepressivo durante o dia, mas dava insônia, então ela tomava um indutor de sono por causa disso...” (Renata)

“Os médicos não têm paciência...eles só indicam as drogas...A gente tem que enfrentar as dores, os lutos..., mas tem gente que toma fluoxetina... A questão é que, após 3 semanas de tristeza, o médico já prescreve remédio para depressão” (Rodrigo)

“A quebra de paradigma é ir ao médico sem que ele prescreva nada... Tem gente que fala “fui ao médico e ele não me deu medicação, poxa, que médico é esse?” (Isabel)

De acordo com Orizio e Gelatti (2010) e Miller e McFarlane (2016), entendemos que a leitura de livros de ficção científica não deve só desenvolver o “*imaginário tecnocientífico*” do futuro, mas também promover uma reflexão sobre a construção do futuro. Assim, neste ciclo de LabLei os participantes debateram sobre os problemas relacionados à prática clínica dos farmacêuticos. Foram abordados temas como a complexidade dos tratamentos farmacológicos, o problema da medicalização em saúde e o do uso indiscriminado de medicamentos. Este intercâmbio de opiniões tornou-se vital para a reafirmação da identidade destes profissionais.

“Na minha opinião, o livro descreve fatos que são possíveis de acontecer na vida real. Pensando na nossa profissão, entendo que a manipulação genética e o uso do comprimido ‘soma’ sejam pontos bastante críticos e necessários para fazermos uma reflexão sobre o futuro das tecnologias... Não considero errados os melhoramentos genéticos, mas precisamos ter muito claro até onde queremos e podemos chegar com a implantação destas tecnologias” (Jorge)

2. Repercussões da experiência: Sensações e opiniões após a atividade.

Como parte da avaliação deste ciclo, nós pesquisadores constatamos como ponto forte da experiência o estímulo ao pensamento crítico-reflexivo e ao desenvolvimento de habilidades

comunicativas. Assim, nesta secção apresentam-se quatro trechos representativos do encontro de encerramento deste ciclo do LabLei, denominado *histórias de convivência*.

“A troca de experiências, a aceitação da percepção do outro, aquelas horas reunidas me trouxeram satisfação: aumentou meu gosto pela leitura e me mostrou que a discussão amistosa, o contato interpessoal e o respeito ali compartilhado podiam contribuir para um processo de humanização do grupo” (Beatriz)

“As dinâmicas do livro "Admirável mundo novo" foram muito ricas, com elas fui capaz de ver cada situação ou personagem com os olhos de cada participante do grupo. Adorava quando “discordávamos”, pois, via nisso uma forma de melhor expôr meu ponto de vista e reforçar ainda mais meus argumentos, pois ali não havia certo e errado, havia diferentes percepções. O que mais me chamava atenção era quando alguém pontuava um trecho que eu não havia me atentado. Muitas vezes me surpreendi com os comentários, com as correlações, e com as diferentes interpretações” (Carla).

“Comecei achando, como ponto forte, não termos uma resposta fechada e conclusiva para os assuntos que discutíamos, ou seja, não havia uma opinião certa ou errada (...) Não sabia se era por causa do livro o da atividade. No entanto, esse desfecho me tirou de zona de conforto, me fez pensar, e sair do lugar. Foi uma quebra de paradigma muito grande e necessária porque consegui mudar minha forma de ver algumas coisas. Todo esse movimento também me fez feliz” (Renata)

Considerando tanto os relatos escritos quanto as manifestações feitas no encontro final, entendemos que o LabLei teve uma avaliação positiva por parte dos participantes. Neste sentido, eles apontaram como pontos fortes da vivência a troca de opiniões, a liberdade para se expressar e o debate como forma de aprendizado. Isto reforça os resultados de Sakamoto e Gallian (2016), e nos permite entender ao LabLei como um espaço de construção um conhecimento a partir da pluralidade de vozes no debate de ideias. Por outro lado, salientamos que, além da troca de

conhecimento técnico entre profissionais que acontece no LabLei, o autoconhecimento foi outro dos benefícios a destacar:

“Talvez a proposta de humanização esteja justamente no fato de instigar a nossa capacidade crítica: em nos fazer enxergar a nossa própria realidade através de um mundo onde as pessoas [no romance] pouco se importam umas com as outras, onde os sentimentos são jogados para debaixo do tapete, onde a empatia não entra em pauta, onde tudo aquilo que nos liga ao outro é visto como desnecessário. Só assim, podemos ter a dimensão da real importância desses valores, e passar a praticá-los com maior frequência.” (Isabel)

Considerações finais:

Este ciclo do LabLei foi benéfico para a formação humanista dos farmacêuticos clínicos. Através de uma dinâmica aprimorada notamos que a leitura compartilhada e os debates entre profissionais farmacêuticos promoveram o desenvolvimento das habilidades comunicativas desejadas nas DCNs.

Pela duração e extensão da atividade, não foi possível fazer inferências sobre o impacto da atividade na atuação dos profissionais envolvidos, o que demandaria um estudo de maior longitudinalidade. Apesar da limitação do tamanho da amostra do grupo estudado, conclui-se que estudos como esse qualificam as práticas docentes e contribuem para o debate sobre a mudança dos padrões de ensino em saúde.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES)- Código de financiamento 001.

REFERÊNCIAS

AMANCIO FILHO, Antenor. Dilemas e desafios da formação profissional em saúde. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 8, n. 15, p. 375-380.2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832004000200019&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 23 Abr. 2020.

BALBI, L., Lins, L. & MENEZES, M.S. A Literatura como Estratégia para Reflexões sobre Humanismo e Ética no Curso Médico: um Estudo Qualitativo. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 1, p. 152-161. 2017.

BITTAR, Y., GALLIAN, D.M., SOUSA, M S. A experiência estética da literatura como meio de humanização na saúde: o Laboratório de Humanidades da Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo. **Interface, Botucatu**, v. 17, n. 44, p. 171-186. 2013.

BONNEBAKER V. JD; Literature & Medicine: Humanities at the Heart of Health Care: A Hospital-Based Reading and Discussion Program Developed by the Maine Humanities Council. **Academic Medicine**: Volume 78-Issue 10-p963-967. 2003.

BRASIL. Ministério da educação conselho nacional de educação câmara de educação superior resolução nº 6, de 19 de outubro de 2017

Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Farmácia.2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/ces1133.pdf>

BRASIL. Secretaria de Educação Superior. **Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação da área de Saúde**. Brasília, DF: MEC; 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/ces1133.pdf>

CARVALHO, Licurgo Lima de *et al.* Como trabalhar com narrativas: uma abordagem metodológica de compreensão interpretativa no campo das Ciências Humanas em Saúde. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 25, e200355, 2021 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832021000100504&lng=en&nrm=iso>. access on 21 May 2021.

COLARES, K. T. P., & de Oliveira, W. Metodologias Ativas na formação profissional em saúde: uma revisão. **Revista Sustinere**, 6(2), 300-320. 2018.

FREITAS, E., RAMALHO De Oliveira, D. Critical thinking in the context of clinical practice: The need to reinvent pharmacy education. **Rev. Port. de Educação**, Braga, v. 28, n. 2, p. 231-250. 2015.

GALLIAN, D. Literatura e formação humanística em medicina: o experimento do Laboratório de Humanidades da EPM/UNIFESP. **Rev. Med. (São Paulo)**.,91(3):174-7. 2012.

GALLIAN, D. *A Literatura como Remédio: os clássicos e a saúde da alma*. São Paulo, Editora Martin Claret. 2017.

HUXLEY, A. **Admirável mundo novo**. Editora Globo. São Paulo. 2014.

LIMA, C.C; GUZMAN, S.M; BENEDETTO, M. A.; GALLIAN, D.M. Humanidades e humanização em saúde: a literatura como elemento humanizador para graduandos da área da saúde. **Interface (Botucatu)** [online] vol.18, n.48 pp.139-150. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141432832014000100139&lng=en&nrm=iso>ISSN 1807-5762. <https://doi.org/10.1590/1807-57622013.0708>.

LIMBERGER, J.B. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem para educação farmacêutica: um relato de experiência. **Interface (Botucatu)** [online], vol.17, n.47, pp. 969-975. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832013000400020&lng=en&nrm=iso>.

ISSN 1807-5762. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-57622013.3683>.

LOGATTI, MS; CARVALHO, L LIMA de; CÂNDIDO, V; GALLIAN, DMC. Humanização em saúde e reforma psiquiátrica: discussão da obra o alienista entre pessoas com quadro psiquiátrico grave. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 29, p. 1-23, nov. 2019. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0103-7331&lng=en. Acesso em: 09 jun. 2020.

- MILLER, G.; McFARLANE A. Science fiction and the medical humanities **Medical Humanities**; 42:213-218. 2016.
- NERY FILHO A; LINS L; BATISTA CB; VASCONSELOS C; TORREÃO L; ANDRÉ SB. Bioética e literatura: relato de experiência do Eixo ético-humanístico FMB-UFBA. **Revista Bioética** [online]. 21(2) 344-49. 2013.
- OMS, Organização Mundial da Saúde. **Trabalhando juntos pela saúde** / Organização Mundial da Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 210 p. 2007.
- ORIZIO, G; GELLATTI U. Do mechanical doctors dream of electric sheep? Using science fiction to look into the future of public health, **Journal of Public Health**, Volume 32, Issue 2, Pages 288–290. 2010.
- PLAKE KS. Book Club Elective to Facilitate Student Learning of the Patient Experience with Chronic Disease. **American Journal of Pharmaceutical Education**;74(3):37. 2010.
- POIRIER, T. I. A course for developing interprofessional skills in pre-professional honor students using humanities and media. **Curr Pharm Teach Learn** .2017; **9**(5): 874-880.
- SAKAMOTO J; GALLIAN DMC. Laboratório de humanidades: percurso estético literário como dinâmica humanizadora na saúde. **Via Atlântica, São Paulo**, N. 29, 153-171. 2016.
- SOUSA, I; BASTOS, P R de OLIVEIRA. Interdisciplinaridade e formação na área de farmácia. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 97-117, Mar. 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198177462016000100097&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 04 Feb. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/1981-7746-sip00092>.
- TEAGARDEN, J.R. From Atoms, Molecules, and Numbers to Literature, Art, and Performance. **American Journal of Pharmaceutical Education** 2020; **84** (4)
- TSINGOS C, BOSNIC-Anticevich S, SMITH L. Reflective practice and its implications for pharmacy education. **Am J Pharm Educ**. 2014; **78**(1):18. doi:10.5688/ajpe78118
- TURATO, E. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 507-514. 2005.
- UNESCO. **Educação, um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. 1997.
- VIEIRA B., NETO, E. M. R., De OLIVEIRA V, L. M., De ALMEIDA MELO, M. M., De LIMA, J. P., DOS SANTOS, S. L. F; BARROS, K. B. N. T. A importância da Farmácia Universitária frente aos serviços clínicos prestados à comunidade. **Revista Sustinere**, 6(2), 321-336. 2018.
- VRIES de, B. Resonating with reflexive design: On participatory design, narrative research and crystallization. **EDeR. Educational Design Research**, 2018; **2**(1).
- STEWART H., GAPP, R., & HARWOOD, I. Exploring the alchemy of qualitative management research: Seeking trustworthiness, credibility and rigor through crystallization. **The Qualitative Report**, 2017; **22**(1), 1-19.

3.3 Affective skills in pharmacy education: Benefits of a humanistic experience.

Artigo que será submetido à revista “Currents in Pharmaceutical Education”: (classificada como A3 pelo sistema Qualis da CAPES, ano referência 2021, em vigor quando de sua submissão, cumprindo exigência de produção acadêmica do PPGSC-EPM).

Autores: Gabriel Barreto Rossello, Kelly Cunegundes, Dante Marcello Claramonte Gallian.

Abstract

Background: Design and implement an elective training based on a humanistic approach in a pharmacy residence program.

Educational activity and settings: Four discussion sessions on the Tolstoy’s novel “The death of Ivan Illycht” carried out with students belonging to the pharmacy residency program of the São Paulo University (USP). Empirical data, consisted of audio records, final reports and interviews, were analyzed by an interpretation method.

Findings: This training provoked residents to debate ethic issues about health care with a reflexive thinking process. So that, an analysis on the student’s perceptions revealed that debates were effective in developing affective skills.

Discussion: We identify two main themes associated with ethics debates: illness-death, and health-caring. We perceived that Tolstoy's novel was adequate to work on empathy in two instances. Throughout all the debates and discussions as a communicative skill and specifically in one chapter as a health care action.

Summary: Considered highly valuable by all participants, this activity was designed based on open discussion sessions which had a great impact in developing affective skills.

Keywords: Pharmacy education, Training course, , Affective skills, Literature, Ethics.

BACKGROUND

During the XXI century health careers curricula have incorporated trainings based on humanities resources. In this sense, university teachers have been developed activities that allows students to participate in experiences that have used fiction literature as a central tool. So that, recent studies have divulgated works based on various educational approaches^{1,2,3}. Specifically in the Clinical Pharmacy area, colleges and university hospitals have implemented activities heading the Accreditation Council for Pharmaceutical Education (ACPE) guidelines⁴.

According to Ratka, affective competences include problem solving, education, advocacy, interprofessional collaboration, cultural sensitivity, communications, self-awareness, leadership, innovation and entrepreneurship, and professionalism. Recently, mixed qualitative-quantitative studies explored the benefits of humanities on the development of affective competences.⁵

In addition, Hanna *et al.*, and Dy-Boarman *et al.* works have highlighted the importance of activities focused on discussions of fictional narratives and academic literature as effective tools for ethical training. Thus, studies have reported satisfactory results with regard to the development of affective skills, mainly empathy, and the improvement of communication, critical thinking skills, teamwork and self-directed

learning^{6,7}. According to Hanna, a debate refers to a structured process of discussing a variety of points of view in which participants take a position on an issue or question presented and use persuasive communication, evidence and logic to lead others an agreement. In this way, a debate can be used to develop subject knowledge, develop critical thinking and analysis of literature, and to improve communication skills.

In this sense, focus groups have gained importance in health education science. In this perspective, Book Clubs modalities have been used for a variety of purposes, including the development of affective skills like empathy and compassion^{9,10,11,12,13,14}.

According to Tsingos, a challenge in this area of study is the difficulty in comparing the works due to the diversity in the designs of the proposals and in the evaluation methods¹⁵.

As far as the authors know humanistic trainings has not been fully explored to improve pharmacy education in Brazil¹⁶.

The Brazil's Nationals Curriculum Guidelines (NCGs) (Ordinance CNE/CES 2017), have recommended transdisciplinary activities so that students can be intellectually and professionally trained with autonomy: "The pharmacist should have a generalist, humanistic, critical and reflexive education to work at every level of health care, based on scientific and intellectual rigor".¹⁷

This is the first report to describe and evaluate the Classic Literature Debate Group course. It was a part of the continuing education module of a residency program. Faculty members of the University Pharmacy managed by the Sao Paulo's University (USP) allowed us to carry out our activity within clinical pharmacy graduate students.

As Teagarden and Poirier suggested, we endorse the idea that Literature, Philosophy, and Social Sciences are essential disciplines for a humanistic health education area^{8,18,19}. Also, we endorse that empathy is an affective skill that humanities-based courses can provide.

EDUCATIONAL ACTIVITY AND SETTINGS

The “Classic Literature Debate Group” course was launched within first degree postgraduate students of a clinical pharmacy residency program. It was an activity that relied on debates on classics of universal literature. It took place from March 2017 to April 2017 as an elective permanent education course for seven resident students from a referral teaching hospital in urban area of Sao Paulo, in the Southeast of Brazil. (Table 1)

We chose a short and workable, novel by the Russian author Liev Tolstoy published in 1886. As the story portrays the trajectory of an illness and suffering person until his death, our purpose was to provoke readers to reflect and debate on the meaning of living and ethical issues²⁰.

After a preliminary explanation class, students were told to answer these open-ended questions: Have you read the book before? Did you find the subject of the book pertinent? These questions measure first students’ perceptions and expectations. At all, participants mentioned having never read the book and agreed that it was an interesting subject to discuss.

Table 1 Training Course.

Book:	Tolstoy’s novel “The death of Ivan Ilitch”
Synopsis:	The story follows a protagonist’s terminal period and his personal experience facing death
Teaching points:	Health Care Ethics, clinical skills, Death and Dying issues
Sessions:	4 (90 min each) in a private room

We researchers followed the “Classic Literature Debate Group” methodology as moderators of the content of the discussions that took place during the meetings (Table 2).^{21,22,23}

Table 2 Sessions description

I	“First impressions” session, where students’ reported emotions and opinions of a first reading
II	“Discussion Itinerary”. Debates sessions about main issues emerged at the first.
III	“Acquaintanceship Stories” session where students reported their perceptions and spoke up opinions about the course
IV	After debates, we carried out a written evaluation of the activity asking students to compose a final report on their experience.

Data Analysis: Interpretative technic based on a Phenomenology approach.

To take empirical data, we recorded and transcribed four 90-minute session. In addition, we collect seven written reports.

To assess this course, we analyzed data following these questions: How these participants were affected? How did they evaluate the activity? So, we used an immersion/crystallization technique to launch an interpretative phenomenology approach^{24,25,26}. According to Carabajo and Rosenthal, this methodology is adequate to understand and meanings and re-meanings given to the phenomenon lived by subjects involved in this cycle of the “Classic Literature Debate Group”^{27,28}. To do that, we used the recorded sessions, which were transcribed. Besides that, the written personal reports were analyzed. Then, we organized and encoded the resulting texts.

According to Stewart, immersion and crystallization method is suitable to interpretative investigations of real-life situations, reflection and co-construction of a new meaning²⁶. In addition, Vries said that crystallization is an interpretive method that comprises the position of the researcher and the

subjects to see intimately. The author emphasizes that some vantages are based on the methodology and the understanding of the complexity of the studied phenomenon²⁵.

In a first stage, we listened to audio records to identify and register participant interventions and duration of debates. Subsequently, we read transcripts and final reports.

It is important to note that it was a methodical activity. Thus, after reading and re-reading each narrative, with significant excerpts highlighted, we initially tried to name the aspects that called our attention, recording codes such as “perception of dynamics”, “clinical pharmacist”, “change of attitude”, etc.

In the second stage, crystallization, we conceived and systematized results, based on a hermeneutic analysis guided by the following questions: What are the medullary themes? Why was this line so relevant?

FINDINGS

As this course was conducted within the workplace of the participants, a public health hospital, we had challenges to engage and recruit pharmacy students who were able to take it. Despite some difficulties all the students were able to attend the meetings.

Specifically, they noted that class discussions on sensitive topics in an open and non-critical environment was a pleasant moment during working hours. Considering that, there were few negative comments about the activity, mainly related to the schedule. This may be partly because it was a small class, and the activity was conducted as an exam-free seminar. Next, we illustrated that by a participant excerpt:

“We exchange experiences accepting other people’s perception. Those hours together brought me satisfaction: it increased my desire to read and showed me that having a friendly discussion, interpersonal contact could contribute to the humanization of the group”

To the first participant's perceptions, this activity was successful as a post-graduate training. At all, a variety of health-related topics were covered throughout patient experiences, health care ethics and death and dying debates. So that all residents expressed valued appreciations on the disease experience which was the main objective of our effort:

"I started by thinking, as a strong point, that we didn't have a closed and conclusive answer to the issues we discussed, that is, there was no right or wrong opinion (...) I didn't know if it was because of the book or the activity. However, this outcome took me out of my comfort zone and made me think. It was a necessary paradigm shift because I managed to change my way of seeing some things. All this movement also made me happy"

Table number 3 shows quotes captured by listening to the records of the meetings. After our phenomenological analysis emerged two categories: Illness-Death and Health Caring themes.

Table 3 Themes and Quotes Identified on debates.

Theme	Supporting theme	Examples of student's sentences
Illness-Death	Fictional	<p><i>"We don't think about death itself, but about the "diagramming" that is made of it. We ask about the cause of death... How many children this person has? Was he married or not?"</i></p> <hr/> <p><i>"At the beginning of the story, we 'on't know what happened, it do 'sn't seem like it was a painful death because the author wanted to show what is behind it "ll." F</i></p> <hr/>

Personal

“I ’on't let life take me, but I ’on't think about death either. Because I ’on't want to regret my choices. We have to be protagonists of what we are experiencing”

“I like this topic, death is an inspiring muse, it makes human beings better. It is something that will happen someday”

“All fears come out of a single fear ... Thinking about death ... central theme of the book.”

“How do we deal with this fear, which sometimes does not let people live? It does not let us take risks; it does not allow us to go beyond our possibilities. Bringing life can be more painful than death”

“An uncomfortable truth ... everyone is going to go through this, but nobody wants to talk about this topic. It is not pleasant to face death ... we ’on't want to face death; we ’on't want to think about it. The book bothered me because we have to distance ourselves from our truth...” S

Health care**Caring for the patient**

“I have a patient in the hospital who is going through this experience... she is going to have an extremely complicated surgery with a not very good prognosis, and she is suffering a lot. The book made me think about it a lot”

“The question that emanates from reading ... Why extend or postpone death? We spent so many resources, invested in

saving lives instead of investing in more quality of life, in giving dignity to the patient. It is a profound ethical discussion”

“Ivan's wife lost several children. At that time, human beings cope with death closely, they d'dn't even have antibiotics. Today we have an ICU, defibrillators, anesthesia, surgery, but we 'on't cope well with death inside the hospital”

Empathy in caring

“For Ivan, what mattered is whether the case was serious, whether he had a dangerous disease or not, but the doctor ignored it. It was very bureaucratic, right?” Go

“Ivan reflects on himself when he sees the doctor ... The doctor didn't even look in his face, he didn't want to know about the human behind the patient, but about the bureaucratic process. Ivan notices that the doctor had no empathy. From then on, he loses the reins of his life and is left with no answers for life...”

“The doctor didn't ask: are you bad? The doctor was not nice, and Ivan realizes that doctors are confused and did not feel welcomed”

“When Ivan has no control over himself, t'at's when he freaks out and do'sn't understand the human being that he is, distant, pragmatic and such.”

“Gerassim, was the only one who showed compassion without saying anything. He was the one who never saw Ivan as a patient. It was natural, simple and he accepted his condition as servant of the family “

DISCUSSION

First of all, we emphasize that the strength point of this course was the dynamics that allowed to discuss controversial and sensitive topics in an open learning environment. According to Dy Boarman, Hanna and Lesley debate activities are effective tools to develop ethics and affective-communicative skills^{6,7}. In addition, as reported by Manolakis and Teagarden, fictional narratives portraying a patience experience allow students to build concepts when used for pharmacist education^{10,19}.

First, we will tackle the issue of Fictional Illness-Death theme. It was a debate about how the patient is dealing with an illness caused by a domestic fatality. So that, we discuss topics like Quality of Life and Lack of Independence.

As shown in chart 3, this session gave rise to profound testimonies about the socio-cultural image of death and its impact on professional life. No participant dealt directly with terminally ill patients, so the novel offered a fictional experience for these subjects.

In this sense, and according to Collins, Hanna *et al.*, Manolakis and Ratka works, we understand that our activity was a suitable space for shearing opinions and work on group empathy^{5,6,10,11}.

The second theme was Patience Care. On this debate, as shown above, participants were capable to recognize ethical complexity when dealing with terminally ill patients. For instance, they spoke about the pharmacist difficult when providing an accurate pharmacological therapy while properly managing

resource. At that moment, we researchers noted that it is still a tricky topic for clinical pharmacists to adapt to situations of suffering or even death of patients.

In Empathy in Caring theme, opinions focused on the vulnerability of terminal patients and their demands in such situations. Thus, participants recognized that health caring actions need both a biomedicine and a humanistic approach to give an appropriate treatment. According with Bonnebaker and Teagarden works have shown, there was a consensus that clinical pharmacists need a humanistic formation to be an empathic health professional^{1,18,19}.

In that way, Manolakis, Plake , McAllister , Zimmerman , Teagarden found that humanities offer to pharmacy students one way to understand diseases that biomedical science cannot show^{2,9,10,12,14}.

On the other hand, published articles from South America have reinforced the need to incorporate medical humanities in health careers curriculums^{28,29,30}.

We, researchers, endorse that it would be very effective to use this novel combined with fictional patient's narratives to focus on specific issues as pharmacists often brought patients' cases to the table. One way to make the patient experience more real for students is to make them read about the "lived" experience of the disease through autobiographies/biographies of patients and family members as described by Bonnebaker and Poirier^{1,8}.

The main limitation of this study is that the assessment instruments used to document the achievement of learning outcomes were not validated instruments. Data analysis provided valuable information, as qualitative findings, but that cannot be generalized to other contexts. On the other hand, a second limitation pertains to the small cohort surveyed and the duration and extent of the activity. Ergo, it was not possible to infer impacts on the performance of the professionals involved, something which would

require a longitudinal study. Future studies in this field should consider resampling participants after graduation to measure these changes.

Future improvements are planned. We want to expand courses using humanities to include more poetry, photography, art and patient narratives.

SUMMARY

The “Classic Literature Debate Group” activity promoted ethical debates in a group of pharmacy residency students. The dynamics of the sessions carried out in this experience can be reproduced and modified as necessary in order to develop affective skills.

The use of a classic fiction literature helped students to understand how affective skills are important in order to carry out a patient-centered care with quality.

For that reason, we highlight the value of classical literature as an essential resource in any humanistic course.

Acknowledgments

This study was carried out with the support of the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel – Brazil (CAPES) – Financing Code 001.

REFERENCES

- 1- Bonebakker, V JD; Literature & Medicine: Humanities at the Heart of Health Care: A Hospital-Based Reading and Discussion Program Developed by the Maine Humanities Council. *Academic Medicine*: 2003; 78 (10) p 963-967.
<https://doi.org/10.1097/00001888-200310000-00004>

- 2- Plake, KS. Book Club Elective to Facilitate Student Learning of the Patient Experience With Chronic Disease. *American Journal of Pharmaceutical Education*. 2010; 74(3):37.
<https://doi.org/10.5688/aj740337>
- 3- Verran, J. (2013). The Bad Bugs Book Club: Science, Literacy, and Engagement. *Journal of Microbiology & Biology Education*, 14(1), 110-112.
<https://doi.org/10.1128/jmbe.v14i1.507>
- 4- Accreditation Standards and Guidelines for the Professional Program in Pharmacy Leading to the Doctor of Pharmacy Degree Effective. Accreditation council for pharmacy education. 2016.
<https://www.acpe-accredit.org/pdf/Standards2016FINAL.pdf>.
- 5- Ratka, A. Empathy and the development of affective skills. *American Journal of Pharmaceutical Education*, 2018; 82(10).
<https://doi.org/10.5688/ajpe7192>
- 6- Hanna LA, Barry J, Donnelly R, Hughes F, Jones D, Lavery G, Parsons C, Ryan C. Using debate to teach pharmacy students about ethical issues. *Am J Pharm Educ*. 2014; 78(3): 57.doi: 10.5688/ajpe78357.
<https://doi.org/10.5688/ajpe78357>
- 7- Dy-Boarman EA, Nisly SA, Costello TJ. It's no debate, debates are great. *Curr Pharm Teach Learn*. 2018; 10(1):10-13. doi: 10.1016/j.cptl.
<https://doi.org/10.1016/j.cptl.2017.09.016>
- 8 - Poirier, T. I., *et al.* A course for developing interprofessional skills in pre-professional honor students using humanities and media. *Curr Pharm Teach Learn* .2017; 9(5): 874-880.
<https://doi.org/10.1016/j.cptl.2017.05.004>
- 9- McAllister M, Lasater K, Stone TE, Levett-Jones T. The reading room: Exploring the use of literature as a strategy for integrating threshold concepts into nursing curricula. *Nurse Educ Pract*. 2015; 15(6):549-555. doi:10.1016/j.nepr.
<https://doi.org/10.1016/j.nepr.2015.07.012>
- 10 - Manolakis ML, Olin JL, Thornton PL, Dolder CR, Hanrahan C. A Module on Death and Dying to Develop Empathy in Student Pharmacists. *American Journal of Pharmaceutical Education*. 2011; 75(4):71.
<https://doi.org/10.5688/ajpe75471>
- 11- Collins, K. L., *et al.* Impact of a fictional reading intervention on empathy development in student pharmacists. *Curr Pharm Teach Learn* 9(3): 498-503.
<https://doi.org/10.1016/j.cptl.2016.12.003>
- 12- Zimmermann, M; Instructional design and assessment Integrating Medical Humanities into a Pharmaceutical Care Seminar on Dementia. *American Journal of Pharmaceutical Education* 2013; 77(1). <https://doi.org/10.5688/ajpe77116>
- 13- Lindsey E. Moseley, Channing R. Ford, Emily B. Wilkins Using Focus Groups to Explore Evolving Perceptions of Student Pharmacists' Curricular Experiences: *American Journal of*

- Pharmaceutical Education. 2020; 84 (1) 7122; DOI: 10.5688/ajpe7122
<https://doi.org/10.5688/ajpe7122>
- 14- Teagarden J.R, Michelle Assa-Eley, Ruth E. Nemire, Illness Performed and Imagined: An elective course using Humanities to teach student pharmacists about illness. *Currents in Pharmacy Teaching and Learning* 2013; 5 (2) Pp120-128. <https://doi.org/10.1016/j.cptl.2012.09.017>
- 15- Tsingos C, Bosnic-Anticevich S, Smith L. Reflective practice and its implications for pharmacy education. *Am J Pharm Educ.* 2014; 78(1):18. doi:10.5688/ajpe78118
<https://doi.org/10.5688/ajpe78118>
- 16- Freitas EL de, Ramalho-de-Oliveira D. Critical thinking in the context of clinical practice: the need to reinvent pharmacy education. *Rev Port Educ.* 2015; 28(2):231-250.
<https://doi.org/10.21814/rpe.7753>
- 17- Brazil. Ministry of Education National Council of Education Chamber of Higher Education Resolution No. 6, of October 19, 2017 National Curriculum Guidelines of the Undergraduate Course in Pharmacy. 2017. Available in: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/ces1133.pdf>.
- 18- Teagarden, J.R. (2013). Well Connected: Pharmacy Education and the Humanities. *J Humanit* 34, 477-480 <https://doi.org/10.1007/s10912-013-9249-1>
- 19- Teagarden, J.R. (2020). From Atoms, Molecules, and Numbers to Literature, Art, and Performance. *American Journal of Pharmaceutical Education.* 84 (4).
<https://doi.org/10.5688/ajpe7636>
- 20- Alves, P. C. "The Death of Ivan Ilyich" and multiple dimensions of illness. *Ciência & Saúde Coletiva*: 2018; 23, 381-388.
<https://doi.org/10.1590/1413-81232018232.15162017>
- 21- Sousa, S & Gallian, D & Bittar, Y. The Aesthetic Experience of Literature as means for Health Humanization in Brazil. *The International Journal of Health, Wellness, and Society.* 2013; 3 (1). 25-42. 10.18848/2156-8960/CGP/v03i01/41039.
<https://doi.org/10.18848/2156-8960/CGP/v03i01/41039>
- 22- Lima, C. C., Guzman, S. M., Benedetto, M. A. C. D., & Gallian, D. M. C. Humanities and humanization in healthcare: the literature as a humanizing element for health science undergraduates. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação.* 2013; 18, 139-150.
<https://doi.org/10.1590/1807-57622013.0708>
- 23- Reginato, V, Gallian, D.M.C, & Marra, S. Literature in the education of future scientists: a lesson of Frankenstein. *Educação e Pesquisa.* 2016, 44. <https://doi.org/10.1590/s1517-9702201610157176>
<https://doi.org/10.1590/s1517-9702201610157176>
- 24- Borkan, J. Immersion/crystallization. In: Miller, WL.; Crabtree, BR. (Ed.). *Doing qualitative research*, 1999 p. 179-194.

- 25- Vries de, B. Resonating with reflexive design: On participatory design, narrative research and crystallization. *Educational Design Research*, 2018; 2(1).
<https://doi.org/10.15460/eder.2.1.1184>
- 26- Stewart, H., Gapp, R., & Harwood, I. Exploring the alchemy of qualitative management research: Seeking trustworthiness, credibility and rigor through crystallization. *The Qualitative Report*, 2017; 22(1), 1-19.
<https://doi.org/10.46743/2160-3715/2017.2604>
- 27- Carabajo.R, La metodología fenomenológico- hermenéutica de m.van manen en el campo de la investigación educativa. posibilidades y primeras experiencias. *Revista de Investigación Educativa*. (2008); 26 (2).
- 28- Rosenthal M. Qualitative research methods: why, when, and how to conduct interviews and focus groups in pharmacy research. *Curr Pharm Teach Learn*. 2016; (8). 509-516
<https://doi.org/10.1016/j.cptl.2016.03.021>
- 28- Balbi, L; Lins, L; Menezes, MS. A Literatura como Estratégia para Reflexões sobre Humanismo e Ética no Curso Médico: um Estudo A. *Rev. bras. educ. med.*, 2017;41, (1); 152-Available at <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022017000100152&lng=en&nrm=iso>.
<https://doi.org/10.1590/1981-52712015v41n1rb20160049>
- 29- Kottow, M. "Medical humanities: Decorative ou Substantive? The case of Medicine and Literature", *Revista Brasileira de Educação Médica*, 38 (3): 293-298.
<https://doi.org/10.1590/S0100-55022014000300002>
- 30- Nery Filho A, Lins L, Batista CB, Vasconcelos C, Torreão L, André SB *et al*. Bioethics and literature: experience report of the ethical-humanistic Axis FMB-UFBA. *Bioethics Magazine*, 2013; 21(2) 344-49. Available at: <http://www.scielo.br/pdf/bioet/v21n2/a18v21n2.pdf>.
<https://doi.org/10.1590/S1983-80422013000200018>

3.4 Formação farmacéutica, empatia y educación de los afectos: Una experiencia humanística literaria.

Artigo submetido para publicação à Revista Civilizar, classificada como A3 pelo sistema Qualis da CAPES, ano referência 2021, em vigor quando de sua submissão, cumprindo exigência de produção acadêmica do PPGSC-EPM.

Autores: Gabriel Barreto Rossello, Clarissa Carvalho Fongaro Nars, Dante Marcello Claramonte Gallian

Formación farmacéutica, empatía y educación de los afectos: Una experiencia humanística literaria.

Introducción

La incorporación de las humanidades, las artes y la literatura dentro de currículos para la formación humanística en el área de la salud ha sido un tema en constante desarrollo en las últimas décadas. (Crawford & Brown *et al.*, 2010).

Estudios recientes han resaltado la importancia de la ficción literaria en la formación ética a partir de la movilización de los afectos (Bonnebaker, 2013; Charon, 2001; Collins *et al.*, 2016; Plake, 2013; Verran, 2013). Así, con abordajes basados en el desarrollo de la empatía, estos trabajos han reportado resultados satisfactorios en lo que respecta la formación en competencias afectivas.

Según Ratka (2018) la empatía es una habilidad que tiene un impacto positivo en la práctica colaborativa interprofesional y en la mejora de la comunicación entre los profesionales. Además, el autor resaltó el impacto en la capacidad de pensamiento crítico, y reflexivo para la tomada de decisiones.

Por otro lado, los trabajos de Dy-Boarman *et al.*, (2018) y Hanna *et al.* (2014) de han resaltado la importancia de las actividades centradas en debates de narrativas de ficción como herramientas efectivas en la formación ética. Según Hanna *et al.* (2014), el debate es un proceso estructurado en el cual los participantes adoptan una postura sobre un tema o pregunta presentada y utilizan la comunicación persuasiva, la evidencia y la lógica para llevar a otros a un acuerdo. De esta forma, un debate se puede utilizar para desarrollar el conocimiento de un tema, desarrollar el pensamiento crítico y para mejorar las habilidades de comunicación.

En lo que respecta a la formación ética, como defendían Nussbam (1997) y Ricouer (2000) esta es posible porque la literatura de ficción puede llevar al lector, a través de la imaginación, a vivir dramas imaginarios como si fueran reales y/o afrontar situaciones que jamás ha vivido. De acuerdo con Ricouer la literatura ofrece al lector la posibilidad de involucrarse en la historia como si fuera una experiencia propia y de revivir los sentimientos y pasiones que recrea la trama.

Así, entendemos que la literatura de ficción deja mucho más que de conocimientos discursivos y tangibles, como ya explicó Van Manen (2003):

La fuerza de una gran novela literaria es que nos brinda una valiosa y poderosa experiencia humana. La novela nos enseña cómo es una experiencia única. Solo dejando la novela a un lado (ya sea al final o al final de la página) podemos meditar, soñar despiertos o llevar al discurso una teorización práctica de lo único, cuál fue el significado más profundo o el significado de la experiencia para nosotros. (p. 178)

La formación del farmacéutico clínico ha sido objeto de importantes reformas curriculares a partir de guías como la ACPE (2016) norteamericanas. Estas, han hecho hincapié en el desarrollo del dominio afectivo de la profesión (Hassali *et al.*, 2011).

En este sentido, como destacaron Preston y Jean-Louis (2020) los profesores-investigadores han realizado cursos de formación ética incorporando las humanidades y las artes. Resultados de investigaciones centradas en este abordaje fueron divulgados por los trabajos de Bonnebaker (2013), McAllister *et al.* (2015), Poirier *et al.* (2017) y Teagarden (2013).

Por otra parte, en Brasil, los lineamientos curriculares nacionales para las carreras de grado en Farmacia, denominadas DCNs, también han enfatizado la importancia de programas que atiendan la formación humanística de los futuros profesionales. Estas DCNs, apuntan a una formación generalista, humanista, crítica y reflexiva para que el profesional sea capaz de actuar de acuerdo con una visión biopsicosocial que tome en cuenta las necesidades sociales de salud, con énfasis en el Sistema único de Saúde (SUS) (Brasil, 2001).

De este modo, las DCNs recomiendan que los contenidos curriculares incluyan no solo las disciplinas provenientes de las Ciencias Biológicas, sino también las disciplinas provenientes de las Ciencias Humanas y Sociales. Además, las DCNs recomendaron abordajes pedagógicos y recursos didácticos que promuevan habilidades para que el estudiante se desarrolle intelectual y profesionalmente con autonomía (Brasil, 2001).

Este cambio de paradigma ha sido lento y poco estandarizado. Las instituciones de Educación Superior de Farmacia aún enfrentan el desafío de estructurar planes de estudio que consideren todas estas recomendaciones ya que aún predomina el modelo de enseñanza centrado

en los cánones de la biomedicina (Freitas y Ramalho-de-Oliveira, 2015)

A pesar de estas dificultades, algunos planes de estudio de posgrado en el área de la salud han ido incorporado disciplinas como Historia, Filosofía, Literatura, Espiritualidad, Medicina y Literatura como recurso para la formación humanística. Em este sentido, es de orden destacar los trabajos de Balbi y Menezes (2013) y Nery Filho *et al.* (2013) de los cuales han empleado la literatura de ficción en pro de la formación ética de profesionales médicos y de enfermería.

Específicamente, en este artículo nos centraremos en una actividad pedagógica denominada “Laboratorio de Lectura”. Esta, fue descrita por Bittar *et al.* (2013) y Lima *et al.* (2014) como una dinámica experiencial ligada a la humanización en el ámbito de la salud a través educación de los afectos, y que tiene como objetivo no solo el desarrollo de habilidades cognitivas y técnicas, sino el desarrollo de las tres dimensiones esenciales de la experiencia humana: afectiva, reflexiva y volitiva (Gallian, 2017). En esta experiencia, es a partir de la lectura y discusión de libros de literatura de ficción que los participantes involucrados son desafiados a debatir los temas que suscita el libro siempre a partir de la experiencia subjetiva. En este sentido, Gallian (2012) y Silva (2016) mencionan como fundamental en el impacto de la lectura de ficción el “acontecimiento estético”. Este, según Nussbaum (1997), surge porque la lectura literaria de obras narrativas permite confrontar la vida emocional de cada lector al momento de enfrentarse con el mundo de ficción de la obra.

En concordancia con lo defendido por Barrios-tao (2020), en cuanto a la necesidad de potenciar la inteligencia emocional fortaleciendo la formación humana mediante experiencias emocionales, creemos que el Laboratorio de Literatura amplía el horizonte de comprensión de la educación de una dimensión terapéutica, individualista y competitiva a una dimensión personal y social en permanente construcción y formación. A su vez, en lo que se refiere a la educación de los afectos, en este estudio defendemos la idea de que la literatura contribuye de manera insustituible no solo a nuestra 'educación sentimental', sino también en nuestra formación ética.

Considerando lo anteriormente expuesto, el objetivo de este artículo es describir y evaluar una actividad educativa realizada con un grupo de residentes de una farmacia universitaria.

Metodología

Este artículo es un recorte de una investigación cualitativa de corte fenomenológica interpretativa cuyo marco teórico-metodológico estuvo de acuerdo con las premisas de Gil (2002) y Pesce y Abreu (2013). Por lo tanto, este manuscrito relata un estudio descriptivo-interpretativo sobre un ciclo de una experiencia formativa en el ámbito de la salud.

Este ciclo de Laboratorio de Lectura fue realizado dentro del Departamento de Farmacia del Hospital de Clínicas de la ciudad de San Pablo. El criterio de inclusión fue la disponibilidad y compromiso de los farmacéuticos que respondieron a la llamada del departamento. Al final, comparecieron 5 profesionales farmacéuticas: 4 residentes y un jefe de área.

Tabla 1

Detalle de la actividad

Libro:	La elegancia del erizo de Muriel Barbery.
Sinopsis:	Una niña y una mujer celadora acaban relacionándose a partir de su convivencia y de sus dilemas personales.
Puntos pedagógicos:	Empatía, autoconocimiento, afectos.
Sesiones:	4 (90 min)

Esta novela escrita por la autora francesa Muriel Barbery (2013), presenta a dos protagonistas femeninas venidas de contextos diferentes, pero unidas por una circunstancia en común: la desesperanza. La primera es Renée Michel, una viuda parisina apasionada por las artes, la literatura y la filosofía que trabaja de portera en un condominio. En este, vive la familia acomodada del otro personaje principal, Paloma Josse, una preadolescente de 12 años de intelecto vivaz, aburrída de la rutina de sus padres e interesada en escribir sobre teorías existenciales. Esta novela nos brinda una historia reflexiva acerca del verdadero valor de la vida y de la amistad.

Desde el inicio de la actividad, el objetivo fue dar libertad para que las discusiones fueran honestas en el sentido de que surgieran de la experiencia viva del texto. El primer día de la reunión del grupo, el coordinador explicó el origen del Laboratorio, su propósito y metodología, y pidió a las participantes que realizaran sus historias de lectura. Las lectoras tuvieron que contar, de forma sencilla, franca y abierta, cómo leyeron la obra, si les gustó o no, si fue fácil o difícil, agradable o desagradable y, sobre todo, qué afectos, sentimientos, ideas, preguntas o surgieron reflexiones sobre los personajes y hechos.

En la segunda etapa, encuentros de Itinerarios de Discusión, se iniciaron las reflexiones grupales sobre los temas centrales de la narrativa, planteados por las participantes y registrados por el coordinador de la actividad.

Finalmente, ocurrió el encuentro de historias de convivencia en donde las participantes fueron invitadas a relatar sus vivencias de forma oral o escrita.

Tabla 2

Dinámica del Laboratorio de Lectura.

Reunión inicial de “Historias de lectura” donde las participantes informaron cómo la lectura las afectó

Reuniones de discusión sobre los capítulos y temas que surgieron en las historias de lectura

El último encuentro estuvo reservado para las “Historias de convivencia”, donde las participantes expresaron oralmente sus consideraciones finales sobre la participación en la actividad

Análisis de los Datos

En este estudio colectamos material empírico en dos instancias centrales: registros auditivos de las reuniones y cuatro informes escritos por las participantes. Complementariamente, utilizamos los registros de cuaderno de campo realizados por el coordinador de la experiencia.

Todo este material fue transcrito, organizado en textos y codificado manualmente por el coordinador de la actividad y responsable de la investigación. Por lo tanto, en este paso no se utilizó ningún software de análisis de contenido cualitativo.

De acuerdo con Van Manen (2013), nuestro análisis partió de una premisa central: ¿Cómo describir el fenómeno? Con ese fin, todo el contenido textual fue analizado siguiendo técnicas de interpretación hermenéutica siguiendo las instrucciones de Borkan (2013), Minayo (1994) y Pesce y Abreu (2013).

Para este trabajo nos propusimos abordar la siguiente cuestión: ¿Cuál fue el tema central de los debates? A partir de una inmersión en los textos, en una primera interpretación conseguimos cristalizar dos categorías de análisis: “el momento crítico” y “el momento empático” de la experiencia.

En la siguiente etapa realizamos una segunda interpretación en donde articulamos todas las fuentes de datos con el objetivo de entender cual fue la esencia de esta experiencia y los significados que emergieron a partir de esta. Esta vez a partir de las siguientes cuestiones: ¿Cuál fue la esencia de experiencia? ¿Qué significado le dio la participante a su experiencia?

Para ilustrar la línea de interpretación, adoptamos una presentación de resultados en donde resaltamos en **negrita** las palabras llaves.

Este trabajo forma parte de la investigación “Literatura y humanización en salud: Evaluación del impacto de una experiencia estético-educativa con profesionales farmacéuticos” realizada en el marco del programa de posgrado en Salud Colectiva de la Universidad Federal de São Paulo. Este, fue aprobado por el Comité de Ética en Investigación de la referida universidad el 27/06/2018 con el número (2.741.177). Además, esta actividad fue realizada mediante autorización del Departamento de Farmacia del Hospital das Clínicas de la ciudad de São Paulo. Todas las participantes firmaron el Término de Consentimiento Libre e Informado (TECLE), permitiendo el uso de los registros auditivos y de los relatos finales para fines de esta investigación.

Resultados y Discusión

A continuación, presentamos las primeras impresiones proferidas por las lectoras participantes resaltando los conceptos que conformaron el “momento crítico” de la actividad.

*“Las dos protagonistas están **descontentas** con todo, pero no hacen nada para mejorar ni ayudar a nadie. ¿Porqué no usan esta **insatisfacción** para cambiar algo?”*

*“René me pareció que una **persona negativa** que no cree en los demás ... no cree en ella misma... parece que si se abre para mostrarse quién es realmente, la gente la aceptará. Ella piensa que, como es pobre, no la aceptarán.*

*“Paloma me caía bien, pero en un momento empecé a enfadarme con ella porque comenzó a parecerme **frívola**. Me dieron ganas de darle un sacudón...Por algunas de sus actitudes, me parecía muy **narcisista**, muy concentrada en sus problemas, en sus cosas, que no podía ver su entorno”.*

*“Paloma es una chica **solitaria** que vive hablando sobre el mundo adulto. No es normal”*

*“Ella no es una **psicópata**... Parece que esta chica no quiere morir, pero parece incómoda. Podríamos pensar en nuestros 12 años para ver si teníamos esta preocupación por el futuro. Creo que es realmente malo que te preocupes por el futuro o predigas que algo no va a funcionar.”*

*“Creo que Paloma no está totalmente **desesperanzada**. Debido a estos pensamientos profundos, ella ha estado intentando algo que la hace querer vivir”.*

*“Ambas viven **clandestinamente**. Paloma se esconde en la escuela para no parecer demasiado inteligente, y René se esconde para no verse demasiado inteligente frente a las otras personas con las que vive”*

*“Creo que tanto René como Paloma tienen **estereotipos** sobre la sociedad. Para René, un conserje tiene que ser tonto, no tiene porque saber leer. Y Paloma tiene que comportarse como una rica, pero ella no lo siente así. Ella ve la **desigualdad social** y le molesta. Infelizmente no tiene personas con las que pueda identificarse en el entorno en el que vive.”*

Entendemos, a partir de estos trechos, que estas lectoras consiguieron relatar de forma honesta y abierta sus afectos sobre los personajes como primera impresión.

Así como relataron los trabajos de Gallian (2012) y Silva *et al.* (2016) percibimos que este primer momento estético desencadenó varias reflexiones a través de los afectos, sentimientos e ideas que suscitó la lectura. Esta parte de la dinámica fue de suma importancia ya que el tenor de las manifestaciones fue lo que nos guió en los siguientes encuentros para el debate a fondo de los aspectos ético-morales de los personajes.

Con el devenir de los encuentros, surgieron reflexiones sobre el arte, la literatura y la belleza, que fueron el aliciente para que ocurriese el “momento empático” de la experiencia. Allí, comenzaron a aparecer contrapuntos importantes sobre las opiniones vertidas en los encuentros anteriores.

Volviendo a las consideraciones de Nussbaum (1997), Ricoeur (2000) y Van Manen (1983), entendemos que el avance en la narrativa y el mayor involucramiento con la vida de los personajes dieron lugar a una mayor empatía con los personajes.

A seguir, mostramos los trechos de este momento, destacando en negrita los conceptos vertidos sobre las protagonistas de esta novela:

*“Me gustó mucho René porque era muy **inteligente**, aunque ella se escondía para mantener la pose de conserje ... Al mismo tiempo que se escondía, daba respuestas muy pertinentes. Noté que tenía sus **traumas infantiles**, con su madre y su padre. La parte en la que habló de su esposo fue muy linda”*

*“En un momento de la lectura yo estaba encantada con René. Me **identifiqué** mucho con ella. Vi que tenía **traumas**, pero creo que igualmente era una persona fuerte y firme. Creo que se camuflaba porque **quería paz**, quería estar en su rincón. Al mismo tiempo, me pareció que, desde afuera, ella tenía una impresión equivocada de sí misma. Ella sabía del poder de ser autodidacta, veía cosas geniales, **leía cosas geniales, apreciaba el arte”***

*“Ella tenía ese **trauma de la apariencia** también. Tanto es así que, después de vestirse vio que decían que no era tan fea, que tenía un cabello hermoso. Ella era una mujer como cualquier otra. Sabía cómo ser atractiva. También me emocioné su relato sobre la historia de su esposo. Creo que **el gusto por el "buen gusto"** que tiene es genial.*

*“Cuando se juntó con su **amiga Manuela** fue muy especial... tuve celos de Manuela”. Me imaginé que era elegante, quería ser elegante como ella ... Entonces creo que es genial como se disfrutaban, comían chocolates, bebían té juntas.”*

“Me llamó la atención la forma en que la niña [Paloma] veía de forma teatral las cosas cotidianas. Ella identificaba las cosas que la gente intenta ocultar... eso lo leí entrelíneas. ¡Me

*pareció **sensacional**, me gustó mucho! Tengo un sentimiento de **envidia**, quería tener ese olfato, esta intuición. Quería ser así.”*

*“Quizás Paloma tenía ese pensamiento tan negativo porque no tenía a nadie con quien compartir su **sufrimiento**. Ella pensaba que sus padres y su hermana eran inútiles. Por eso ella no quería **compartir** sus cosas con nadie”*

Percibimos un gran contrapunto en lo que se refiere a René y a Paloma. Es de orden resaltar el cambio en los conceptos y las sentencias de las participantes en este momento. Y notamos también la importancia del momento empático que ocurre entre las mujeres lectoras y las mujeres ficticias.

Cuando las lectoras relatan que se identifican, emocionan o incluso envidian a los personajes – como algo que las incita a querer ser como ellas, mostrando admiración – se acercan al lugar subjetivo vivido por otras mujeres, profundizando la discusión. En este nivel de debate, vemos una emergencia espontánea, a través de la experiencia de lectura, de un cambio de ese momento crítico inicial, a un momento de empatía con otras mujeres, protagonistas de la trama.

Así, cuando consideramos lo que teoriza Ricoeur (2000), acerca de que la literatura ofrece la posibilidad de involucrarse en la historia como si fuera la suya propia, reviviendo sentimientos o Gallian (2012), que considera que la literatura contribuye a la educación sentimental y la formación ética, vemos en estos extractos de las lectoras, el mecanismo psíquico de identificación como una genuina implicación emocional en sus propios dramas. Esta implicación no se disocia del desarrollo de capacidades éticas debido al poder narrativo que tiene la obra literaria, en línea con las ideas de Nussbaum (1997).

Aclaramos que no existe, en novela, una división sobre lo que es una característica admirable, o repudiable, en los personajes. Por eso, una vez más, nos basamos en las consideraciones de Van Manen (2003) para reforzar las teorías sobre el poder del debate de los afectos en la formación ética.

Aún considerando lo expuesto por este autor, sobre el significado profundo de la experiencia vivida con la literatura de ficción, pensamos que este tipo de narrativas brinda momentos de empatía que se pueden extender a otras situaciones de la vida, dados los significados previamente creados para la experiencia.

A continuación, nos centraremos en el contrapunto que hubo entre los dos personajes de esta novela. Este momento también fue muy importante porque entendimos que reflejó otra instancia de empatía en la experiencia:

*“Las dos [René y Paloma] **luchan** por lo mismo. Solo que la respuesta de cada una es diferente. Mientras una quiere estar **escondida** la otra tiene la necesidad de ser un **ejemplo** para llamar la atención”*

*“Creo que la mayor diferencia entre ellas es que **una es rica y la otra es pobre** ... René pasó por experiencias que Paloma no tuvo, pero ambas tienen **problemas familiares**”*

*“Rene decía que lo familiar fue su mayor **trauma**...Mientras que Paloma también vivía en una familia particular. Cuando René fue a la escuela, fue bienvenida, y fue la mejor experiencia de aprendizaje de su vida. En cambio, Paloma no tuvo esa vivencia. Esa es una diferencia importante. Rene también tuvo experiencias de pérdida ... fue casada y perdió a su marido, pero tiene una gran amiga. En cambio, Paloma no pasó por cosas así ...”*

Aquí, destacamos la importancia de las contradicciones y controversias en el desarrollo de esta actividad. Retomando lo dicho por Dy-Boarman *et al.* (2018) y Hanna *et al.* (2014), percibimos que el debate de ideas es fundamental para la formación ética y para el desarrollo de las habilidades afectivas de forma experiencial.

Asimismo, resaltamos lo dicho por Sakamoto (2015), sobre el Laboratorio de Lectura:

la experiencia estética de la lectura compartida promueve un movimiento de reflexión e interpretación que, en de vez estructurar un texto o conclusión fechada, permite la elaboración de conocimientos afectivos interpersonales. (p. 3)

Como evaluación final de la actividad presentamos dos trechos sobre la opinión final de las participantes:

*“Me encantó el libro. **Es el tipo de libro que me gusta**. Es muy profundo y tiene personajes muy complejos y que transmiten mucho de lo que sienten. Me pareció interesante. Disfruté la lectura. Y el tema psicológico me pareció muy interesante. Son dos personajes inteligentes con un alto coeficiente intelectual”*

*“Me gustó el libro, fue una lectura muy bonita. Me gustó el humor y el lenguaje de los dos personajes, creo que es muy profundo y genial cómo abordan los dilemas personales. **Sentí empatía por ambas**, pero de alguna manera más por la niña. Realmente disfruté del libro”*

Consideraciones Finales

Este ciclo de Laboratorio de lectura favoreció la formación ética de estas participantes a través del intercambio de experiencias y opiniones a través de debates sobre el libro “La elegancia del erizo”.

Destacamos que el verdadero valor pedagógico de este ciclo fue brindar un contacto con la narrativa propuesta a estas participantes a través de una dinámica innovadora. En este sentido, resaltamos el diferencial que tiene la propuesta del Laboratorio de Lectura; orientado a la educación de los afectos y con la firme idea de que no todo el aprendizaje útil es predecible desde el principio ni demostrable mediante evaluaciones cuali-cuantitativas de desempeño.

Enfatizamos que el “momento empático”, que surgió como consecuencia de las opiniones volcadas por estos profesionales, fue el ápice del desarrollo de las habilidades afectivas ya que notamos que este fue intenso en reflexiones y emociones. No obstante, cabe señalar que es posible compartir, diferir y aún reinterpretar el significado dado a esta experiencia en este estudio ya que se trata de una descripción fenomenológica.

Por otro lado, entendemos que, pesar de ser un estudio limitado a un grupo reducido de participantes, el Laboratorio de Lectura es una actividad que se puede realizar tanto para la formación de los estudiantes de grado en farmacia como para los estudiantes de postgrado, sensibilizando sobre la importancia de las humanidades para los profesionales de la salud.

Asimismo, pensamos que la realización del Laboratorio de Lectura basado en narrativas de vida de pacientes ampliaría aún más las posibilidades de formación humanística para los profesionales de la salud.

Como corolario, concluimos que el verdadero valor de la educación es entenderla como un proceso de formación humana integral y una experiencia *de y para* toda la vida que no procura formar sujetos *habilitados* en aspectos emocionales, sino formar personas que puedan expresar, desplegar y comprender sus experiencias vitales —en este caso, las emocionales— en los escenarios propios de su formación y con el cuidado de los múltiples factores que intervienen en su proceso educativo.

Agradecimientos

Este trabajo se realizó con el apoyo de la Coordinación de Perfeccionamiento del Personal de Educación Superior - Brasil (CAPES) - Código de financiamiento 001.

Referencias

Accreditation Standards and Guidelines for the Professional Program in Pharmacy Leading to the Doctor of Pharmacy Degree Effective (2016). *Accreditation council for pharmacy education*.

<https://www.acpeaccredit.org/pdf/Standards2016FINAL.pdf>. 2016.

Balbi, L; Lins, L; Menezes, M. (2017) A Literatura como Estratégia para Reflexões sobre Humanismo e Ética no Curso Médico: um Estudo Qualitativo. *Rev. bras. educ. med.*, Rio de Janeiro, v. 41, n. 1, p. 152-161. <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v41n1rb20160049>

Barbery, M. (2017). *La elegancia del erizo*. Santiago, Chile: Editorial Planeta Chilena

Barrios-Tao, H. (2020). Desarrollo de experiencias emocionales en educación: una contribución para la formación humanística. *Civilizar: Ciencias Sociales y Humanas*, 20 (38), 119-136.

<https://doi.org/10.22518/jour.cesh/2020.1a08>

Bittar, Y; Gallian, D; Sousa, S. (2013). A experiência estética da literatura como meio de humanização na saúde: o Laboratório de Humanidades da Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo. *Interface, Botucatu*, v. 17, n. 44, p. 171-186, jan./mar.

<https://doi.org/10.1590/S1414-32832013000100014>

Bonebakker, Victoria JD (2003). Literature & Medicine: Humanities at the Heart of Health Care: A Hospital-Based Reading and Discussion Program Developed by the Maine Humanities Council. *Academic Medicine: Volume 78 - Issue 10-p 963-967*.

<https://doi.org/10.1097/00001888-200310000-00004>

Borkan, J. (1999) Immersion/crystallization. In: Miller, WL.; Crabtree, BR. (Ed.) *Doing qualitative research*. London: Sage. p. 179-194.

Brasil. (2002) Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. *Resolução CNE/CES n° 2, de 19.02.2002, DOU de 04.03.2002. Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Farmácia*.

Charon R. (2001) Narrative medicine: a model for empathy, reflection, profession, and trust. *JAMA*. 2001; 286: 1897-902.

<https://doi.org/10.1001/jama.286.15.1897>

Collins, K. L., *et al.* (2016) Impact of a fictional reading intervention on empathy development in student pharmacists. *Curr Pharm Teach Learn* 9(3): 498-503.

<https://doi.org/10.1016/j.cptl.2016.12.003>

Crawford, & Brown, Brian & Tischler, Victoria & Baker, Charley. (2010). Health humanities: the future of medical humanities? *Mental Health Review*. 15. 4.

<https://doi.org/10.5042/mhrj.2010.0654>

Dy-Boarman EA, Nisly SA, Costello TJ. (2018) It's no debate, debates are great. *Curr Pharm Teach Learn*. 10(1):10-13.

<https://doi.org/10.1016/j.cptl.2017.09.016>

Freitas EL, Ramalho-de-Oliveira D. (2015). Critical thinking in the context of clinical practice: the need to reinvent pharmacy education. *Rev Port Educ*.28(2):231-250.

<https://doi.org/10.21814/rpe.7753>

Gil, AC. (2002). Como elaborar projetos de pesquisa. Adas. São Paulo. 4ta ed.

Gallian DM (2012). Literatura e formação humanística em medicina: o experimento do Laboratório de Humanidades da EPM/UNIFESP, *Rev Med (São Paulo)*. jul.set.;91(3):174-7.

<https://doi.org/10.11606/issn.1679-9836.v91i3p174-177>

Gallian D. (2017). A Literatura como Remédio: os clássicos e a saúde da alma. São Paulo, Editora Martin Claret. 2017.

Hanna LA, Barry J, Donnelly R, Hughes F, Jones D, Lavery G, Parsons C, Ryan C. (2014). Using debate to teach pharmacy students about ethical issues. *Am J Pharm Educ*.78(3):57.

<https://doi.org/10.5688/ajpe78357>

Hassali MA, Shafie AA, Al-Haddad MS, Abduelkarem AR, Ibrahim MI, Palaian S, Abrika OS (2011). Social pharmacy as a field of study: the needs and challenges in pharmacy education. *Res Social Adm Pharm*. Dec;7(4):415-20. global

<https://doi.org/10.1016/j.sapharm.2010.10.003>

Lima, C. C., Guzman, S. M., Benedetto, M. A. C. D., & Gallian, D. M. C. (2013). Humanities and humanization in healthcare: the literature as a humanizing element for health science undergraduates. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*;18,139-150. element

<https://doi.org/10.1590/1807-57622013.0708>

Manolakis ML, Olin JL, Thornton PL, Dolder CR, Hanrahan C. (2011). A Module on Death and Dying to Develop Empathy in Student Pharmacists. *American Journal of Pharmaceutical Education*.75(4):71.

<https://doi.org/10.5688/ajpe75471>

McAllister M, Lasater K, Stone TE, Levett-Jones T. (2015). The reading room: Exploring the use of literature as a strategy for integrating threshold concepts into nursing curricula. *Nurse Educ Pract*. 2015; 15(6):549-555.

<https://doi.org/10.1016/j.nepr.2015.07.012>

Minayo, M. C. S. (1994). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. 80 p.

Nery Filho A, Lins L, Batista CB, Vasconcelos C, Torreão L, André SB *et al.* (2013) Bioética e literatura: relato de experiência do Eixo ético-humanístico FMB- UFBA. *Revista Bioética* [online]; 21(2) 344-49.

<https://doi.org/10.1590/S1983-80422013000200018>

Nussbaum, M. (2005) *El cultivo de la humanidad. Una defensa clásica de la reforma en la educación liberal*. Barcelona, Paidós.

O'Connell, M.B.; De Bittner, M.R.; Poirier, T.I.; Karaoui, L.R.; Echeverri, M.; Chen, A.M.H.; Lee, S.-Y.; Vyas, D.; O'Neil, C.K.; *et al.* (2013) Cultural Competency in Health Care and Its Implications for Pharmacy Part 3A: Emphasis on Pharmacy Education, Curriculums, and Future Directions. *Pharm. J. Hum. Pharm. Drug*, 33, e347-e367.

<https://doi.org/10.1002/phar.1353>

Pesce, L., & Abreu, C. B. d. M. (2013). Pesquisa qualitativa: considerações sobre as bases filosóficas e os princípios norteadores. *Revista da FAEBA. Educação e Contemporaneidade*, 22(40).

<https://dx.doi.org/10.21879/faeaba2358-0194.2013.v22.n40.p19-29>

Poirier, T.I.; Stamper-Carr, C. (2018). A Call for a New Ism in Pharmacy. *Am. J.Pharm. Educ.* 82, 6441.

<https://doi.org/10.5688/ajpe6441>

Poirier, T. I., *et al.* (2017). A course for developing interprofessional skills in pre-professional honor students using humanities and media. *Curr Pharm Teach Learn*; 9(5): 874-880.

<https://doi.org/10.1016/j.cptl.2017.05.004>

Plake KS. (2010). Book Club Elective to Facilitate Student Learning of the Patient Experience With Chronic Disease. *American Journal of Pharmaceutical Education*;74(3):37.

<https://doi.org/10.5688/aj740337>

Preston, KB, Jean-Louis K (2020) A Community Service Organization Focused on the Arts to Develop Empathy in Pharmacy Students. *American Journal of Pharmaceutical Education* 84 (4) 7723.

<https://doi.org/10.5688/ajpe7723>

Ratka, A. (2018). Empathy and the development of affective skills. *American Journal of Pharmaceutical Education*; 82(10).

<https://doi.org/10.5688/ajpe7192>

Ricoeur, P. (2000). *Del texto a la acción*. México. Fondo de Cultura Económica.

Sakamoto JI, Gallian DMC. (2016). Laboratório de humanidades: percurso estético literário como dinâmica humanizadora na saúde. *Via Atlântica*, São Paulo,29, 153-171.

<https://doi.org/10.11606/va.v0i29.107965>

Silva MR, Gallian DMC, Shor, P. (2016). Literatura e humanização. uma experiência didática de educação humanística em Saúde. *Revista Brasileira de educação Médica* 40 (1):93-101.

<https://doi.org/10.1590/1981-52712015v40n1e01542015>

Van Manen M (1983). *Phenomenology of the Novel, or How do Novels Teach?* University of Alberta. Vol:3 No.3)

<https://doi.org/10.29173/pandp14987>

Van Manen M (2003). *Investigación educativa y experiencia vivida: Ciencia humana para una pedagogía de la acción y la sensibilidad*. Idea books.

Verran, J. (2013). The Bad Bugs Book Club: Science, Literacy, and Engagement. *Journal of Microbiology & Biology Education*, 14(1), 110-112.

<https://doi.org/10.1128/jmbe.v14i1.507>

Teagarden, J.R. (2013). Well Connected: Pharmacy Education and the Humanities. *J Med Humanit* 34, 477-480 .

<https://doi.org/10.1007/s10912-013-9249-1>

Teagarden, J.R. (2020). From Atoms, Molecules, and Numbers to Literature, Art, and Performance. *American Journal of Pharmaceutical Education*. 84 (4).

<https://doi.org/10.5688/ajpe7636>

Turato, ER. (2005) Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. Rev. Saúde Pública, São Paulo, v. 39, n. 3, p.507-514.
<https://doi.org/10.1590/S0034-89102005000300025>

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caro leitor, vou começar este capítulo final tecendo alguns comentários sobre o caminho percorrido neste trabalho.

Muitas coisas aconteceram durante estes quatro anos de vivência como pesquisador. Porém, creio que é algo quase inevitável falar das mudanças radicais nas instituições e políticas educativas e sanitárias do Brasil junto à chegada da pandemia. Tudo isso em pleno século XXI.

A natureza, implacável, nos colocou em uma situação inimaginável. Pessoalmente, foram anos difíceis, de muitas mudanças e momentos de fragilidade, altos e baixos emocionais, como a maioria das pessoas, acredito.

Infelizmente, nós pesquisadores e estudantes junto com os professores de todos os níveis educativos do Brasil temos assistido ao completo desmantelamento dos recursos públicos destinados à educação.

As opiniões de corte político-ideológicas contra a ciência e os cientistas, tem afetado enormemente a investigação acadêmica nas Universidades Federais.

Essa dinâmica arrasadora relativizou a importância das pesquisas nas áreas das Ciências Sociais e Humanas, disseminou teorias conspiratórias e *Fake News* e concluiu com a negação total da ciência pura e aplicada à saúde pública, que tantas vidas humanas têm salvado.

Assistimos à mais completa desumanização da/em/e na saúde, muitas vezes por ações claramente propositais feitas, inclusive, por profissionais da desta área. Um completo paradoxo.

Como profissional da saúde, saliento que a conclusão da pesquisa, com a concretização desta tese, foi um ato de resistência ao momento que vivemos.

Acredito que nestes tristes tempos de desprezo à vida e à dignidade do ser humano é impreterível lutar, em todos os âmbitos, defendendo às humanidades.

4.1 Considerações finais como pesquisador

A partir do manifestado acima, entendo que é imperioso começar este capítulo salientando todo o positivo acontecido durante estes quatro anos.

Primeiramente, destaco toda a autonomia e confiança dada pelo meu orientador prof. Dante Gallian para a realização deste trabalho assim como o suporte dado pelos meus colegas do grupo de pesquisa Clarissa Nars, Yuri Bittar, Ricardo Mituti, Licurgo de Carvalho e Kelly Cunegundes, vários deles coautores dos meus artigos.

Ressalto a ajuda ímpar da colega professora Gabriela Wagner, participe da minha história acadêmica, participante da minha banca de qualificação e professora responsável do meu estágio docência que realizei durante o ano de 2019.

Devo ressaltar também que, na instância de qualificação, em 2019, a professora Djenane Ramalho me auxiliou indicando uma serie de referentes na área da fenomenologia. Ressalto a importância do Van Manen, que foi um grande referencial teórico de grande apoio para a etapa de análise desta pesquisa.

Enquanto à realização da pesquisa, devo dizer que foi muito positivo ter sido o coordenador LabLei, por quase dois anos, junto com estes colegas farmacêuticos. Foi uma vivência muito enriquecedora e humana e, porque não, também humanizadora para mim.

Uma das coisas mais gratificantes foi entender o valor como “espaço de folga” que brindou o LabLei para os participantes que estavam em uma dinâmica de trabalho exigente dentro um hospital tão complexo como importante.

Uma questão que é mister salientar, diz respeito às entrevistas de história oral de vida realizadas após o final do curso. Estas foram fontes fundamentais nas instâncias finais de análise e interpretação do fenômeno estudado.

Dentro destas cinco narrativas realizadas há um volume de relatos muito representativos sobre a experiência de se tornar farmacêutico clínico assim como relatos sobre o lugar da Literatura.

Inevitavelmente no percurso da execução da pesquisa houve também dificuldades e desafios.

Neste sentido, a partir das falas informais que tive com os participantes, posso afirmar que esta residência em Farmácia, pelo caráter multiprofissional e por estar centrada no desenvolvimento de ações de Assistência Farmacêutica, é exigente e demanda uma dedicação total por parte dos residentes.

Por este motivo, por um lado, não foi possível contar com todos os dezesseis residentes para o curso do LabLei e, por outro lado, houve dificuldades para eles participarem de certos encontros por conta da rotina de trabalho.

Apesar destas dificuldades destaco como positivo o grupo humano que se formou e que ajudou a estreitar vínculos entre os participantes.

Um grande desafio para poder delimitar melhor o escopo da pesquisa, fora dos referenciais próprios da nossa linha de investigação, foi achar publicações relevantes que dessem maior sustento ao recorte inicial do projeto.

À princípio, as buscas preliminares indicaram que era um recorte bastante específico, com pouco volume de pesquisas acadêmicas e com uma relevância limitada. No entanto, após uma revisão mais exaustiva analisando minuciosamente as referências artigo por artigo, consegui chegar a um grupo importante de trabalhos e de nomes de peso desta área.

Ademais, um inconveniente deste campo de estudo foi a diversidade dos trabalhos enquanto às abordagens metodológicas e técnicas empregadas de avaliação dos resultados.

Outro grande desafio foi realizar a análise dos dados empíricos a partir da fenomenologia. Cabe assinalar que, neste tipo de trabalhos fenomenológicos-hermenêuticos existem diversas técnicas interpretativas. Estas terão sucesso se o pesquisador tiver habilidade para aplicá-las a partir dos objetivos propostos na pesquisa.

No caso deste trabalho, apesar de ter lido um volume importante de artigos acadêmicos e de pesquisas sobre a abordagem da fenomenologia hermenêutica, por momentos senti uma carência de prática para encarar a análise. Isto porque acredito que

este tipo de trabalhos requer de uma “expertise” que deve estar baseada tanto nos referenciais filosóficos-metodológicos quanto no treinamento da análise.

Como pesquisador ainda aprendiz na técnica hermenêutica, posso dizer que para poder interpretar, foi fundamental escrever. Ou seja, além de estabelecer as codificações-temas o fato de “re-narrar” e de recontar as experiências, possibilitou uma maior compreensão do todo da experiência vivida, perfazendo-se o que na Fenomenologia Hermenêutica denomina-se círculo hermenêutico da compreensão como mostrou o trabalho de Carvalho, Logatti , Sass, Gallian(2021).

Finalizo este ponto salientando a influência que teve o estado de ânimo nas diversas interpretações dadas aos textos decorrentes dos diferentes ciclos.

4.2 Considerações práticas sobre o andamento da pesquisa

Por conta das dificuldades mencionadas anteriormente, dentre os onze participantes do curso só dois deles participaram de todos de todos os ciclos. O Laboratório foi realizado com um mínimo de quatro pessoas e um máximo de nove pessoas.

Apesar desta variável, constatei que a maior diferença entre os ciclos ocorreu por conta dos livros utilizados. Como foi explanado no capítulo do percurso metodológico, eu propus três livros tidos como clássicos, dois de autores Russos e um de um autor Inglês, e dois livros de narrativa contemporânea, um de autor Japonês e o outra de uma autora Francesa.

Ao final do curso percebi que as duas obras de narrativa contemporânea permitiram uma leitura mais fluída para os participantes, por conta do estilo narrativo, e permitiram um debate dos problemas sociais, culturais e políticos pertencentes à nossa época.

Por outro lado, os clássicos da literatura conseguiram suscitar primorosos debates sobre temas e questões inerentes e extemporâneas ao Ser Humano e à Humanidade como um todo.

Embora nenhum dos livros tenha sido extenso, já que os ciclos foram pensados para serem curtos, constatei que o LabLei do livro “A morte de Ivan Ilich” foi o melhor enquanto ao conteúdo dos debates. Ressalto como pontos fortes a potência narrativa e a temática da obra que é, além de cativante, estão relacionadas a temas iminentes da saúde.

A seguir faço uma breve descrição pessoal final do que foram os ciclos propostos:

Ciclo “Admirável mundo novo”

Pareceu-me, em um começo, que iria ser um ciclo difícil.

No entanto, com o decorrer das “Histórias de leitura” fui percebendo que a leitura deixaria perguntas interessantes que engajariam os debates dos posteriores capítulos. Os depoimentos que em um princípio foram dominados pela repugnância e pela surpresa, foram depois dominados por debates mais profundos e relacionados a questões éticas caras à profissão do farmacêutico clínico.

Apesar do caráter filosófico e subjetivo do debate, as manifestações deste ciclo deram lugar a importantes reflexões.

Ciclo “A morte de Ivan Ilich”

Pareceu-me, ao ser o terceiro livro do LabLei, que seria um ciclo mais tranquilo já que a dinâmica da proposta já estava bem aprendida e porque o livro era de uma temática relacionada à saúde e era uma narrativa curta.

Porém, “A morte de Ivan Ilich” trouxe uma questão não muito agradável para o debate do grupo: As questões éticas a partir do sofrimento de uma pessoa doente - nos últimos momentos de vida - más que ainda procura um sentido para a sua existência. Foram encontros intensos e cheios de relatos comoventes.

Ciclo “Enfermaria número 6”

A experiência menos atraente ou empolgante para o grupo foi a dos encontros de debate de “Enfermaria no 6”. Os participantes relataram certo desgosto com a temática da obra e com certos personagens da narrativa. Este ciclo, como coordenador, me exigiu trabalhar mais os porquês desse desgosto com e entender as dificuldades em relação a estes aspectos.

Ciclo “A elegância do ouriço”

Neste ciclo, devo ressaltar que houve a particularidade de ter sido realizado inteiramente com mulheres residentes que debateram um livro escrito por uma mulher. Ademais, o eixo narrativo da obra gira entorno da vida de duas mulheres que vivem no século XXI dentro de uma grande cidade europeia.

Foi uma ótima ocasião para falarmos e debatermos sobre a problemática migratória atual, as questões de gênero e classe social, e também sobre os aspectos que tem efeito na desumanização da vida social e cultural contemporânea.

4.3 Desfecho e desdobramentos da pesquisa

Como mencionei no começo da tese, as questões da formação humanística do farmacêutico clínico e da humanização em saúde atreladas ao LabLei, foram o “*lei motiv*” deste trabalho.

Por um lado, parece-me importante reforçar que este trabalho não teve uma abordagem utilitarista da Literatura como sendo uma “ferramenta” de transmissão de valores morais em treinamentos técnico-curriculares.

Em total consonância com o defendido por Petit (2016), entendo que a experiência da leitura é única como fenômeno subjetivo e, portanto, que qualquer benefício educativo não é padronizável nem mensurável quantitativamente e que depende, basicamente, das abordagens educativas e dos docentes envolvidos no processo.

Aqui proponho fazer uma última reflexão final:

Pode-se afirmar que o curso Laboratório de Leitura, enquanto atividade de formação humanística para farmacêuticos clínicos, foi efetivamente um processo humanizador?

A partir dos resultados apresentados, concluo que a dinâmica do LabLei foi um processo emancipatório que envolveu o lado emocional, espiritual e ético dos participantes. Como descrevi, interpretei, comentei, defendo que o LabLei é uma atividade de formação humanística com impactos na formação ética de profissionais da saúde.

5 REFERÊNCIAS

ACPE (2011). **Accreditation Standards and Guidelines for the Professional Program in Pharmacy Leading to the Doctor of Pharmacy Degree**. Accreditation Council for Pharmacy Education. Effective February 14. Disponível em: <https://www.acpe-accredit.org/pdf/Standards2016FINAL.pdf>. 2016. Acesso em: 28.03.2022

Angonesi, D; Sevalho, G. Atenção Farmacêutica: fundamentação conceitual e crítica para um modelo brasileiro. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, supl. 3, p. 3603-3614. (2010). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232010000900035>. Acesso em: 28.03.2022

Aldana, A. (2009). Formación humanística del estudiante universitario. 4. **Studiositas, edición de diciembre de 2009**, 4(3): 9-2

Amancio Filho, A. Dilemas e desafios da formação profissional em saúde. **Interface (Botucatu)**, v. 8, n. 15, p. 375-380.2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832004000200019>. Acesso em: 28.03.2022

Ayres JRCM. Hermenêutica e humanização das práticas de saúde. **Ciênc. saúde colet.**; 10 (3): 549-60, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232005000300013>. Acesso em: 28.03.2022

Balbi, L; Lins, L; Menezes, M.S. A Literatura como Estratégia para Reflexões sobre Humanismo e Ética no Curso Médico: um Estudo Qualitativo. **Rev. bras. educ. med.** Rio de Janeiro, v. 41, n. 1, p. 152-161, Jan 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v41n1rb20160049>. Acesso em: 28.03.2022

Barbery, M. (2017). La elegancia del erizo. Santiago, Chile: Editorial Planeta Chilena

Barreto, G. Entre lo técnico y lo humano: el binomio humanización-deshumanización en el contexto de la Farmacia Hospitalaria. **Rev. OFIL** 2016, 26;4:264-270.

Berthoud, E; Elderkin, S. **Farmácia Literária. Mais de 400 livros para curar males diversos, da depressão e dor de cabeça a coração partido**. tradução Cecilia Camargo Bartalotti. 3 ed. São Paulo. 2018

Bittar, Y; Gallian, DMC; Sousa, M. S. A experiência estética da literatura como meio de humanização na saúde: o Laboratório de Humanidades da Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo. **Interface, Botucatu**, v. 17, n. 44, p. 171-186, jan./mar. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832013000100014>. Acesso em: 28.03.2022

Bonnebaker Victoria JD; Literature & Medicine: Humanities at the Heart of Health Care: A Hospital-Based Reading and Discussion Program Developed by the Maine Humanities Council. **Academic Medicine**: - Volume 78 - Issue 10 - p 963-967. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1097/00001888-200310000-00004>. Acesso em: 28.03.2022

Bogdan, Robert; Biklen, Sari. Investigação qualitativa em educação. Portugal: Porto Editora, 1994.

Brasil. **Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior**. Resolução CNE/CES n° 2, de 19.02.2002, DOU de 04.03.2002. Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Farmácia. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES022002.pdf>. Acesso em: 28.03.2022

_____. **Ministério da educação. Conselho nacional de educação câmara de educação superior**. Resolução n° 6, de 19 de outubro de 2017. Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Farmácia.2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/ces1133.pdf>. Acesso em: 28.03.2022

_____. **Ministério de educação. Conselho Nacional de Saúde**. Resolução n° 338, de 06 de maio de 2004. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2004/res0338_06_05_2004.html. Acesso em: 28.03.2022

_____. Lei n° 11.129 de 2005. Institui a Residência em Área Profissional de Saúde e cria a Comissão Nacional de Residência Multiprofissional em Saúde CNRMS. Disponível em: <https://prceu.usp.br/residenciamulti/a-residencia>, Acesso em: 28.03.2022

Carvalho LL, Logatti MSM, Sass S, Gallian DMC. Como trabalhar com narrativas: uma abordagem metodológica de compreensão interpretativa no campo das Ciências Humanas em Saúde. Interface (Botucatu). 2021; 25: e200355. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/interface.200355>. Acesso em: 28.03.2022

Buffon, Alessandra Daniela; MARTINS, Milena Rodrigues; NEVES, Marcos Cesar Danhoni. A fenomenologia como procedimento metodológico em pesquisa qualitativa na formação de professores. XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências-ENPEC, XI, Florianópolis, SC, 2017, vol. 3.

Cândido, A. **O direito à literatura**. In: Vários escritos. 4ª ed. São Paulo/Rio, de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre azul, 2004, p. 169-191.

Charon R. Narrative Medicine. A Model for Empathy, Reflection, Profession and Trust. **JAMA**. 2001;286(15):1897-902. Disponível em: <https://doi.org/10.1001/jama.286.15.1897>. Acesso em: 28.03.2022

Coelho, T. A cultura como experiência. In: **RIBEIRO, Renato. Humanidades: um novo curso para a USP** São Paulo: Edusp, 2001. p. 65-101.

Conselho Federal de Farmácia. **Anais do Congresso brasileiro de educação farmacêutica. Salvador, Conselho Federal de Farmácia. Relatório do I Encontro Nacional de Educadores de Farmácia Clínica e Matriz de Competências para a Atuação Clínica.** Brasília; 2017. Disponível em:
https://www.cff.org.br/userfiles/file/Relat%C3%B3rio%20Enefar06jun2017_bx.pdf.
 Acesso em: 28.03.2022

Derrida, J. **Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida.** /tradução Marileide Dias Esqueda. - Belo Horizonte: Editora UFMG. 118p.- 2014.

Eboli, G. B. O ensino e o futuro profissional do farmacêutico. **Pharmácia Brasileira.** Brasília - DF, ano 12, n° 70, p.38-39, mar./abr. 2009.

Freitas, E; Ramalho-de-Oliveira, D. Critical thinking in the context of clinical practice: The need to reinvent pharmacy education. **Rev. Port. de Educação, Braga**, v. 28, n. 2, p. 231-250, jun. 2015. Disponível em:
<https://doi.org/10.21814/rpe.7753>. Acesso em: 28.03.2022

Gallian, DMC; Pondé L.F; Ruiz, R. Humanização, humanismos, humanidades: problematizando conceitos e práticas no contexto da saúde no Brasil. **Rev Int Human Med.** 2012; 1(1):5-15. Disponível em:
<https://doi.org/10.37467/gka-revmedica.v1.1293>. Acesso em: 28.03.2022

Gallian, DMC. Literatura e formação humanística em medicina: o experimento do Laboratório de Humanidades da EPM/UNIFESP, **Rev Med (São Paulo)**. jul.-set.;91(3):174-7, 2012. Disponível em:
<https://doi.org/10.11606/issn.1679-9836.v91i3p174-177>. Acesso em: 28.03.2022

Gallian, DMC. **A Literatura como Remédio: os clássicos e a saúde da alma.** São Paulo, Editora Martin Claret. (2017)

Geertz, C. **Obras e Vidas: O antropólogo como autor.** 3a Edição. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro. Editora UFRJ. 2009.

Giannoni, G. **O laboratório de humanidades como experiência de humanização - Caso Prático em Ambiente Hospitalar.** Dissertação de Mestrado, UNIFESP, 2013. Disponível em:
http://www2.unifesp.br/centros/cehfi/documentos/dissert_stefania.pdf. Acesso em: 28.03.2022

Gil, AC. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. Adas. São Paulo. 4ta ed.

Hassali, M.A.; Shafie, A.A.; Ai-Haddad, M.S.; Abduelkarem, A.; Ibrahim, M.I.; Palaina, S.; Abrika, O.S.S. Social pharmacy as a field of study. **Res Social Adm Pharm**. 2011 Dec;7(4):415-20. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.sapharm>. Acesso em: 28.03.2022

Hepler, C.D. and Strand, L.M. (1990) Opportunities and Responsibilities in Pharmaceutical Care. **American Journal of Hospital Pharmacy**, 47, 533-543. Disponível em: https://www.cff.org.br/userfiles/file/Prescri%C3%A7%C3%A3o/68%20-%20HEPLER,%20C%20D%20Opportunities%20and%20responsibilities%20in%20pharmaceutical%20care_1990.pdf. Acesso em 28.03.2022

Hernández Infante, R. C.; Infante Miranda, M. E. La formación humanística y humanista en los estudiantes universitarios. **Revista Digital de Investigación en Docencia Universitaria**, v. 9, n. 2, p. 77-88, 10 jun. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.19083/ridu.9.405>. Acesso em: 28.03.2022

Huxley, A. **Admirável mundo novo**. Editora Globo. São Paulo. 2014.

Lifshitz, A. Lo humano, humanístico, humanista y humanitario en medicina **Gac Méd Méx** Vol. 133 No. 3. 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.7209/tanso.1997.133>. Acesso em: 28.03.2022

Lima de Carvalho, L. **Clássicos da Literatura no ensino e na humanização em saúde: a dinâmica do Laboratório de Humanidades (Labhum) nas leituras de Aldous Huxley e Nikos Kasantzakis**. Tese de Mestrado. UNIFESP (2017)..Disponível em: http://www2.unifesp.br/centros/cehfi/documentos/LicurgoCarvalho_Mestrado_Volumes%201-2.pdf. Acesso em: 28.03.2022

Lima, C.C; Martinez, S; Benedetto, M.E; Gallian, DMC. Humanidades e humanização em saúde: a literatura como elemento humanizador para graduandos da área da saúde. **Interface, Botucatu**, v. 18, n. 48, p. 139-150, jan./mar. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-57622013.0708>. Acesso em: 28.03.2022

Logatti, MS; Carvalho, L Lima de; Cândido, V; Gallian, DMC. Humanização em saúde e reforma psiquiátrica: discussão da obra o alienista entre pessoas com quadro psiquiátrico grave. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 29, p. 1-23, nov. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-73312019290408>. Acesso em: 28.03.2022

Manen, van. M: **Investigación educativa y experiencia vivida: Ciencia humana para una pedagogía de la acción y la sensibilidad**. Idea Books. 2003. ISBN 84-8236-283-6

Manen, van M. **Phenomenology of the Novel, or How do Novels Teach?** University of Alberta. Vol:3 No.3) 1983. Disponível em:
<https://doi.org/10.29173/pandp14987>. Acesso em: 28.03.2022

Manolakis, ML; Olin, JL; Thornton, PL; DOLDER, CR; HANRAHAN, C. A Module on Death and Dying to Develop Empathy in Student Pharmacists. **American Journal of Pharmaceutical Education**.;75(4):71, 2011. Disponível em:
<https://doi.org/10.5688/ajpe75471>. Acesso em: 28.03.2022

Mcallister M, Lasater K, Stone TE, Levett-Jones T. The reading room: Exploring the use of literature as a strategy for integrating threshold concepts into nursing curricula. **Nurse Educ Pract**. 2015; 15(6):549-555. Disponível em:
<https://doi.org/10.1016/j.nepr.2015.07.012>. Acesso em: 28.03.2022

Meihy, J C. S; Holanda, F. **História Oral: Como fazer, como pensar**. São Paulo. Editora Contexto, 2007.

Minayo, M.C. **Hermenêutica: Dialética como caminho do pensamento social**. In: Minayo, Maria Cecília Souza de; DESLANDES, Suely Ferreira (org). Caminhos do pensamento: epistemologia e método. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ. p. 83-107, 2003.

Modzelewski, H. El potencial educativo de la literatura: Personajes femeninos de la novela romántica latinoamericana. **Perfiles Educativos** | vol. XXXIII, núm. 134, | IISUE-UNAM. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.22201/iisue.24486167e.2011.134.27948>. Acesso em: 28.03.2022

Murakami, H. O incolor Tsukuru Tazaki e os seus anos de peregrinação. Alfaguara. São Paulo. 2004

Nery, A; Lins, L; Batista, CB; Vasconcelos, C; Torreão, L; André, SB *et al*. Bioética e literatura: relato de experiência do Eixo ético-humanístico FMB-UFBA. **Revista Bioética [online]**. 2013; 21. Disponível em:
<https://doi.org/10.1590/S1983-80422013000200018>. Acesso em: 28.03.2022

Nussbaum, M. **El cultivo de la humanidad. Una defensa clásica de la reforma en la educación liberal**. Barcelona, Paidós.2005

Oliveira, R D. **O ensino e as pesquisas da atenção farmacêutica no âmbito do SUS. Resultados humanísticos em atenção Farmacêutica** In: Anais do 1 Fórum nacional de ensino e pesquisa da atenção farmacêutica no âmbito do SUS "A Universidade construindo o farmacêutico generalista para o SUS"; 2007; Ministérios da Saúde; Brasília, DF.

Oliveira, RD. Por uma formação crítico-humanista do profissional da atenção farmacêutica: Um ensaio reflexivo. **Boletim Rev Sudam. Aten. Farm.** Volume 5, Nº 1. 2011. Disponível em: http://www.redsaf.org/docs/redsaf_boletim_vol05_01.pdf. Acesso em: 28.03.2022

Passmore, J. **A Perfectibilidade do Homem**. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2004.

Pereira, L.R; Freitas O. A evolução da Atenção Farmacêutica e a perspectiva para o Brasil Em: **Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas**. vol. 44, n. 4, out./dez., 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-93322008000400006>. Acesso em: 28.03.2022

Pesce, L., Abreu, C. B. d. M. (2013). Pesquisa qualitativa: considerações sobre as bases filosóficas e os princípios norteadores. **Revista da FAEEBA. Educação e Contemporaneidade**, 22(40). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21879/faeeba2358-0194.2013.v22.n40.p19-29>. Acesso em: 28.03.2022

Pesce, L. & Barsottini, C. (2012). Tipos de pesquisa científica e instrumentos. **Material didático elaborado para o curso de Especialização em Prevenção ao uso indevido de drogas**. UNIFESP – UAB, mimeo.

Petit. M. **Ler o mundo**. editora 34. (2019)

Poirier, T.I.; Stamper-Carr, C. A Call for a New Ism in Pharmacy. **Am. J. Pharm. Educ.** 2018, 82, 6441. [CrossRef] [PubMed]. Disponível em: <https://doi.org/10.5688/ajpe6441>. Acesso em: 28.03.2022

Programa de Residência em Área Profissional de Saúde: Assistência Farmacêutica Hospitalar e Clínica. (2019-2020). Disponível em: <https://prceu.usp.br/residenciamulti/wp-content/uploads/2020/03/Contrato-Did%C3%A1tico-Assist%C3%A2ncia-Farmac%C3%A2utica-Hospitalar-e-Cl%C3%ADnica-FM.pdf>. Acesso em: 28.03.2022

Ricoeur, P. **Del texto a la acción**, México, Fondo de Cultura Económica. 2000

Ricoeur, P. **El conflicto de las interpretaciones: ensayos de hermenéutica**. Fondo de cultura económica. 2003

Ruiz, R. **Literatura e Crise: uma barca no meio do oceano**. São Paulo: Cultor de Livros, 2015.

Sábato, E. **Heterodoxia**. Madrid: Alianza Editorial, p. 99-208, 2004.

Sakamoto, JI; Gallian, DMC. Laboratório de humanidades: percurso estético literário como dinâmica humanizadora na saúde. **Via Atlântica, São Paulo**, N. 29, 153-171, JUN/2016. Disponível em:

<https://doi.org/10.11606/va.v0i29.107965>. Acesso em: 28.03.2022

Silva, D; Álvares M *et al.* A prática clínica do farmacêutico no núcleo de apoio à saúde a família. **Trabalho, Educação e Saúde** [online]. 2018, v. 16, n. 2. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00108>. Acesso em: 28.03.2022

Silva, D; Araújo de; Mendonça, S; O'Dougherty, M; Oliveira, D & Chemello, C. (2017). Autoethnography as an Instrument for Professional (Trans) Formation in Pharmaceutical Care Practice. **Qualitative Report**. 22. 2926-2942. Disponível em:

<https://doi.org/10.46743/2160-3715/2017.2745>. Acesso em: 28.03.2022

Silva, MR; Gallian DMC; Shor, P: Literatura e humanização. uma experiência didática de educação humanística em Saúde. **Revista Brasileira de educação Médica** 40 (1): 93-101; 2016. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/1981-52712015v40n1e01542015>. Acesso em: 28.03.2022

Sousa, I; Bastos, P R de Oliveira. Interdisciplinaridade e formação na área de farmácia. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 97-117, Mar. 2016. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/1981-7746-sip00092>. Acesso em: 28.03.2022

Stewart H., Gapp, R., & Hartwood, I. Exploring the alchemy of qualitative management research: Seeking trustworthiness, credibility and rigor through crystallization. **The Qualitative Report**, 2017; 22(1), 1-19. Disponível em:

<https://doi.org/10.46743/2160-3715/2017.2604>. Acesso em: 28.03.2022

[Tchekhov, A.P. O beijo e outros contos. Editora 34. São Paulo. 2006](#)

Teagarden, J.R. From Atoms, Molecules, and Numbers to Literature, Art, and Performance. **American Journal of Pharmaceutical Education** 2020; 84 (4) Article 7636. Disponível em:

<https://doi.org/10.5688/ajpe7636>. Acesso em: 28.03.2022

Teagarden , J.R. Well Connected: Pharmacy Education and the Humanities. **J Med Humanit** 34, 477-480 (2013). Disponível em:

<https://doi.org/10.1007/s10912-013-9249-1>. Acesso em: 28.03.2022

[Tólstoi, L. A morte de Ivan Illich. L&PM. São Paulo. 2007](#)

Turato, E.R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 507-514, junho 2005. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/S0034-89102005000300025>. Acesso em: 28.03.2022

Verran, J. The Bad Bugs Book Club: Science, Literacy, and Engagement. **Journal of Microbiology & Biology Education: JMBE**, 14(1), 110-112, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1128/jmbe.v14i1.507>. Acesso em: 28.03.2022

Vieira Da Silva, L.M.; Paim, J.S.; Schraiber, L.B. O que é Saúde Coletiva. In: Paim, J.S. e Almeida-Filho, N. (orgs). **Saúde coletiva: teoria e prática**. 1ª ed., Rio de Janeiro: MedBook, 2014, cap. 1.

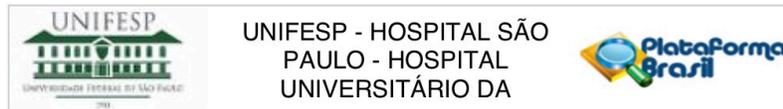
Vries de, B. Resonating with reflexive design: On participatory design, narrative research and crystallization. **Educational Design Research**, 2018; 2(1). Disponível em: <https://doi.org/10.15460/eder.2.1.1184>. Acesso em: 28.03.2022

Unesco. **Educação, um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**. 1997.

World Health Organization (WHO). Report of a third WHO consultative group on the role of the pharmacist. **The role of the pharmacist in the health care system, preparing the future pharmacist: curricular development**. Vancouver: World Health Organization; 1997.

Anexos

Anexo 1 - Parecer Consubstanciado do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A Literatura como Pharmakon: um experimento de humanização através do Laboratório de Humanidades.

Pesquisador: Gabriel Barreto Rossello

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 78314716.8.0000.5505

Instituição Proponente: Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP/EPM

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.741.177

Apresentação do Projeto:

Projeto CEP/UNIFESP n: 1240/2017 (parecer final)

Esta pesquisa, vinculada a um projeto maior "Humanidades, Narrativas e Humanização em saúde", pretende avaliar uma experiência educacional concreta através da literatura, o denominado "Laboratório de Humanidades"- atividade criada e desenvolvida na EPM-UNIFESP que tem como base a leitura e a discussão de livros clássicos da literatura universal como meio de formação humana na área da saúde- em um ambiente em concreto: Farmácias de hospitais da cidade de São Paulo. Pretende-se, fundamentalmente, compreender como esta experiência pode contribuir, através dos afetos, para a "humanização" daqueles funcionários que dela

participarem. O estudo será desenvolvido por intermédio de uma metodologia qualitativa que envolverá técnicas como a observação participante, a análise documental e a história oral. Os dados empíricos resultantes serão analisados mediante um enfoque da hermenêutica e fenomenologia.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivos Gerais.

Acreditando, portanto, no potencial humanizador da literatura, a execução dessa pesquisa pretende analisar a experiência do Laboratório de Humanidades, no confronto das obras

Endereço: Rua Francisco de Castro, 55
Bairro: VILA CLEMENTINO **CEP:** 04.020-050
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)5571-1062 **Fax:** (11)5539-7162 **E-mail:** cep@unifesp.edu.br

Anexo 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1. Dados de identificação

Título do Projeto:

Literatura e formação humanística em saúde: avaliação do impacto de uma experiência formativa em uma farmácia Universitária

Pesquisador Responsável: Gabriel Barreto Rossello

Pesquisador Orientador: Dante Marcello Claramonte Gallian

Instituição a que pertencem os pesquisadores: **UNIFESP**, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Departamento de Medicina Preventiva da EPM.

Telefone para contato: (11) 96017-0848

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa:

Literatura e formação humanística em saúde: avaliação do impacto de uma experiência formativa em uma farmácia Universitária

Sob a responsabilidade de Gabriel Barreto Rossello.

Você foi selecionado(a) para participar da experiência do Laboratório de Leitura como profissional farmacêutico residente que exerce as suas funções no departamento de Farmácia do Hospital das Clínicas da cidade de São Paulo.

2. Objetivos e alcance da pesquisa

Os objetivos desta pesquisa são reportados em seguida:

- Descrever e analisar os ciclos do Laboratório de Leitura

Sua participação nesta pesquisa consistirá em:

Participação na atividade “Laboratório de Leitura” conforme as orientações do pesquisador e eventualmente ser escolhido para uma entrevista de História Oral de Vida, a qual deverá ser gravada, transcrita e transcrita para posterior análise. Os textos finais, após revisão e aprovação das duas partes, serão utilizados na pesquisa. Em todo momento seu anonimato será garantido, uma vez que nos textos produzidos serão utilizados nomes fictícios. Apenas os pesquisadores do projeto original terão acesso às gravações, as quais permanecerão sob responsabilidade do CEHFI (Centro de História de Filosofia das Ciências da Saúde) da UNIFESP.

Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. O profissional responsável pela pesquisa Gabriel Barreto Rossello pode ser encontrado no Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde – UNIFESP – localizado à Rua Loefgreen, 2032, Vila Clementino, São Paulo; telefone: 5549 7584. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UNIFESP) – Rua Prof. Francisco de Castro, 55, cep 04020-050. Tel: 5571-1062, Fax: 5539-7162 – E-mail: CEP@unifesp.edu.br

Sua participação é voluntária e é garantida a liberdade de retirar o consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com os pesquisadores e a instituição em que a pesquisa está sendo realizada. (Departamento de Farmácia-Hospital das Clínicas).

Conforme foi explicado, as informações obtidas serão analisadas em conjunto com as de outros voluntários, não sendo divulgada a identificação de nenhum voluntário.

Você tem o direito de ser mantido atualizado (a) sobre os resultados parciais das pesquisas, quando em estudos abertos, ou de resultados que sejam do conhecimento dos pesquisadores.

Despesas e compensações: não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua

participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa.

Eu,

_____, RG _____, discuti com Gabriel Barreto Rossello sobre a minha decisão em participar como voluntário (a) nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo em minhas relações com a instituição (UNIFESP)

O seguinte TECLE (Termo de consentimento livre e esclarecido) está sendo disponibilizado em 2 vias originais; uma para o/a participante e outra para o pesquisador.

Autorizo que os **textos obtidos a partir dos relatórios e das gravações, revisados e aprovados por mim**, possam ser utilizados integralmente ou em partes, sem restrições de prazo e limites de citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros para lê-los, ficando vinculado o controle ao Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde da UNIFESP, que se responsabilizará pelo arquivamento e disponibilização dos mesmos. Estou ciente de que terão acesso aos registros sonoros das entrevistas apenas os pesquisadores do projeto original e estas não serão divulgadas de forma alguma, e forma tal que o anonimato seja preservado.

São Paulo, / /

Assinatura do voluntário

Eu, Gabriel Barreto Rossello, declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário ou de seu representante legal para a participação neste estudo.

São Paulo, / /

Assinatura do pesquisador responsável

Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde - UNIFESP

Rua Loefgreen, 2032, Vila Clementino, São Paulo, SP, Brasil

CEP – 04040-003 Fone: (11)5549 7584

Anexo 3 - Declaração HC-FM-USP

DECLARAÇÃO

Declaramos para os devidos fins que a Atividade:

“A literatura como Pharmakon: Uma experiência de Humanização do Farmacêutico Hospitalar”, pesquisa do projeto “Humanidades, Narrativas e Humanização em saúde, do programa de pós-graduação em Saúde coletiva da Escola Paulista de Medicina, UNIFESP será realizada na Divisão de Farmácia do Instituto Central do Hospital das Clínicas, situado, na Rua Enéas de Carvalho Aguiar, 155, 8º andar, bloco 7, com as seguintes características:

Duração: 3 meses

Início: 2º semestres de 2018.

Data e horário: terças feiras às 16 horas

Sujeitos da pesquisa: Residentes-1 e 2 do Programa de Residência em Assistência Farmacêutica Hospitalar e Clínica,

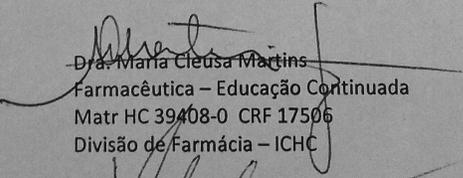
Nº de participantes: 10

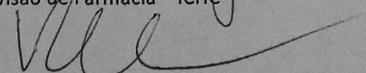
Coordenador da Pesquisa na Divisão de Farmácia do ICHC: Farmacêutico pesquisador Gabriel Barreto Rossello

Coordenador do Projeto: Dr Dante Marcello Claramonte Gallian do programa de pós-graduação em Saúde coletiva da Escola Paulista de Medicina, UNIFESP.

Declaramos ainda que esta diretoria autoriza a realização do projeto, mas não se responsabiliza pela anuência e frequência dos sujeitos da pesquisa nas atividades relacionadas a ela.

São Paulo, 25 de maio de 2018


Dra. Maria Cleusa Martins
Farmacêutica – Educação Continuada
Matr HC 39408-0 CRF 17506
Divisão de Farmácia – ICHC


Dra. Vanusa Barbosa Pinto
Diretor Técnico de Saúde II
Matr. HC. 38.669-1 CRF-SP. 17797
Divisão de Farmácia do ICHC

Anexo 4 - NARRATIVAS DE HISTÓRIA ORAL DE VIDA

Narrativa 1: Residente Ana

“A sensação de me tornar uma outra pessoa”

Eu sou natural de Ribeirão Preto, cidade grande, mas com aquele ar de interior. Lá sempre morei em casa, brinquei muito na rua, com pé descalço, e , como era a única menina da geração dos netos, eu brincava com todos os meninos na rua. A minha infância foi saudável, e a minha a adolescência foi tranquila porque com meus pais sempre tive uma relação boa, tive uma boa educação. Meu pai trabalhava na USP de Ribeirão, porque meus avôs moravam dentro de uma colônia que tinha por lá, então meu pai morou lá e de adulto começou a trabalhar lá como técnico, como auxiliar e foi crescendo lá dentro. Minha mãe é criativa, artesã, mas ela virou dona de casa mesmo.

Na minha infância meus pais não tinham grana como para me colocar numa escola particular, por isso comecei em escola pública. Porém, eu queria estudar em uma escola particular para conseguir fazer o vestibular. O colegial eu acabei fazendo em uma escola particular onde consegui bolsa de estudo. Eu lembro que era muito estudiosa, queria estudar para entrar na faculdade para “ser alguém na vida”, então fui muito determinada para ir atrás dos meus anseios já desde criança.

Durante a minha adolescência nunca soube muito bem o que queria fazer da minha vida. Eu sou das pessoas que gostam de muitas coisas, sempre fui muito criativa, sempre quis inovar e quis abraçar o mundo. Nem meus pais nem meus avôs tinham faculdade, mas eles sempre me apoiavam nas minhas escolhas na época de vestibular, não fui obrigada a fazer nada específico, e acabei sendo a única da família que seguiu para essa área da saúde mesmo. Da minha geração fui a única em fazer faculdade.

Lembro que eu amava todos os meus professores de biologia, então pensei até em fazer biologia. Pensava “eu também quero dar aula quero ser que nem eles”. Só que quando eu fui estudar vi que não era tão legal ser biólogo, não era o que eu queria mesmo. Daí eu pensei: “o que é que eu posso fazer?”. Eu gostava muito da área de biológicas, gostava de algumas áreas de química e odiava física e matemática. Também

gostava de história, mas não seria historiadora, achava que não teria campo. Um dia me falaram sobre a Farmácia. E eu disse: “o que é Farmácia?” nem sabia que tinha uma faculdade para isso. Só que fui atrás e fui saber um pouco mais e vi que tinha muito de biologia e de química...Pensei: “aí vou me dar bem! é o que vou fazer”.

Uma história curiosa sobre isso surgiu quando entrei na faculdade e tive uns cursos de autoconhecimento. Nesses cursos, em alguns momentos a gente refletia sobre os caminhos que a gente tinha escolhido... e eu percebi que quando era criança eu gostava muito de ler bula, sempre pegava bulas para ler e não sabia porquê. E uma vez meu avô, passou de carro pela USP Ribeirão, e falou “está vendo aquele prédio ali?” um dia você vai estudar ali...era a faculdade de Farmácia de Ribeirão... Quando eu entrei na faculdade, eu lembrava exatamente dessa frase...

Quando chegou a época de escolher a faculdade, veio aquele desespero de prestar vestibular. Fiz dois anos de cursinho para me preparar. Para mim, fazer o vestibular era péssimo, odiava fazer provas -odeio que meçam meu conhecimento por perguntas fechadas-. Eu sempre ficava nervosa, fazia a prova do vestibular e chegava em casa chorando não queria nem ver o resultado das provas. Foi um período muito sofrido, estressante, eu lembro que perdi muito peso de ansiedade. Também me privei de muita coisa para ficar dias estudando, foi bem difícil. Primeiro eu prestei nutrição, passei, prestei química e fiquei na lista de espera e passei na Farmácia em Alfenas, MG, na UNIFAL. Entrei em 2010 na faculdade e fiz dois anos, mas não estava feliz porque eu queria fazer a USP em Ribeirão. Os primeiros anos de faculdade são um pouco nebulosos porque você vê de tudo, mas você não vê nada em profundidade, mas eu sentia que gostava do que estava estudando. Mesmo em Alfenas, eu continuei prestando vestibular e até tentei fazer transferência para a USP quando abria vaga. Em um momento abriram 3 vagas para a minha turma, que ia ser o período ideal para mim. Para fazer a prova, eu tinha que estudar matérias que ainda não tinha cursado, por isso pedi ajuda para um professor que foi negativo. Ele falou: “você vai prestar essa prova?”, “Você não vai nem passar você nem teve essa matéria ainda...nem cheguei nessa matéria na nossa disciplina...”. Aquela fala me deu muita garra para mostrar para ele que eu era capaz, logo, comecei a estudar muito, muito.

Passar nessa prova, que ninguém acreditava que podia passar, foi um choque, e até dos melhores momentos da minha vida, chorei horrores. Tinha conseguido o que eu queria: voltar para Ribeirão para a casa dos meus pais! Claro, foi um choque ter voltado para a casa dos pais, mas eu estava fazendo o que eu queria. Foi difícil me enturmar porque cheguei numa faculdade onde eu não conhecia ninguém, todo mundo se conhecia, mas foi ótimo meu período. Foi em 2012 que entrei até o 2015.

Outra coisa curiosa: logo no meu primeiro ano de faculdade eu não sabia o que eu queria fazer porque a área da Farmácia tinha vários campos. Eu gostava da parte farmacológica, de saber como o fármaco atuava no corpo, como funcionava o organismo, disso eu gostava bastante. Da parte de manipulação não gostava e a parte de laboratório eu não queria também não.

Só tinha uma certeza... “não queria ir para a área hospitalar!”. Essa era minha única certeza! Só que em um momento o jogo virou...

No último ano de faculdade eu tive a disciplina de Farmácia Clínica. Fiquei maravilhada e comecei a estagiar no hospital de Ribeirão...era uma época em que eu estava me perguntando coisas como: “qual é meu propósito de vida...a indústria?...a indústria farmacêutica que não está nem aí para nada?...”.

Nessa época do meu estágio no hospital fiquei sabendo que tinha área de residência em farmácia clínica e então refleti: “talvez meu propósito seja esse... trabalhar em um hospital para ajudar às pessoas”. Me decidi, e prestei as provas de residência para o Hospital das Clínicas (HC) em São Paulo (SP). Depois do estágio em Ribeirão Preto mudei para SP. O mais interessante é que não era minha primeira opção, mas foi a melhor coisa que aconteceu.

Cheguei em 2016 no HC, com muita expectativa. Havia muitas coisas envolvidas naquele momento: mudar de cidade e trabalhar no HC que é o maior complexo de hospitais de América Latina. Foi todo um contexto, vir para SP, sozinha, foram vários desafios. Sentia um misto de medo e insegurança, mas queria aprender, sair de lá com conhecimento. Foi uma experiência ótima ter passado por lá, todo o processo, as áreas pelas que transitei acrescentaram muito à minha formação. Ademais, por ser um hospital público, minha residência alí me deu uma outra visão do mundo, pelas pessoas que

conheci. O HC é um hospital escola, agrega muito, em qualquer conversa eu conseguia aprender muita coisa, e por outro lado, eu conseguia ajudar às pessoas, ajudei pessoas que eram muito carentes às quais eu orientei e dei informações que iam ser de grande ajuda. Foi muito bom ser útil e ao mesmo tempo poder aprender tanto.

Eu me considero uma pessoa muito curiosa, por isso gosto de muitas coisas além da minha profissão. Sobretudo da arte! Gosto da fotografia, até já trabalhei com fotografia... Hoje em dia é um hobby, quando eu quero relaxar pego a minha câmera e saio por aí para fotografar. Também gosto de escrever em alguns momentos, pego papel e sai alguma coisa, gosto de ler, de música, de sair para conhecer a cidade de São Paulo. Adoro a área cultural e a área artística. Por exemplo, desde a minha infância meus pais incentivaram a leitura. Eu ia para as bibliotecas da escola e pegava livros, chegava em casa cada dia com um livro novo que queria ler. Já desde criança acabei pegando o gosto de ler e pouco a pouco fui me apaixonando pela literatura. Só que na faculdade eu tive que ler mais livros voltado para a área, e lia menos livros de ficção...

Então...quando fiquei sabendo da experiência do LabLei no departamento de Farmácia, da leitura do livro Admirável mundo novo, me interessei porque esse era um livro que já estava na minha lista dos que eu queria ler. Era uma oportunidade de juntar o útil ao agradável. Eu achei uma oportunidade legal de participar porque eu já tinha tentado fazer algo parecido com uma amiga, mas éramos só duas. Nós estávamos lendo o mesmo livro e tentávamos debater sobre ele e cada uma dar seu ponto de vista. Eu achava isso interessante porque as vezes você lê algo e fica focado naquela ideia que você tirou daquilo, mas não é só aquilo, tem muitas interpretações possíveis.

Penso que isso foi o mais legal desses encontros: estar diante de diversos pontos de vista, diversas pessoas com personalidades diferentes. Foi muito legal poder entender... não só entender o livro, mas compreender mais o outro, a opinião de cada um, pontos de vista. Essas reuniões nos forçavam a estar ali, presentes, a ler um pouquinho todo dia. Isso foi muito bom porque o grupo se entrouxou bem, mesmo com diferentes opiniões foram bem legais os debates e os temas que surgiam.

Além disso, era muito bom para fugir do ambiente do trabalho ao final do dia, era ótimo! Era uma atividade livre na qual eu estava lá porque queria. Eu esparecia e

desligava do trabalho e muitas vezes saía muito mais leve. Eu me despreocupava, focava naquilo e saía com outras ideias, mais inspirada. Eu saía de lá com outros pensamentos com vontade de escrever alguma coisa...

A vantagem de ser invisível...

Um livro belo, profundo, trágico e cômico...

Me perdi em pensamentos e interpretações, vi Paloma e Rene de várias formas, vi birra, egoísmo, orgulho...vi também sentimento, sofrimento, fuga, amor e verdade. Tantas vezes fugi, tantas vezes me perdi, me isolei, e vesti minha “armadura de ouriço” para proteger meu EU tão vulnerável, tão sensível, tão frágil...

Quantas vezes me ergui, me expus, me encontrei, me superei e vesti minha “armadura de ouriço” para exaltar meu EU tão seguro, tão estável, tão forte...

Na quietude e na invisibilidade elas vivem, caladas por fora, com um turbilhão de pensamentos por dentro. São sós, são duas, são muitas, são uma só!

O mundo se movimenta, os detalhes mostram a beleza, a sutileza, e o encontro com o próprio EU se aproxima.

Invisíveis, pensantes, atentas...

O silêncio se aproxima, há um parêntese no tempo, nota-se a beleza no mundo:

Ando pelas ruas, vejo uma multidão, uma diversificada multidão!

Observo-os, e tiro de cada um a capa da sua invisibilidade.

Eles riem enquanto olham para a tela do celular que seguram firmemente nas mãos, um riso de canto de boca que denuncia o sentimento gerado com as palavras que ali foram lidas. Eu me pego tentando imaginar as mensagens que estão sendo trocadas, com quem será que conversam? Eu estou do outro lado do metrô, não tenho como saber...

Elas choram enquanto caminham sentido hospital-metrô. Eu me emociono, lembro das aulas de empatia e tento pensar no que as aflige tanto. Será que tem algum parente doente? Será que descobriram alguma doença? Será que perderam alguém? Queria poder ajudar, mas elas apenas passam por mim...

Ela toca violino, e sorri para a moça que passa. A moça percebe, retribui o sorriso e volta para ouvi-la. A troca de olhares foi intensa, senti uma conexão diferente entre ambas. Elas ficaram, eu passei, e a música foi se perdendo conforme me distanciava.

A senhora senta e levanta do metrô, vai para a porta, como se estivesse fugindo de alguém. Senta em outro lugar, e levanta, e senta, parece aflita. Não sei qual a sua estação, desci antes!

Aquele senhor dorme todas as noites na estação, solitário ora lê jornal, ora dorme naquele banco desconfortável apoiando a cabeça nos joelhos. Sinto pena, pois lá faz frio, e quando passo sei que vou para o aconchego das cobertas e da minha cama, triste imaginar uma noite de sono ali...

No terminal rodoviário, um árabe e um judeu se cumprimentam com um aperto de mãos, selando a paz. Eu paro abismada para ver aquela cena, e penso na minha própria guerra interna que tão dificilmente consigo amenizá-la.

O moço deixa uma moeda para o artista, e vê um homem deitado e desacordado na calçada. Ele segue, para, olha, e inquieto quer ajudar, volta! Eu passo, com vontade de ajudar, mas sigo em frente. Olho para o céu e vejo uma estrela cadente. Não sei mais o que aconteceu com eles, me perdi fazendo um pedido.

A senhora encontra um isqueiro verde no chão e abaixa para pegar, eu com pressa passo, e lembro de quando era criança e ia para escola procurando moedas no chão.

O médico anda de jaleco e com o estetoscópio no pescoço. Sempre assim, sem bolsas, sem blusa, já pronto para a sua jornada de trabalho.

Ela chora encostada na parede apoiando o rosto. Me preocupo, o que será que aconteceu? Será que está perdida? Será que recebeu alguma notícia ruim? Será que terminou com o namorado? Naquele dia a estação estava muito cheia, ela se perdeu na multidão.

A menininha curiosa vai até o desenhista que lhe cede tinta para desenhar com ele. Ao lado seus pais observam, e a banda toca para dezenas de pessoas. Eu apenas consigo ver a doçura daquele rapaz com a menina de caixinhos dourados.

Ele fala com o amigo sobre sua ex e sobre suas novas experiências em aplicativos de relacionamentos. Acho a conversa muito rasa, ele tenta enganar a si mesmo fingindo que seguiu em frente. Lembro de Bauman, e do amor líquido.

Eles se abraçam, ele de terno e com sacolas nas mãos, e ela de moletom. Ela me parece apaixonada, ele normal. Penso em como é bom ter alguém para abraçar e se aconchegar mesmo na correria, dentro de um metrô.

Ele chega aflito (estava com medo de ter perdido o dinheiro da passagem - era o que dizia no telefone). A princípio pensei que estava atrasado ou que tinha se perdido de alguém. Me distrai, e ele se foi...

Eles se beijam, eles se abraçam, eles se olham, eles se despedem, eles se vão...

*E eu, apenas observo
Invisível passo por todos, e noto cada um.*

(As vantagens de ser invisível).

Eu gostei muito da “Elegância do Ouriço”, achei bem legal, me tocou bastante, não sei se fui tão participativa, mas eu gostei muito.

Gostei de quase todos os livros! Mas acho que a minha participação sempre era um misto do momento da minha vida e do como o livro influíam nela. Eu gostei muito do “Admirável mundo novo”, porque foi o primeiro livro...acho que todo mundo estava muito empolgado naquela hora. Lembro que no começo estávamos tímidos, mas depois fomos nos soltando, todo mundo falou de uma maneira legal. No segundo livro Tzukuro, também gostei muito, me vi em muitos momentos dentro dos dilemas dele, e participei mais.

No ciclo onde lemos “Enfermaria número 6” eu estava sem tempo, mais preocupada, foi um período mais conturbado, então a minha participação foi menor e posso dizer que não gostei tanto. Tinha dias em que eu achava que não podia acrescentar muito nos debates, então ficava quieta, achando que meu comentário não agregasse tanto.

Eu gostei da experiência com esse grupo, havia pessoas muito próxima e outras não tanto, mas ela me fez ver as pessoas de outra forma. Me fez ter a afinidade com o grupo e consegui até me aproximar com as pessoas. Os debates foram legais, muitos me inspiravam. Não teve algo específico marcante daqueles encontros, mas eu lembro de algumas discussões específicas que foram interessantes, que me marcaram de alguma forma. Gostei da dinâmica, e até pensei que poderia ser bom saber de antemão os tópicos que iam ser discutidos, mas depois refleti e achei que não seria tão natural o debate, tão livre e dinâmico.

Eu passei por várias áreas e vi tudo o que o farmacêutico podia fazer em um hospital. Isso me ajudou a ter um norte de todo o que pode ser feito e do que você pode ou não pode fazer naquele campo.

Não me lembro de algo marcante sobre a humanização durante a minha formação, mas na residência houve disciplinas que estavam relacionadas ao módulo de educação continuada. Tratava-se, geralmente, de aulas básicas onde havia discussões sobre ética, moral e sobre o dia a dia e a rotina. Tinha algumas aulas de outros farmacêuticos

residentes...nós nos víamos obrigados a dar algumas aulas para executar esse papel de multiplicador, de ser um profissional que sabe passar informação e que sabe comunicar. Mas eu acho que as aulas não nos ajudavam tanto assim, o “cara a cara” do dia a dia me ajudou mais, a prática e a experiência.

Nesse sentido, depois desses 2 anos, penso que humanizar um profissional, ou uma profissão, não é colocar a pessoa ali para fazer uma atividade sem pensar em tudo aquilo que está por trás. O farmacêutico, basicamente, está ali para entregar o medicamento para o paciente. Mas muitos deles não estão preocupados com o paciente, com a história do paciente, com a espera do paciente... Para mim, humanizar não é só aprender a se colocar no lugar do outro, mas saber ouvir, ser mais paciente, tentar compreender tudo o que envolve o que você está fazendo. É tentar se ver como “um humano”, ajudar e ser útil, para o outro.

Foram dois anos de experiência e de convívio bem legal com vários profissionais onde consegui desenvolver muita coisa, mas o que mais ficou depois da residência foi a sensação de que tinha me tornado uma outra pessoa. Me tornei uma pessoa mais paciente, que agora olha o outro de jeito diferente. Na verdade, no começo eu queria que esses dois anos terminassem logo, mas hoje eu sinto saudades...

Sinto saudades também de Ribeirão Preto porque é a minha origem, está a minha família, estão meus melhores amigos, tudo está lá, só que, ao mesmo tempo, já não me vejo tão pertencente de lá... é algo paradoxal, não me vejo mais lá cem por cento. Sempre ando pensando: “Nossa! o que estou fazendo em SP sozinha?... só trabalhando? Porque estou aqui longe de tudo, e de todos? Qual o intuito disso? Tenho pensado em voltar sim, mas eu não sei, as oportunidades lá são menores que em SP embora Ribeirão seja uma cidade grande...Eu não sei...é um lugar que eu tenho boas memórias, adoro a cidade...mas meu futuro ainda está nebuloso...

NARRATIVA 2: Residente Pedro

“A farmácia é com um trem onde você sobe e viaja”

Eu sou natural de Espinosa, cidade do norte do estado de Minas Gerais (MG). A minha família é pequena, somos 4, eu a minha irmã, meu pai e a minha mãe. A minha mãe é do norte de MG, cresceu na zona rural e depois foi para a cidade... já meu pai vem de uma família tradicional da cidade, mais tranquila, de origem italiana. Meu pai é mecânico e a minha mãe é professora.

Posso dizer que tive uma infância feliz e tranquila lá em Espinoza, porém, a minha adolescência foi um pouco mais conturbada, com algumas dificuldades financeiras e algumas mudanças importantes...

O ponto de inflexão foi quando saí de casa, com 16 anos, para morar em Montes Claros -uma cidade a 5 horas da minha cidade natal- para fazer ensino médio...

Depois de terminar o ensino médio, houve um momento de incerteza na minha vida... Eu fiquei 4 anos me descobrindo, tentando me encontrar. Eu não sabia o que eu queria fazer na faculdade... Por momentos me senti perdido, ia fazer medicina, fazia cursinho, vestibular, mas não era que estava dentro de mim. Eu queria fazer vestibular, mas sem saber que eu queria de verdade...Lembro que eu fiz um teste vocacional, e que um amigo me falou do curso de Farmácia. Ele falou que o curso tinha ciências biológicas, algo de humanas, e claro, muita química que era uma matéria legal para mim. Gostei da ideia porque via uma oportunidade de poder trabalhar em algo que podia se relacionar com as ciências humanas.

Nessa época, a questão da sexualidade influenciou muito, foi junto. Eu pensava: “Como vou escolher alguma coisa se eu não sei quem eu sou?” mas eu sabia que precisava trabalhar com gente, por isso eu sabia que era na área da saúde. Quando eu fui me descobrindo mais, aí fui direcionando as coisas de forma mais tranquila, me decidi a ficar no curso de Farmácia. Não queria ser médico, nem enfermeiro, nem terapeuta.

Na verdade, a princípio eu ia fazer faculdade na cidade de Alfenas. Eu tinha passado no vestibular e tudo mais, mas meu pai falou que a cidade era muito longe e que ia ser muito caro. Eu aceitei e concordei em fazer a faculdade em Montes Claros, tentando uma bolsa de estudos. Daí entrei em uma faculdade privada.

Tinha 20 anos e começava outra história....

Foi causalidade a minha escolha pelo curso de Farmácia, não foi amor à primeira vista. Eu aprendi a gostar da carreira aos poucos me identificando com as disciplinas durante a formação. Eu tive essa emancipação, de mim, a profissão ajudou, me deu mais segurança. Hoje não faria aquilo só por ir atrás do diploma, mas naquela época eu queria essa segurança. Eu entendi que o diploma não era tudo aquilo. Eu sentia que a farmácia era lúdica, por aquela coisa do boticário, tipo Carlos Drummond de Andrade, e também pelo fato trabalhar com pessoas, a questão do medicamento. Tinha essa curiosidade, fazer um medicamento para curar uma doença “nossa, que legal”!

Foi com 24 anos que eu me formei... “e agora o que é que eu vou fazer?” veio junto com aquela pressão “agora tem que ganhar dinheiro”. Já formado, pensava: “vou ter que pagar as contas vou ter que trabalhar, isso implica aceitar qualquer coisa”. Meus companheiros queriam abrir drogaria, trabalhar em laboratório, mas eu não queria fazer aquilo. Eu fui atrás do diploma por causa da segurança, porque pensava que com o diploma podia arrumar emprego, e ser outra pessoa. Só que me perguntava “é isso então?”.

Depois de morar 10 anos em Montes Claros, e tendo o diploma em Farmácia voltei para Espinosa, para ficar mais próximo da família e tal. Mas ali tive outro momento de incerteza...

Já em Espinosa recebi uma proposta para trabalhar em uma drogaria, eu estava na minha cidade natal, com a minha família, queria um pouco de sossego...isso foi até bom porque acabou reforçando a minha vontade de sair para o mundo. Eu sentia que aquilo não era para mim, eu tinha me emancipado e não podia voltar para aquela cidade machista, preconceituosa, onde o farmacêutico que trabalhava na drogaria tinha que seguir um “padrão”: namorar, casar, participar do clube, assistir o jogo e engordar. Eu não queria isso...

Em uma cidade pequena como Espinosa, ou você é médico, ou advogado, ou engenheiro. Eu tenho alguns primos e tios que se tornaram médicos para seguir “a tradição da família”. Eu pensava: “Se não sigo a tradição, parece que não posso ser feliz, não posso ser bem aceito”.

Aí minha cidade me dava segurança até um certo ponto. Um dia eu pedi as contas da drogaria e falei para a minha família: “estou indo embora”. Estou indo embora para Uberlândia, minha vida não é aqui, quero outras coisas na minha vida. Eu queria fazer mestrado, seguir estudando.

A grande verdade é que eu queria ir para São Paulo, mas eu não tinha condições financeiras de dar esse passo. Até fiz um concurso em SP, fui chamado, mas financeiramente não tinha condições de me mudar para SP... Como em Uberlândia eu tinha familiares eu conseguiria fazer “um pit-stop” para me preparar e poder ir para SP.

Mais um pulo...

Em Uberlândia, eu fui procurar emprego na minha área, mas vi que era difícil de achar, por isso trabalhei um tempo no bar do meu tio materno até encontrar emprego. Foi ótimo aquele emprego porque eu tive contato com pessoas, e aprendi a lidar com gente no balcão. Depois trabalhei numa drogaria e soube de uma pós em nutrição clínica. Fiz a pós, e adorei, mas eu queria vir para SP...

Não foi fácil o lidar com aquilo... toda hora eu batia com a realidade. Por isso fiquei em Uberlândia mais um tempo. Até consegui passar em um processo da prefeitura. Finalizando a pós eu já estava procurando algo para poder vir para SP. Lembro que foi nessa época que finalmente eu assumi a minha homossexualidade, de fato e de direito. Antes, eu pensava que precisava da validação de todo mundo para poder “me aceitar”. Comecei a namorar e vi que os meus planos começaram a ficarem complicados...

Foi então que descobri a possibilidade da residência no Hospital das clínicas de São Paulo (HC). Fiz a inscrição e passei no processo seletivo. Foi tipo assim: “daqui a uma semana você tem que estar no HC”. Meu namorado ficou em Uberlândia e ficamos namorando a distância, só que ela acabou provando que não era para estarmos juntos. Rompemos a relação porque não estávamos felizes sem saber finalizar.

Já em Sampa...

Cheguei ao HC em 2016, mas não tinha a noção da importância e do tamanho dele. Eu só queria vir para SP. Então, as minhas fichas não caíram no primeiro momento, foi algo como um sonho. Poxa...não foi fácil, caramba! Aconteceu muita coisa, muitos aprendizados, e eu finalmente conseguia estar em SP. Mais uma etapa, mais um sonho na minha vida. Não foi fácil acreditar em mim, não tinha muita autoestima... Só me senti realizado e com reconhecimento depois de 6 meses.

Essa residência de 2 anos, em farmácia clínica hospitalar, em concurso público d, foi mais um feito que validou a minha escolha pela profissão. Só em SP foi que eu consegui ver a dimensão e importância da área da Farmácia, e da possibilidade de fazer algo fora daquela área restrita que tinha Espinosa e Montes Claros.

No HC vi como a profissão e o profissional eram valorizados. Eu senti aquilo no HC, lá dentro todo mundo era doutor. Pensava: “poxa...aqui eles chamam o farmacêutico de doutor” Lá em Uberlândia doutor era o médico e o farmacêutico não era valorizado.

O meu sonho e a minha inquietude cresceram bastante durante a minha residência, continuo pensando em outras coisas, mas acho que morar em SP me mudou bastante. Amadureci muito, me aceitei mais, aprendi a ficar só, aprendi a respeitar meus momentos, me valorizar mais e aprendi a trabalhar e a entender o mercado de trabalho... Cresci demais na questão profissional e pessoal...

No segundo ano da residência, eu olhei para trás e notei como eu tinha amadurecido na abordagem com as outras pessoas, na postura, na hora de trabalhar, e de entender as minhas vontades. Claro, não foi fácil porque tinha muita cobrança, era uma escala de horário bem apertada de trabalho, e eu praticamente morava mais no HC do que na casa. Tinha que fazer plantões e era cobrado o tempo inteiro pelo que, que fazia... Tinha que dar o melhor o tempo inteiro isso me assustou um pouco. Tinha que trabalhar com pessoas que ajudam, e com as que não ajudam. Isso, no final das contas, me fez crescer, porque aprendi a lidar com vários tipos de profissionais: aqueles que te entendem e os que não. Eu reconheço que não estava preparado para essa cobrança toda e para conviver com a cidade de SP, conviver com a pressão. Ufa..tive dificuldades , sofri...

Por um lado, era bom estar naquele departamento com vários farmacêuticos, com vários exemplos a serem seguidos, pessoas com nome, cargos importantes...mas também isso me deixava aflito. Eu não sabia se tinha que falar com essas pessoas tão importantes... Chegou um momento em que eu entendi que sim, que eu estava ali para aprender a lidar com isso tudo. Aprendi a lidar com diferentes personalidades, de más de 20 farmacêuticos e dos outros profissionais do HC. Havia que lidar com muitos egos, mas a residência me deu mais segurança e entendi que era eu, não a minha profissão, que tinha que lidar com escolhas, e decisões. Não me arrependo de nada, no começo foi difícil, mas eu achei um lugar confortável, eu falei “vou em frente”. Há uma realização muito grande que tem por trás disso... eu abdiquei de muita coisa para estar aqui!

O HC, definitivamente, me ajudou a chegar ao mercado de trabalho e a entender a profissão e me ajudou a abrir a minha vontade para continuar estudando. Me deu vontade de fazer outras coisas porque eu também gosto de fazer pesquisa, fazer pós, dar aula, eu descobri no HC que isso era legal. No HC aprendi a enxergar que a farmácia é com um trem onde você sobe e viaja... não é um molde. Eu posso ser “muitas coisas”, e eu sou muito inquieto...

O HC me deu até possibilidade de participar da experiência do LabLei. Em uma reunião a Vanusa, explicou a proposta e eu fiz a minha inscrição porque pensei: “de ler eu gosto”, e, “como ia ser dentro do horário da residência, vou ter uma hora o duas de sossego, de viagem para outro mundo “.Eu gosto de ler e debater livros. Na verdade, eu gosto de analisar tudo, é um defeito. Eu analiso tudo. O Lablei era uma oportunidade de análise. Eu falei “olha que delícia vou analisar as outras pessoas e elas vão analisar o que estou fazendo”. Eu sabia que ia ser uma coisa legal.

Eu gostei do processo foi muito bom para mim, porque penso que “o leitor se vê na leitura o tempo todo” e eu gosto disso. A leitura me dá essa possibilidade de ter vários papéis porque penso que o ser humano não é um só ...ele tem muitos dentro de si. A leitura me traz o eu romântico, o eu bravo, me traz o eu obstinado, o eu feliz, o eu triste...traz vários “eus” que gosto de ter de ter contato com ele. Porque eu convivo com eles.

Fazer isso dentro do local de trabalho me agregou bastante porque era um momento onde ficava mais sensível e dava para expor emoções... Era um momento onde, às vezes, eu conseguia tirar uma perola ali que você não sabia, mas que tinha adentro de mim.

Também era bom ouvir o outro...que foi algo que eu aprendi aqui em SP na residência e nos encontros do LabLei...não é importante só a minha opinião, não é só eu que sou dono da verdade, não é só meu sofrimento e o meu aprendizado, e a minha visão daquilo.

Em alguns livros eu tinha dez pontos de vista diferentes sobre um assunto. Muitas vezes eu falava para o grupo: “não esse cara esse é um fdp”, mas outro participante falava: “aí eu achei ele tão lindo tão fofo”. Eu ficava surpreso com isso. Nesse momento emergiam todas as nossas fragilidades do dia a dia, naquele momento a gente podia ter fragilidade, ter sensibilidade. Fiquei com essa impressão.

Eu já tinha contato com algumas pessoas do grupo, mas penso que depois da experiência a gente ficou mais próximo. Imagina fazer essa experiência com a chefe do departamento de Farmácia do HC? Ela também pensa, também pensa e sofre que nem eu.

Então, no dia a dia do grupo da experiência era todo mundo igual, todo mundo tinha dores. Eu acho que isso aproxima as pessoas, e eu acabei ficando mais próximo de muita gente e acabei tirando a minha máscara...A leitura, no ambiente de trabalho aproximou mais sim, porque era mais um assunto, para quebrar a nossa rotina. Não era um assunto técnico... mais um assunto para sair um pouquinho daquela correria... Foi uma coisa diferente.

Eu acho que o farmacêutico é muito cartesiano. Demasiado. Dentro da Farmácia do HC tudo é muito cartesiano. Por isso a experiência do LabLei era algo diferente era dentro do ambiente de trabalho. Eu voltava mais relaxado, mais tranquilo para casa...

Eu tive algumas faltas aos encontros por causa do trabalho. Eu tinha que ficar no serviço. Com o tempo isso foi respeitando ... discutir livro? As pessoas não entendiam no começo. Mas depois eles falavam “ele tem a reunião do livro” Ganhei esse espaço. Era um compromisso. Mas foi difícil.

Mas outras vezes eu faltei foi porque eu não estava bem psicologicamente e eu sabia que eu estava vulnerável e não ia ser legal para estar na reunião. Talvez eu não ia me sentir bem para discutir coisas que iam mexer mais ainda com meu eu, talvez foi uma fuga ou auto sabotagem... porque não queria ver a verdade, então, fugi. Há dias que eu posso não estar legal...Mesmo tendo um contato bom com tudo mundo do grupo, teve dias em que eu não queria ter esse momento.

Eu tive muitas ideias depois dos encontros. Eu já tinha pegado o primeiro livro para ler, mas eu não dei conta, com 20 e poucos anos, eu tinha ouvido falar, peguei para ler, mas não gostei. Então quando você falou no primeiro encontro desse livro, falei: “gente... chegou a hora...vou ter que ler... tenho que ler esse livro”.

Da um incômodo esse livro porque realmente mostra esse condicionamento que a gente vive hoje em dia: “a roupa tem que ser assim o cabelo tem que ser assim ... isso é assim é aquilo assado” Isso me incomodou ...,

Mas “Enfermaria número 6 “mexeu mais ainda. Porque eu vi o quanto que o ser humano é frágil, mexeu comigo. Uma pessoa passar por tudo aquilo, aquele sofrimento... O Ivan Illich, aquele me mostrou nossa realidade tb... ah eu sou farmacêutico e tenho que fazer mestrado, doutorado. tem mesmo? É isso mesmo que você quer? Tem que fazer isso ou aquilo? É você que quer ou é a sociedade que está pedindo? Eu gostei dos livros.

Foi muito bom ter participado, para nosso ambiente de trabalho porque o farmacêutico lida com várias coisas ao mesmo tempo...foi trazer a realidade, tirar a máscara nesse momento foi importante. Sempre tive liberdade para falar e dar a minha opinião, não tive medo de me expressar, de ser espontâneo.

Desde pequeno eu gostei de ler e até já escrevi um livro quando era pequeno. Eu sempre tive um contato muito bom com a literatura. Ela me faz viajar, ir longe, isso é muito bom para mim, eu gosto disso e isso me ajuda muito. Na minha mudança para SP, acabei perdendo um pouco disso, deixei de lado isso e é uma das coisas ruins de SP. Por isso o LabLei era uma oportunidade para retomar essa parte da minha vida

NARRATIVA 3: Residente Laura

“O farmacêutico não é mais o profissional “do medicamento”, ele é o profissional que cuida do “usuário do medicamento”

Sou de São Bernardo do Campo, nasci e fui criada lá. Na minha família meu pai é advogado e a minha mãe é professora de educação infantil e especial. É curioso... Meu irmão mais novo também é farmacêutico... Talvez ele tenha seguido meus passos. Nós temos uma ligação muito próxima.

A minha história com a Farmácia começou no colegial, eu tinha pensado em várias carreiras, mas não sabia o que queria fazer. Porém, como entrei em um colegial preparatório para o vestibular, eles sempre incentivavam os alunos a conhecer diversas áreas e disponibilizavam orientação vocacional. Com os testes vocacionais eu sabia que a minha grande área era biológicas, provavelmente algo relacionado à saúde. Então um dia eu vi uma palestra sobre farmácia e pensei: “nossa, isso é a minha cara!”. Era a minha cara, porque eu sempre gostei muito de química e eu vi muito dessa disciplina nesta carreira. Mas também gostei porque a Farmácia é uma área muito ampla. Vi que podia trabalhar com diversas coisas e acabei gostando dessa versatilidade. Comecei a estudar mais, conversei com vários profissionais, fiz até uma visita em uma farmácia de manipulação. Então, no final do 1º ano do colegial já tinha decidido que queria ser farmacêutica.

Comecei a faculdade, Ciências Farmacêuticas, na Faculdade de Medicina do ABC, e me apaixonei de vez. O currículo de lá era muito completo, mais rico do que tinha em muitas universidades, por isso optei por lá depois de bater na trave duas vezes no vestibular da USP. A minha formação foi boa, não é uma faculdade fácil, requeria muita dedicação, era puxado. Muitas aulas e estágios... Cheguei a ter 14 matérias em um único ano..., mas foi muito legal! Fiz muitos estágios ao longo do curso, conheci tudo que eu podia para decidir qual área da Farmácia seria mais meu perfil, desde drogaria, farmácia de manipulação, laboratório de análises clínicas, até hospital e Pesquisa Clínica. Foi no

meio desta procura que minha história com o HCFMUSP começou. Um veterano me falou que estavam precisando de alunos de iniciação científica nos laboratórios de pesquisa. Passei quase três anos lá na área de cardiologia vascular.

Antes de me formar, recebi um convite de um professor que estava precisando de uma analista de análises clínicas e que me ofereceu uma vaga. Eu comecei como plantonista durante a faculdade, tentando conciliar tudo com o final do curso. Gostava bastante do laboratório, mas depois de um tempo acabei aceitando que, depois de tantos estágios, o que eu queria mesmo era estar em um hospital e trabalhar com Farmácia Clínica. Por isso pedi demissão e comecei a estudar para fazer Residência, assim eu achava que me prepararia melhor para entrar na área, e até hoje acho que foi uma das melhores decisões que tomei.

Em 2016, entrei em uma das Residências Multiprofissionais do HCFMUSP, foram dois anos no programa de Prevenção e Terapêutica Cardiovascular. A experiência foi muito rica na área de Cardiologia. Realizava todo o seguimento farmacoterapêutico dos pacientes, desde a admissão, avaliação de prescrições de medicamentos, entrevistas, avaliação de adesão ao tratamento, elaboração de plano terapêutico, orientação de alta hospitalar, participação em campanhas de prevenção, entre muitas outras atividades.

A Farmácia Clínica é a minha paixão, é o que realmente gosto de fazer. Me traz muita felicidade e considero isso muita sorte porque tenho a oportunidade de trabalhar com o que gosto. Eu sou uma pessoa bem ativa, não gosto de ficar na mesmice, gosto de fazer coisas diferentes, por isso me apaixonei pela rotina do hospital, pois acabo conhecendo várias pessoas, vários profissionais, e cada dia é um dia diferente. O que mais me atrai é o cuidar, gosto de fazer diferença... É o que me dá prazer na área da Farmácia Clínica. Terminei em 2018 a Residência, mas como abriu uma vaga no hospital, consegui ser efetivada. Ultimamente têm surgido muitas vagas para farmacêutico clínico devido as creditações que os hospitais estão buscando.

Os livros também são uma grande paixão da minha vida assim como a minha profissão. Como minha mãe é professora, ela sempre incentivou os filhos na leitura. Ela sempre leu muito para meu irmão e para mim. Quando estava sendo alfabetizada, minha mãe me levou em uma livraria e me falou: "Você pode escolher qualquer livro!". Escolhi

“Sonho de uma noite de verão” de William Shakespeare, só que uma versão infantil e ilustrada, era um livro muito bonito, por isso chamou minha atenção. Esse foi o primeiro de muitos e muitos livros na minha vida.

A partir daí comecei a ler muito... Lógico, quando era mais nova eu lia coisas mais simples, livros com muitas gravuras e atividades. Logo depois veio Harry Potter, que foi muito importante. Lembro que ganhei o primeiro livro de Harry Potter da minha tia, quando tinha dez anos.

Hoje em dia ler é meu principal hobby, gosto de ler um pouco de tudo. Leio em casa, no ônibus e no metrô. Atualmente eu gosto muito de romances de época, estou nessa fase agora... Adoro a Julia Quinn e a Mary Balogh! Gosto muito também de livros históricos e biografias como “As irmãs Romanov”. De autores brasileiros, gosto bastante da Carina Rissi. Mas já tive várias fases. Na adolescência, gostava muito da cultura pop japonesa, de mangás e de animês. Tanto que tenho uma coleção de mangás desde os 12 anos, são quase 900 atualmente. Eles são intocáveis para mim. Eles fazem parte da minha história.

Eu fiquei sabendo do LabLei quando o grupo estava lendo o livro de Murakami. Uma participante que estava trabalhando comigo me falou da experiência e eu fiquei interessada. Um dia falei com ela e fui participar de um encontro para ver como era a dinâmica. Pedi autorização para a minha chefe e ela falou que se fosse sempre de terça feira, tudo bem. Eu não tive maiores problemas com o serviço, porque os encontros eram ao final do expediente então era tranquilo, era ótimo. Daí, comecei a frequentar o grupo desde o ciclo do livro Ivan Illich.

Eu conhecia a quase todos do grupo e conhecia à chefe do departamento. Achei que foi muito legal participar porque todo mundo contribuía e porque como profissionais da saúde nós discutimos vários assuntos, alguns que até tinham a ver muito com as pessoas, com o trato ao outro. Foi uma experiência muito rica, ainda mais nesse contexto de saúde pública. Muitas vezes o farmacêutico precisa ser cutucado para refletir sobre algumas coisas essenciais. Nossa formação ainda é muito técnica, precisamos desenvolver mais o cuidado humanizado.

Com a exceção do livro “Enfermaria número 6”, eu gostei muito das obras escolhidas. Esse conto em particular mexeu muito comigo e eu ficava muito angustiada porque não era um conto leve. Por conta do trabalho no hospital, ultimamente prefiro pegar coisas mais leves para ler, já lidamos com muita desgraça no dia a dia. Achei pesado demais para o momento... A leitura para mim é um momento para relaxar, por isso aquele conto me incomodava. Eu entro muito nas histórias, nas personagens e imaginar tudo aquilo me deixava triste. A crueldade e a injustiça que vivenciam as personagens... Aquilo me incomodava demais.

Lembro que, quando debatemos o livro “A morte de Ivan Ilich”, houve uma reflexão muito boa sobre a morte. Também me surpreendi demais com o livro “A elegância do ouriço”. Não imaginava que ia gostar tanto, li tudo em poucos dias.

O LabLei sempre foi uma boa experiência... Era um momento de espairecer um pouco e de discutir. Era outro tipo de convivência com os colegas. Para mim, o profissional farmacêutico precisa desse tipo de formação mais humanista, porque ainda hoje as pessoas o vêem como uma pessoa muito técnica, embora isso esteja mudando aos poucos. O farmacêutico não é mais o profissional “do medicamento”, ele é o profissional que cuida do “usuário do medicamento”. A Literatura científica já tem demonstrado que a atuação do profissional consegue aumentar muito a segurança do paciente. Então, nessa perspectiva, precisa-se rever o currículo desse profissional, porque ele ainda é muito técnico, e querendo ou não, para lidar com o paciente ele precisa ter toda uma preparação. O farmacêutico precisa ter experiências mais “humanas”, principalmente quando está em contato direto com o paciente, para assim saber o real significado do cuidado ao paciente.

NARRATIVA 4: Residente Raque”

“Sair dos bastidores e nos tornar protagonistas”

Sou natural de Mococa, cidade mediana do Estado de São Paulo. Nasci como a segunda filha dentro de uma família de classe média de pais trabalhadores. Tive uma vida confortável e uma infância tranquila e feliz porque a minha única preocupação era brincar com meus irmãos e vizinhos e a e ir para a escola.

Na adolescência lembro bem do momento de escolher uma carreira. Meu pai cuidou sempre da minha educação então sempre cobrava sucesso das escolhas dos três filhos. Ele dava muito valor à universidade pública e foi algo que influenciou muito na minha decisão profissional. Como toda família de classe média, sempre eram priorizadas as profissões tidas como de sucesso: medicina, engenharia, direito. Eu escolhi fazer medicina, mas também queria ter uma alternativa, uma profissão que fosse mais fácil de entrar do que a de medicina. As outras carreiras estavam fora de questão de meus gostos. Durante o colegial, no processo de orientação vocacional, lembro que me chamou a atenção a profissão de farmácia. Ademais, a minha mãe tinha me falado sobre essa outra possibilidade. Eu me convenci de que era interessante a área da Farmácia.

Eu optei por prestar vestibular em medicina e em farmácia. Eu cheguei a prestar vestibular de medicina em duas faculdades, mas acabei passando nas faculdades públicas de farmácia, uma delas a USP de Ribeirão Preto. Durante os dois primeiros anos da faculdade eu tive dúvidas se realmente era o curso que eu queria fazer uma vez que algumas matérias que não eram do meu gosto. Eu fiquei indecisa e até pensei se devia ficar na carreira de Farmácia ou devia tentar de novo medicina... Era uma questão de gosto familiar, e de uma prospecção melhor de futuro.

No entanto, eu sempre fui uma pessoa determinada, nunca fui de desistir, e decidi ir até o fim da faculdade de farmácia. Logo que terminei o curso eu queria muito trabalhar em indústrias multinacionais para ter a possibilidade de viajar para fora do país e poder

aprender línguas. Só que a vida dá sempre surpresas... logo que me formei perdi à minha mãe. Foi um momento bem difícil tanto profissionalmente, porque era um momento de crescer com estágios e tudo mais, como emocionalmente. Foi algo devastador, porque a minha mãe era muito parceira e dava suporte emocional para a família, ela era quem dava junção, estabilidade, amor. Era maravilhosa. A família toda se desestabilizou, ficamos todos perdidos sem a figura principal que tínhamos. Depois de um tempo, acabamos superando, cada um a sua maneira, e conseguimos ter foco na parte profissional e tocando a vida... Após fazer algumas entrevistas nas indústrias, percebi que aquilo era um mundo diferente do qual eu tinha sido criada. Por ter feito faculdade no interior, eu tinha uma concepção interiorana e voltada para o lado científico da carreira. Notei que não estava preparada para aquelas entrevistas porque a faculdade não tinha me preparado para atuar naquele âmbito. Nas entrevistas que eu tive, notei que as empresas não prezavam tanto o conhecimento técnico, mas outro tipo de habilidades. Eu até que acabei me saindo bem e cheguei nas fases finais de processos seletivos, mas me perdia no idioma inglês que era algo que me faltava mesmo.

Apesar das dificuldades eu insisti bastante e acabei passando no processo seletivo da empresa Johnson e Johnson que era uma empresa com ótimo status e que me interessava muito. Eu consegui passar na Johnson e fiquei feliz por poder seguir adiante. Foi um momento muito feliz ter conseguido esse estágio porque deu ânimo para sair do muito ruim do ano anterior.

Porém, logo em seguida, em 2009, quando eu mal havia começado o estágio, a minha vaga foi congelada por conta de uma crise econômica internacional. Não consegui seguir na Johnson e aquilo foi outro momento crucial na minha vida. Eu sentia que estava refazendo a minha vida e de novo tinha que lidar com uma notícia dessas... Fiquei muito triste porque eu tinha um sonho muito grande de entrar nessa empresa. Foi um golpe duro para minha vida e outra fase difícil para mim. Fiquei sem saber o que fazer e decidi voltar para Mococa. Naquela época eu não sabia muito o que fazer, portanto, aceitei trabalhar em uma drogaria comercial que recém tinha inaugurado na minha cidade. Foi desafiador porque era um trabalho que eu nunca tinha pensado em desenvolver, não me atraía, porque não achava que dava para desenvolver algo relacionado à Farmácia.

Apesar de tudo, eu consegui me desenvolver como profissional porque aprendi o que era um trabalho naquele mercado, um mercado concorrido de disputa e mais corporativista. Trabalhei por 5 anos e acho que desempenhei bem meu papel, como uma garota nova, eu cresci bastante e pude ver o que eu queria para minha carreira e aonde eu queria chegar. Entendi que precisava continuar estudando e que eu não queria ficar ali naquela drogaria do interior para sempre. Durante esse trabalho continuei estudando, para concursos públicos, e porque também tinha pensado fazer uma pós-graduação.

Em 2016, surgiu a oportunidade de fazer uma residência. Prestei para a residência do Hospital das Clínicas e passei. Fui chamada para a entrevista, e deu certo.

A partir dali eu comecei uma nova jornada, porque dessa vez eu tive que mudar de perspectiva porque tinha que ir para capital do meu estado, a cidade de São Paulo. Eu já era uma pessoa adulta e tinha uma bagagem profissional e de vivências que me deram um crescimento pessoal. Fui para São Paulo com uma nova visão sendo mais pé no chão, mas decidida. A residência no HC foi primordial para que eu valorizasse a profissão farmacêutica. Lá eu vi pessoas realmente apaixonadas pela profissão e vi como o profissional farmacêutico podia atuar como promotor da saúde e como pesquisador e ser um profissional competente. Aprendi muito por lá! Aquilo me despertou a minha paixão, pela primeira vez, pela profissão. Decidi que eu queria me aprofundar na área para me desenvolver melhor, queria me capacitar para melhorar a saúde da população de hospitais públicos.

Eu não imaginava que iria ser tão importante aquela mudança de vida foi uma experiência incrível, só tenho a agradecer... Foi muito enriquecedora na questão profissional e pessoal. Eu percebi com SP é incrível, fiz amigos, conheci pessoas maravilhosas, pessoas diferentes, pessoas com outras histórias. Terminei a residência, Eu não consegui nem participar da formatura de residência, porque tive que mudar por conta de uma proposta de trabalho. Foi triste porque foi como se não tivesse finalizado aquilo.

Durante a residência no Hospital das clínicas participei do grupo de leitura chamado "LabLei". Lembro-me que a encarregada da educação continuada junto com a chefe do departamento falou sobre o trabalho que estava desenvolvendo um

farmacêutico pesquisador sobre como a leitura podia humanizar a atuação dos farmacêuticos em esse hospital.

Eu achei aquilo muito interessante porque nunca tinha imaginado a relação entre a humanização e a leitura de livros com profissionais da saúde. Ainda mais no farmacêutico que não é um profissional tão visado ou sempre está nos bastidores sem ser protagonista. Por outro lado, essa proposta me chamou a atenção porque eu gostava de ler. Tanto pelo fato de que a leitura nos leve para outro mundo e possibilite a nossa imaginação, quanto pelo fato de que a leitura nos possa tornar pessoas mais evoluídas, com a mente mais aberta. Ela permite que a gente conheça coisas sem estar presencialmente naqueles lugares. Eu quis participar, achei diferente, inovador, e queria participar porque era uma maneira de eu retomar a leitura na minha vida... a leitura estava meio esquecida desde o colegial.

Lemos livros muito interessantes, talvez eu não tivesse escolhido aqueles, e isso foi interessante porque abriu a minha mente, as minhas possibilidades de escolhas e leituras e quebrou preconceitos, e que eu podia ler qualquer tipo de livros...

Foi muito legal, nós lemos 3 livros, não consegui concluir com vocês a elegância do ouriço porque foi no final da minha residência.

Foi uma experiência interessantíssima pela forma em que foram apresentados os livros como pelos debates a partir das histórias. Eu consegui pensar refletir sobre a minha visão das coisas, na minha leitura e o mundo que eu criava. Estes, muitas vezes, eram diferentes do olhar de outras pessoas que estavam no grupo. Quando o grupo discutia um assunto eu reparava que o que os outros falavam não tinha passado pela minha cabeça...Visões sobre os personagens eram diferente. Isso me surpreendia porque eu tinha pensado tal personagem de uma maneira totalmente diferente... Isso foi legal porque eu conseguia entender porquê eu não tinha percebido aquele detalhe ou característica ou porque eu tive aquela visão do livro. Apesar de querer defender meu ponto de vista, eu acabava aceitando a opinião ou visão dos outros participantes do grupo.

O dia a dia da residência era legal, mas era muito puxado, estressante, desgastante. Os dias em que a gente tinha as reuniões do LabLei, que eram esperadas,

eram dias mais leves, porque o grupo saía daquela rotina e tinha um espaço lúdico dentro do hospital. Era um momento prazeroso que deixou boas lembranças. Foram muito especiais aqueles momentos. Retirar a gente daquele universo do hospital era muito bom, gostoso. Foi um contexto muito bom. A leitura trouxe mais um momento de estar no HC de forma prazerosa e deixou de ser uma obrigação para o vestibular ou uma obrigação pessoal para demonstrar algo à mais da minha pessoa.

Atualmente trabalho em um hospital público universitário em um estado do país que é diferente com uma cultura diferente, o clima é húmido e frio, ventoso. Estou longe da minha casa, da minha família, dos amigos de Mococa. Tive que construir tudo de novo, rede de amigos, redes de trabalho e até um lar. Tem sido um crescimento muito bom.

Nesse ano, apesar dessa loucura, comecei o ano mais centrada em mim, passei 2 anos gastando energia profissionalmente e emocionalmente com coisas que não resultaram em coisas boas, poderia ter focado a minha energia de outra maneira, acabei sofrendo muito com isso. Então em 2020, com ajuda, tentei focar mais em mim, e comecei a retomar a leitura.

Tenho lido feito de uma maneira leve, de forma prazerosa, sem obrigação, estou curtindo o livro e gostando da leitura, como se estivesse lendo para discutir no grupo. Ter o grupo seria uma coisa boa.

Retomei a Elegância do ouriço esse ano de 2020, e penso como seria a minha visão desse livro se tivesse discutido com vocês os personagens as histórias, os pensamentos, questionamentos os embates que o livro traz. Está sendo bom ler o livro porque lembro de vocês e me traz boas lembranças daquele tempo.

NARRATIVA 5: Juliana, diretora de departamento

“Olhai os lírios do campo” ...

Eu sou de Minas Gerais, de Cambuquira, uma cidade que é perto da divisa com o estado de São Paulo. Mas saí da casa dos meus pais bastante cedo, com 16 anos porque fui fazer cursinho preparatório de vestibular em Juiz de Fora. Lá fiquei por um ano e depois mais cinco anos de faculdade. Então...eu precisei fazer cursinho porque tinha feito escola pública... naquela época meus pais não tinham dinheiro para pagar escola particular. No segundo grau, com 15 anos, eu já sabia que queria estudar farmácia. Já gostava da área de saúde. Na minha família não tem ninguém farmacêutico, mas sim tem médicos, enfermeiros, pessoas ligadas à área da saúde.

Mas eu consegui fazer o cursinho, meus irmãos já tinham passado por esse processo antes. Foi difícil fazer o vestibular, mas consegui passar na faculdade federal de Juiz de Fora. Na época não tinha universidade particular de farmácia, e as que tinha eram caríssimas.

Eu escolhi a carreira de Farmácia porque eu gostava muito de química e de biologia. São matérias que eu sempre me dava bem na escola, embora eu gostava também das humanidades, de história, geografia, de literatura. Meu pai sempre me falava para eu fazer Medicina ou Direito, mas eu me saía muito bem em química e biologia e por isso fui fazer Farmácia.

Na verdade, foi uma ilusão essa escolha, depois que comecei a fazer o curso vi que era um curso bem técnico, muitas atividades de “bancada de laboratório”. Porém, posso falar que gostei de fazer, e que gosto até hoje. Acontece que, lá em Minas, farmacêutico que atuava em drogaria só assinava papéis, não ficava presente e atuante na drogaria, pois os Conselhos Federais e Regionais de Farmácia não fiscalizavam e ganhava menos que o piso salarial estabelecido. Quem queria ganhar um pouco melhor ia para a indústria farmacêutica, havia poucos farmacêuticos hospitalares. Naquela época a farmácia hospitalar e a farmácia clínica não eram tão desenvolvidas e a carreira era

concorrida por conta das poucas faculdades. Tinha faculdade pública e algumas poucas faculdades particulares.

Quando eu fui estudar farmácia eu não via essa carreira como sendo da área da saúde, na verdade, não via que eu ia trabalhar com pessoas, pensava que ia trabalhar em bancada, queria trabalhar com tubos de ensaio, com equipamentos, exame de sangue. Eu me via como uma cientista.

Bom, comecei lá pelo ano de 1994 em Juiz de Fora e me lembro que foram anos maravilhosos! A minha irmã já fazia enfermagem por lá e por isso fui morar com ela em uma “república”. Lá conheci várias pessoas, foi bem legal, mas teve o lado ruim também porque estávamos longe da família, teve momentos difíceis, logicamente.

Foram 5 anos dessa vida... Só que chegou um momento em que eu não via a hora de acabar e começar a trabalhar, -mas depois senti saudades, reconheço-. Eu estudava para as provas e passava, mas tinha muitas matérias chatas também. As legais eram anatomia, química... eu entendia, tinha facilidade. Lembro que tinha um livro de química que eu adorava - VOGEL - era um livro bem didático.

Quase no final da carreira eu decidi vir a São Paulo para fazer um estágio de conclusão de curso no Hospital das Clínicas (HC) já que a minha faculdade tinha um convênio. Gostei muito de fazer o estágio, porém, me lembro que eu fazia controle de qualidade que era uma coisa muito técnica. Depois de concluí-lo voltei para Juiz de Fora para terminar a faculdade. Me formei no ano de 1998.

A minha volta para SP, após me formar, foi por causa do relacionamento que eu tinha na época. Eu não aguentava mais namorar de longe, então decidi vir para São Paulo para morar com ele. Depois de morarmos juntos um tempo eu casei formalmente e ele é meu marido até hoje.

Já em SP, fiquei um tempo sem trabalhar, eu queria fazer mestrado. Foi quando eu vi o concurso que tinha aberto para o HC. Tinha curso de aprimoramento (com duração de 1 ano) e tinha o concurso para atuar como farmacêutico no HC.

Como passei no concurso de farmacêutico, optei por trabalhar como farmacêutica na área de Farmacotécnica (manipulação de medicamentos estéreis). Ali, comecei a trabalhar com pessoas, com os pacientes. Foi algo que me interessou pois era bem

diferente do que eu tinha feito no estágio, que eram atividades mais técnicas e limitadas. Eu trabalhava só com equipamentos, o que por vezes tornava-se, repetitivo e cansativo.

Faz 17 anos que trabalho no departamento de Farmácia do HC. Atualmente estou na área de produção, sou da área de farmacotécnica hospitalar, chefe de produção. Somos 7 farmacêuticos nessa área, mas trabalho com muitos colegas do departamento, é uma equipe de 70 pessoas que trabalha na Farmácia. Na minha área, de produção, se faz transformação de especialidades farmacêuticas, não é uma área de indústria farmacêutica, mas de adequação de formas farmacêuticas para pacientes com necessidades especiais. Eu gosto desta área porque também consigo trabalhar com atenção farmacêutica que é uma atividade que passou a me atrair muito.

Trabalho diretamente com o paciente porque os farmacêuticos, neste hospital, estreitaram essa relação e dão importância à farmácia clínica. Eu gosto de trabalhar aqui porque gosto da política do departamento de Farmácia, mesmo que seja uma instituição pública, nós temos autonomia, podemos escolher, ao contrário do que acontece em muitas instituições privadas.

Mas eu tenho refletido bastante trabalhando aqui no HC... Para mim, a saúde, como tudo no Brasil, educação e segurança, é caótica. As minhas expectativas não são das melhores a respeito da saúde, não vejo um futuro muito legal. Incomoda bastante trabalhar pensando nisso, mas o HC, por exemplo, é um mundo à parte. Aqui tem pessoas muito influentes, tem professores da USP, tem coisas que acontecem no HC por causa do corpo clínico ímpar que trabalha aqui.

O Brasil, em termos de saúde, parece viver em uma inércia. Incomoda muito ver como as pessoas vivem, como são tratadas, não aqui no HC, mas o que se vê no dia a dia incomoda..., mas o que a gente faz para mudar?

Uma parcela da sociedade consegue sobreviver bem, aos trancos e barrancos. Só acho que vai ter uma hora que vai ter uma explosão, e nós também seremos atingidos. Incomoda-me a desigualdade social, que é estúpida, e a desonestidade também. Mas não só dos políticos, o que parece ser muito natural e aceitável, mas aquele “o jeitinho brasileiro”. Há que se ter muito autocrítica, nós brasileiros, precisamos desenvolver isso.

Por isso tudo, já tive altos e baixos durante meus anos de trabalho, já pensei muitas vezes em sair do HC por questões de remuneração, porque o farmacêutico, geralmente não ganha bem. Isso tem a ver com “n” fatores, não tem a ver com o hospital, mas com a classe profissional. Ela não tem muita união, não é uma classe corporativa.

No entanto, eu acabei ficando no HC porque eu gosto de saúde pública. Já tive propostas de trabalhar em outros lugares, mesmo na indústria farmacêutica, mas quando refleti e coloquei na ponta do lápis, eram propostas que davam em “elas por elas”, em termos de remuneração. Eu me arrependo de ter desistido de algumas propostas, mas era bem complicado porque eu teria que ter dado um “passo atrás” profissionalmente para depois poder avançar. Talvez estaria ganhando muito mais dinheiro, mas dinheiro também não é tudo, para mim. Eu entendo que a minha escolha final valeu a pena, mas não quer dizer que não quero sair mais daqui, nunca mais. Em SP há muitas oportunidades...

Aqui no departamento de Farmácia temos a área de Educação Continuada. Já tivemos muitos treinamentos, alguns com o foco em humanização. No entanto, eu me surpreendi quando houve a proposta do Laboratório de Leitura, porque o debate de literatura é inovador, te toca de maneira diferente, te transforma, te leva à uma reflexão profunda e encontro consigo mesmo. No caso de nós farmacêuticos, creio que a experiência nos trouxe outros subsídios para entender o que é humanizar e ver outras formas de humanização possíveis. Eu achei maravilhoso poder participar. Apesar da correria, da questão do tempo e das reuniões, eu consegui participar porque foi um horário adequado, conveniente para mim, um horário de finalização do meu expediente.

Eu não tinha lido nenhum dos autores que lemos durante os 4 ciclos. Por momentos foi difícil falar, porque eu ficava pensando... “o que as pessoas estão pensando sobre mim?”. Muitas vezes me contive de falar... é a questão do chamado “politicamente correto”.

Durante a experiência houve momentos onde eu fiquei irritada com certos debates e enxerguei a minha própria intolerância. Reconheço que tenho essa dificuldade de aceitar quem não tem a mesma ideia do que eu... Às vezes me irrita, mas sou um Ser Humano né?

Isso é uma coisa que eu tenho que trabalhar porque aqui no HC eu trabalho com pessoas, convivo com pessoas, ando no metrô com pessoas. Às vezes eu tenho muito preconceito e isso pode ser um alarme de estar envelhecendo, me vejo como meu pai... Eu não sou dona de verdade nenhuma ...quem sou eu? É inadmissível ser assim, mas as vezes eu tenho essa postura... quem você quer ser?

Por isso o LabLei me ajudou bastante em alguns momentos...ele me trouxe um chão para pôr o pé no chão. Ter interagido com pessoas mais jovens abriu muito a minha cabeça – até porque vários dos que participaram têm idade para até serem meus filhos. Foi importante porque interagindo com eles eu fui ficando mais jovem, abri a minha cabeça para ver ideias que eu nem pensei nos debates. Os jovens te trazem para o mundo de hoje, por isso é importante abrir a cabeça. Não adianta, é muito ruim você ficar dono da verdade!

Isto é muito importante, porque eu já convivi com pessoas muito intelectuais que acabaram sendo pessoas entediadas e esnobes. Me parece que algumas pessoas não querem que mais ninguém seja intelectualizado, mas o que é ser intelectualizado? Para mim, o legal é que todo mundo leia e seja intelectualizado.

Eu ficava com raiva quando no programa do Ratinho ele falava “a música clássica é para rico, pobre não entende”. Como assim? Eu ficava “p” da vida porque ele ficava alimentando preconceitos. E assim, todos vamos ficando cada vez mais ignorantes e o Brasil vai ficando mais subdesenvolvido ainda, com diferença social, essas coisas que fomentam nesse tipo de discurso.

A música clássica, a literatura, um poema, uma obra, uma pintura, uma escultura...isso demanda ter sentimentos e emoções. Não tem nada a ver ser pobre ou rico, não há por que entender a arte, mas senti-la. A pessoa pode não ter muito dinheiro, mas pode ter um grande espírito. Vou contar como a Literatura é importante na minha vida...

Sempre fui de ler, gostei de ler, desde criança, por estímulo da minha mãe. Quando era criança eu lia muito quadrinho -acho muito legal-. Passei por essa etapa, que é natural porque não adianta forçar as crianças a lerem coisas que elas não gostam. Eu lia muito quadrinho, mas também tive fases onde eu li coisas “horíveis” tipo Sabrina ou romances

ridículos, de banca de jornal... até li Paulo Coelho, que hoje considero muito ruim, mas eu li os livros dele e aceito essa etapa.

Por acaso, quando eu tinha 16 anos descobri a Literatura com Erico Verissimo. Foi pegar um livro da minha mãe, o “Olhai os lírios do campo” para me transformar e começar a ler outras coisas. Eu achei lindo, simples esse romance.

A partir desse “ponto zero” comecei a ler Machado de Assis e aqueles autores obrigatórios para o vestibular também, “os clássicos da literatura”. Penso que nessa época comecei a gostar da literatura chamada de “boa”. Só que, na verdade, não creio que haja literatura “boa” porque a literatura “boa” é aquela que é prazerosa e que faz bem para cada um.

Uma lembrança engraçada que tenho com a literatura foi quando eu namorei um rapaz que estudava história, na época da faculdade. Ele lia livros legais, tinha muita bagagem para conversar, então, eu lia muito para ter o que falar com ele, para tentar impressioná-lo. Li muita coisa e acabei pegando o gosto de ler porque eu queria ler os livros que ele lia também.

Eu gosto de escrever também, tenho uma pasta com as minhas coisas. Só que as vezes jogo fora, releio, e por aí vai. Não tenho vontade de escrever um livro, mas de escrever para ter uma terapia... é gostoso, prazeroso, faço com vontade.

Bibliografia Consultada

Consultei o livro “Farmácia Literária”, de Berthoud e Elderkin (2018) para entender as escolhas das obras de ficção. Neste brilhante compendio de “livros medicinais” as autoras propõem a leitura de um livro para atender uma “doença particular” relacionada à alma do ser humano.